



Emater-DF 30
ENSINANDO E APRENDENDO anos

Emater-DF 30
ENSINANDO E APRENDENDO anos



BRASÍLIA, DF 2008

Governador do Distrito Federal
JOSÉ ROBERTO ARRUDA

**Secretário de Agricultura,
Pecuária e Abastecimento
do Distrito Federal**
WILMAR LUIS DA SILVA

Presidente da Emater-DF
CARLOS MAGNO CAMPOS DA ROCHA

Diretor - Executivo da Emater-DF
CARLOS CÉSAR VIEIRA DA LUZ



AGRADECIMENTOS

Agradecemos e congratulamos os beneficiários, os parceiros e os extensionistas que, durante esses 30 anos, emprestaram seus talentos, esforços e compromissos, provocando mudanças significativas no meio rural.

São histórias de superação, de fé, de personagens que participaram ativamente desse processo, de homens e mulheres que trabalham e ganham a vida no setor rural.

Cenas do cotidiano, receitas de vida, de saberes, de cores, de boas comidas, poesias e lembranças que certamente deixarão saudades, mas também a certeza de que são por momentos assim, que o trabalho vale a pena, que nos enchemos de coragem para voltar ao dia-a-dia de nossas atividades e ao encontro daquelas pessoas simples, que, silenciosamente, trabalham para construir uma Brasília cada vez melhor, mais feliz e mais justa.

Lembranças carinhosas dos colegas pioneiros, Crisóstomo Guanas Dourado, Ricardo Ferreira Barreto e Sônia Regina de Souza, que aqui estiveram desde os primeiros dias da Emater-DF e que, com competência, dedicação e amizade, fizeram desta Empresa a sua casa e aqui permanecerão para sempre na lembrança e no coração de cada um de nós. Especialmente, agradecemos a colaboração e o empenho de todas as equipes das unidades gerenciais da Emater-DF.

Tenham a certeza de que a história e a perspectiva de sucesso e vitória alcançada durante esses 30 anos da Emater-DF só foi possível porque os dirigentes, extensionistas, agricultores e parceiros assim a fizeram.

A Coordenação

Matsuura, Shigueo.
Emater 30 anos / Shigueo Matsuura, coordenador – Brasília: Emater-DF, 2008.
143p.

1. Assistência técnica – Brasil.
2. Extensão rural – Distrito Federal.
3. Agricultura.
4. Agricultura familiar.

CDU 631.115.11

Emater-DF 30 anos: ensinando e aprendendo/Emater-DF Brasília: Emater-DF, 2008.

Ficha elaborada pela bibliotecária Thereza Rosa Borges de Holanda, CRB-1/149.

Coordenação

SHIGUEO MATSUURA

Produção Editorial

FRANCISCO HERCÍLIO DA COSTA MATOS

Equipe de Redação

CHEILA ROSA APARECIDA GOMES

EMAR VIEIRA DE ALMEIDA

JOSÉ LUÍS MAZZARO

ROSA DE LIMA CUNHA

SÉRGIO DIAS ORSI

SHIGUEO MATSUURA

VERA LÚCIA PINHEIRO

Equipe de Produção

FLÁVIO FONSECA ALVES

IMIRA DE HOLANDA MATOS

Fotografias

ALICE DE HOLANDA MATOS

Arquivo Público do DF

Arquivos da Associação Positiva de Brasília

Arquivos da Seapa:

EMÍDIO FERREIRA

HENRIQUE MOREIRA

PRADERA

RINALDO MORELLI

ROSA DE LIMA CUNHA

SHIGUEO MATSUURA

VALÉRIO AUGUSTO SOARES DE MEDEIROS

Revisão

IRACEMA GOMES DE OLIVEIRA

NILDA MARIA DA CUNHA SETTE

SHIGUEO MATSUURA

VERA LÚCIA PINHEIRO

Projeto Gráfico

CÉCILIA JUCÁ DE HOLLANDA

Criação do Selo Comemorativo

JOÃO ALVES NOGUEIRA

Patrocínio

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO

EM AGRICULTURA - IICA

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA

SECRETARIA DE AGRICULTURA FAMILIAR - SAF

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL - SDT

Segunda Edição, revista e completada, em dezembro de 2008.

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

Parque Estação Biológica, Edifício Emater-DF

CEP 70770-915 Brasília, DF

Telefone: (61) 3340-3001

Fax: (61) 3340-3006

E-mail: emater@emater.df.gov.br

<http://www.emater.df.gov.br>

EXTENSIONISTA

Profissão de fé, de amor, e

dedicação...

Sacerdócio?!

É doação.

É ação de quem crê no homem,

na terra, na vida, na natureza, no céu!

É ser educador e aprendiz, do homem

da terra!

É vida para quem gosta de pisar na

lama, no estrume,

de respirar poesia, de contemplar o sol

e de sorrir para a chusa!

É conhecer de tudo, um pouco:

agricultura,

pecuária, saúde, educação, bambu,

fazer sabão!

Dizem, por aí, nesse vasto cerrado:

quem provou ou vai provar dessa cachaça,

extensionista é ou será,

pois é cachaça da boa!

É pinga que vicia!

É receita de extensionista!

É receita de vida!

É receita de gente que sabe,

melhor que ninguém,

aprender e ensinar!

De levar e trazer conhecimento e coisas boas.

Às vezes pode não trazer muitos

vinetês, mas vive muitas histórias,

alegrias, paz e harmonia.

Tudo que a gente precisa,

para ser feliz!

José Luis Mazzaro



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO Carlos Magno Campos da Rocha, 9

PREFÁCIO Argileu Martins Silva, 11

PALAVRAS DO GOVERNADOR José Roberto Arruda, 12

CONVERSA DE COMPADRES, 13

A ORIGEM DE TUDO... HISTÓRIA – 1940 a 2008, 21

Década de 1940 *“Brasil, celeiro do mundo”*, 21

Década de 1950 *“Anos Dourados”...*
Idealização de um sonho desafiador, 23

Década de 1960 Início de uma nova Esperança – Brasília, 26

Década de 1970 Surge a Emater-DF, arrancada para os records, 29

Década de 1980 Emater-DF, auto-afirmação e vulnerabilidade, 34

Década de 1990 Emater-DF, democracia e desenvolvimento sustentável, 37

Década de 2000 Novas perspectivas e novas preocupações, 45

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL - Emater-DF

Fatores que contribuíram para sua criação, 48

Pioneiros, 49

Estrutura institucional, 50

Estrutura organizacional, 52

Recursos humanos e capacitação, 53

Palavras dos ex-governadores, 56

Galeria de fotos, 58

Emater-DF: EXPERIÊNCIAS DE SUCESSO - PROGRAMAS, PROJETOS, AÇÕES E ATIVIDADES, 66

Crédito Rural - histórico no Distrito Federal, 67
Agroindustrialização no Distrito Federal, 71
Microbacia Hidrográfica - DF: agricultura orgânica e Projeto Água Certa, 72
Conservação dos Solos, 74
Território Rural de Águas Emendadas, 74
Ações de organização social, 75
Avicultura, 77
Ovinocultura brasileira, 78
Centro de Treinamento e de Capacitação da Família Rural (Center), da Emater-DF, 80
Experiências sobre o desenvolvimento rural no Distrito Federal e Entomo, 80
Festa do Morango de Brasília - 12 Edições, 82
Análise Econômica e Financeira - RURAL-PRÓ, 82
Pecuária Leiteira, 83
Comitê de Sanidade Animal e Combate às Zoonoses, 84
Histórias sobre legislação, 85
Interação Pesquisa-Extensão Rural, 86
Escola Bate à sua Porta, 87
Exames toxicológicos Pró-folhosas, 87
Inclusão digital das comunidades rurais do DF, 88
Horticultura, 89
Festa do Pimentão da Taquara e Pipiripau, 90
Semana de Tecnologia do Núcleo Rural Rio Preto, 90
Feira Alternativa de Planaltina, 91
Feira Alternativa de Brazlândia, 92
Piscicultura, 92

HOMENAGEM: IMIGRAÇÃO DA COLÔNIA JAPONESA – 100 ANOS DE ALIANÇA, 94

CONVERSA DE COMADRES, 96

Depoimentos, 104
Sabores da cozinha brasileira na capital do país, 129

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 138



APRESENTAÇÃO

A Emater-DF é uma empresa que abraça verdadeiramente as causas do produtor rural, do trabalhador e trabalhadora rural, em todas as faixas etárias, na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

É um time que unido, joga para vencer, investigando, questionando, tirando dúvidas, trocando conhecimento, aprendendo e ensinando, compartilhando no campo as dificuldades, os maus e bons resultados.

Ao longo dos 30 anos da história da Emater-DF, as dedicadas equipes de extensionistas e demais profissionais que compuseram e compõem o quadro desta empresa, todos os parceiros, que, junto com os pequenos e grandes produtores, homens, mulheres, jovens e idosos da área rural, acreditaram e construíram os caminhos da produção rural no Distrito Federal.

Neste momento, nada mais justo que olhar a estrada, rever os caminhos percorridos e homenagear com um registro, em livro, todos aqueles que participaram desta história.

Para esse registro, contamos com o apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, do Projeto de Cooperação Técnica (PCT), do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e de inúmeros técnicos, de agricultores e agricultoras que ajudaram a escrever esta história de 30 anos, materializando um sonho. Na caminhada profissional e entre os vários cargos que ocupei, com toda certeza, a presidência da Emater-DF vem sendo um dos mais prazerosos e profícuos na jornada da minha vida. Portanto, é com prazer que apresento este livro, espero que ele demonstre um pouco da beleza, da leveza e da grandeza do trabalho solidário da extensão rural, desenvolvido pela Emater-DF nas últimas três décadas (1978/2008).

Registro, ainda, a importância da participação da Emater-DF no processo de desenvolvimento do Distrito Federal, assegurando desde o início o aumento da segurança alimentar e a melhoria na qualidade de vida da população, em geral, e dos beneficiários diretos dos serviços prestados por ela.

Carlos Magno Campos da Rocha
Presidente da Emater-DF

Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.

Cora Coralina



É tão bom ter por árvore uns carinhos!
É tão bom de uns afetos fazer ninhos.

Castro Alves



PREFÁCIO

CERRADO – O COMPROMISSO COM O FUTURO

Do manto vegetal que recobre o Brasil, o sistema Cerrado se espalha desde o Brasil Central, atingindo por meio de manchas isoladas, até outras áreas de outros sistemas. É justamente ali que está implantado o território do Distrito Federal, a capital do País.

O que caracteriza o Cerrado é a vegetação “raqüítica e torcida”, com sistema radicular profundo; solos fracos e a baixa fertilidade; e uma grande variedade de plantas e animais. Duas estações bem definidas: uma seca e fria, o inverno, e outra chuvosa e quente, o verão. Outra característica que marca o Cerrado é o relevo, ora alto e plano, ora em vão que acaba em galerias de mata e ribeirões.

Esse sistema recobre 200 milhões de hectares, dos quais 75% estão no Planalto Central. É tido como a mais rica savana do planeta, e entesoura mais de 30% da riqueza em biodiversidade do Brasil.

Ao longo dos últimos anos, a pesquisa científica se encarregou de superar as dificuldades naturais e transformou o Cerrado em uma alternativa para produção de grãos. E esse processo tecnológico adotado levou-o a uma situação de saturação, indicando sinais de saturação e exaustão, e por causa disso, aumenta ainda mais a responsabilidade da assistência técnica.

Apenas a ação da pesquisa, descasada da assistência técnica, não garante as condições de manutenção e preservação do Cerrado.

Da mesma forma que, em apenas uma geração, quase levamos à exaustão esse patrimônio natural. É fundamental agirmos com parcimônia e judiciosidade, para que o nosso compromisso com as futuras gerações, de quem tomamos por empréstimo toda esta vastidão, seja no sentido de explorá-lo, sem exauri-lo; de utilizá-lo, sem deprecá-lo; de usá-lo, sem usurpá-lo.

A Emater-DF está preparada e tem compromisso social para cumprir seu papel histórico de apoiar o desenvolvimento rural do Distrito Federal, com ênfase na agricultura familiar, e com a responsabilidade de avalista das gerações futuras.

Compartilho o orgulho com todos os seus servidores e, em especial, os pioneiros, os produtores rurais, que são a razão de existir desta instituição e a sociedade do Distrito Federal, por terem construído uma Empresa sólida nos seus propósitos e determinada no cumprimento de sua missão.

Que estes 30 anos que ora se comemoram, irrisórios diante dos milhões que a natureza levou para esculpir o Cerrado, sejam apenas o prenúncio de outros tantos para o desenvolvimento com sustentabilidade, o qual o ambiente necessita.

Argileu Martins Silva
Diretor de Assistência Técnica e Extensão Rural – Dater
Secretaria de Agricultura Familiar – SAF
Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA

PALAVRAS DO GOVERNADOR

Desde Minas Gerais, berço da extensão rural no Brasil, eu tenho acompanhado com grande interesse ao protagonismo do desenvolvimento rural que este País experimentou, e experimenta, e a verdadeira revolução proporcionada pela ocupação do Cerrado brasileiro. Duas instituições emergiram neste processo histórico: a Embrapa, que coordena a pesquisa agropecuária desenvolvida no território nacional, e a Embrater, que coordenou as ações de transferência de tecnologia disponíveis ao setor. Foi também desta, a responsabilidade inequívoca de um processo educativo dirigido ao homem do campo, complementando o aspecto tecnológico com o social.

Mas ainda temos grandes desafios a superar, como o de vencermos o analfabetismo funcional que ainda aflige o Brasil. Mas na área rural isto está mudando, e graças ao trabalho de empresas como a Emater-DF.

E isto é tão mais importante, quanto sabermos que o Brasil é hoje grande produtor mundial de alimentos e de matérias-primas, e um dos maiores exportadores de produtos agropecuários.

No Distrito Federal, a criação da Emater-DF, em abril de 1978, foi um grande momento de nossa política pública, e hoje na condição de Governador tenho a satisfação de comemorar seu 30o aniversário.

Sei dos benefícios que a Emater-DF trouxe e continuará a trazer ao produtor e à produção do Distrito Federal. Basta vermos a significativa evolução de nossa produção agrícola, que não por acaso coincide com a sua própria trajetória.

À Emater-DF, vejo no futuro, sua condição de grande responsável pela transferência das inovações tecnológicas, mas sem perder de vista a preservação da qualidade de vida do homem do campo, em especial dos agricultores familiares, em sintonia com a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Vejo também seu empenho na busca de um desenvolvimento que seja tanto mais justo, quanto mais leve em conta às pessoas e ao meio ambiente.

Tenho buscado recursos, inclusive em fontes financiadoras externas, para implantar um plano, que julgo ousado nos seus objetivos, para promover o desenvolvimento agropecuário sustentável de todo o Distrito Federal e a Ride, tendo como plataforma básica a conservação da água e do solo.

A Emater-DF, em face do seu conhecimento e experiência acumulados, juntamente com outros órgãos do governo, deverá participar da elaboração e da execução deste plano, visando à produção sustentável de alimentos, para a melhoria de vida de toda sociedade brasileira.

Produzir com sustentabilidade é meu compromisso com o futuro, e acredito ser o mesmo da Emater-DF.

José Roberto Arruda
Governador do Distrito Federal



CONVERSA DE COMPADRES

Assistência técnica e extensão rural em prosa e debaixo de uma chuva criadeira

Sérgio Dias Orsi

Médico Veterinário, Extensionista da Emater-DF

- Compadre Tonho, como vão as coisas?
- Estão indo bem, Filho de Deus, e com perspectivas de melhoras. Os preços do milho e da soja prometem bons lucros pra nós este ano. E você, como vai?
- Como Deus quer Compadre Tonho! Quando nós temos saúde, amizade e trabalho, tudo fica mais fácil!
- É verdade Filho de Deus! E quais são as novidades?
- Ando um pouco encabalado, Compadre, com as prosas no noticiário a respeito dessa tal mudança climática!
- É... Filho de Deus! É de encabular mesmo!
- Às vezes, fico matutando, Compadre Tonho! Se chover muito é por causa dela, se não chover, também é por causa dela. Eu já não sei se é, ou se não é! O certo é que no final do ano passado quase não choveu, e no início deste ano até que está chovendo bem. Eu fico sempre na dúvida se é ou se não é a influência dessa tal mudança climática!
- Bem, Filho de Deus, pode ser que essa tal mudança climática esteja ainda iniciando. Os estudiosos ainda não atentaram para todas as consequências que ela pode provocar. Ou, às vezes Compadre, é só para “vender” notícia e colocar medo no povo, para aumentar a audiência!
- É muito complicado Compadre, encabula mesmo!
- E você, Filho de Deus, participou da campanha de recolhimento de embalagens de agrotóxico que a Emater-DF realizou?
- Ah! Sim, Compadre Tonho. Juntei todos os galões que estavam pendurados no galpão e levei até o posto de recolhimento.
- Pois é Filho de Deus, inclusive. Lá no ponto de coleta de embalagens, o assunto do pessoal era que a Emater-DF completa 30 anos neste ano de 2008. Eles estavam numa discussão danada pra ver quem sabia, ao pé da letra, o que quer dizer a sigla Emater-DF. Aliás, você sabe o que significa?
- Ora, Compadre Tonho! Mas, Emater-DF é o escritório daqui do Núcleo Rural, onde tem “os técnicos e a moça” que estão sempre ajudando a gente a cuidar da roça, das criações e até mesmo da nossa saúde e da nossa alimentação!

– Pois é, Filho de Deus, inclusive foi uma moça lá em casa pedir uma receita para minha mulher, daquelas antigas que ela já fazia antes da gente vir pra Brasília. Ficamos conversando um bocadinho com ela sobre este tempo que estamos vivendo aqui no DF. A moça disse que eles vão fazer um livro para contar a história dos 30 anos da Emater-DF.

– Compadre Tonho, não é que é verdade mesmo! Agora estou “conjunando as idéias”. Por isto que na escola do meu filho pediram pra ele fazer um trabalho sobre “a importância da atuação da Emater-DF para a nossa qualidade de vida no campo”.

– Pois então, Filho de Deus, na conversa com a moça lá em casa, fiquei sabendo que o nome Emater-DF significa: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal. E que cada estado do Brasil tem uma empresa desta para apoiar o desenvolvimento rural, e que a nossa é sustentada pelo Governo do Distrito Federal.

– Compadre Tonho! O nome significa isto mesmo?

– Sim, Filho de Deus! Ela é uma empresa de Assistência Técnica e de Extensão Rural.

– Ah! Sim, Compadre. São duas coisas que envolvem um punhado de outras coisas.

– É uma longa história, Filho de Deus! Do que eu ouvi lá, vou tentar resumir pra você.

A moça me contou que, dos anos 70 a 90, a Emater-DF trabalhava de duas formas: uma era com a assistência técnica e a outra era com a extensão rural. Conforme o governo que assumia o poder, às vezes, ela pendia para um lado e, às vezes, pendia para outro. Mas que o bom mesmo era quando trabalhava com as duas formas juntas, pois uma complementava a outra.

– Ah! Que interessante Compadre Tonho!

– Pois é Filho de Deus! Por um lado a assistência técnica buscava a solução dos problemas que existiam nas plantações, nas criações e na administração da propriedade. Com certeza, você mesmo recebeu este tipo de ajuda dos técnicos da Emater-DF, lembra?

– Até que lembro Compadre Tonho! Quantos projetos eles já fizeram pra gente. Todo ano a gente ia até lá e eles elaboravam os projetos. Nesses projetos vinham tudo escrito, indicando a semente, o adubo e o veneno que deveríamos usar nas plantações. Se fosse projeto de pecuária, também vinham escritos todas as vacinas e os remédios que deveríamos usar para o gado. Passamos até a usar o sal mineral. Era o tal “pacote tecnológico”.

– É Filho de Deus! Os técnicos também faziam as supervisões de crédito rural para os bancos.

– Mas então, Compadre Tonho! Tudo isto era assistência técnica?

– Sim, Filho de Deus!

– E a Extensão Rural? Era alguma coisa de medir a quantidade de terras, Compadre Tonho?

– Não, Filho de Deus! A extensão rural, pelo que a moça disse, vai além das ocupações com os problemas só da tecnologia de produção e do gerenciamento da nossa propriedade. Segundo ela, a extensão rural é um processo de educação informal, que busca usar nossas habilidades e nossos conhecimentos com os dos extensionistas para promover mudanças na nossa realidade local, sem interferir nas nossas crenças, costumes e valores.



– É mesmo, Compadre Tonho, a moça da Emater-DF vivia lá em casa conversando com as nossas mulheres. Nós até ficávamos com uma pontinha de ciúmes, lembra?

– Como não, Filho de Deus? Viviam lá arranjando serviço para nós. Era um tal de tirar lixo do quintal, fazer tampa e colocar manilhas no poço de água. Tive até que cercar com tela um pedaço de terra e arranjar esterco para plantar uma horta.

– É Compadre Tonho! Mas no final das contas até que era bom. O quintal ficava mais limpinho, sempre tinha uma verdurinha fresca, geléia ou um doce diferente, sem contar que os meninos deixaram de ter aquelas doenças de criança da roça.

– Tinha também, Filho de Deus, aqueles trabalhos que o pessoal da Emater-DF fazia aqui com a gente para organizar os jovens, mulheres e nós produtores, em grupos de interesse, associações de produtores e cooperativas de leite e de grãos. A moça também me disse que o objetivo maior do serviço de extensão rural é a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar da família rural.

– É Compadre Tonho! Eu não sabia que tudo isso que eles faziam era extensão rural. O mais interessante, e que a gente nem percebia é que, às vezes, o pessoal da Emater-DF trabalhava com extensão rural e assistência técnica ao mesmo tempo. Um exemplo disso era quando nos auxiliavam a fazer uma horta caseira, ou mesmo quando nos ensinavam como plantar e cuidar das hortaliças, ou ainda quando nos orientavam nos mostrando quais alimentos deveríamos comer para se ter mais saúde.

– É Filho de Deus! Na conversa com a moça da Emater-DF, ela disse que, muitas vezes, e conforme o Governo, a prioridade do trabalho era geralmente a assistência técnica.

– Compadre Tonho, talvez seja porque isto produzia resultados rápidos de produção e produtividade e acabava agradando mais aos políticos.

– É Filho de Deus, mas isto foi bom só no começo, lembra? Com o tempo passamos a usar cada vez mais adubo e a pagar caro, tanto a semente quanto as máquinas. Além de que os preços dos produtos cada vez mais eram menores.

– Compadre Tonho, por isto que o nosso lucro foi diminuindo, diminuindo, cada vez mais.

– Pois é Filho de Deus! Ainda segundo a moça da Emater-DF, o que era lucro nosso, cada vez mais passou a ficar nas mãos das indústrias de adubos, de sementes, de máquinas e das agroindústrias que processavam os alimentos que nós produzíamos.

– É Compadre Tonho, até que veio aquela baita crise no final dos anos 80 e início dos anos 90, em que o lucro era pequeno, empréstimo em banco era difícil e os juros cada vez mais altos. Tempos difíceis aqueles aqui na roça, era um desacerto só, lembra?

– Claro que lembro Filho de Deus, isto foi até final dos anos 80.

– E depois o que aconteceu, Compadre Tonho?

– Segundo a moça, Filho de Deus, aí a coisa complicou. Naqueles tempos o Brasil tinha muitas dívidas e ficou devendo um dinheirão para os banqueiros. Com o dinheiro curto, o Governo teve que fazer uma reforma administrativa para diminuir as contas do Estado na década de 90.

– Como assim, Compadre?

– Pois bem, Filho de Deus! O Brasil tinha uma inflação muito alta, lembra? E também tinha uma grande dívida com os banqueiros naquela época.

– Ah! É mesmo Compadre Tonho! Chegamos até a pedir uma tal de moratória? Eu vivia escutando isto no jornal Hora do Brasil.

– Você ainda tem boa memória!... Então, como eu estava dizendo, o Brasil teve que ir até ao Fundo Monetário Internacional.

– Aquele tal FMI, Compadre Tonho?

– Sim, este mesmo, Filho de Deus! Uma das propostas do FMI era para o Governo diminuir os gastos, para poder pagar os juros da dívida externa e combater a inflação.

– Mas Compadre Tonho! Espera aí. Nós estávamos falando de Emater-DF e agora já estamos falando de economia, que diabo é isso só?

– Bem Filho de Deus, é que uma coisa tem haver com a outra e a outra, com esta mesma coisa, entendeu?

– É...??? Vamos lá, prossigue na conversa Compadre Tonho!

– Pois bem Filho de Deus, com todo este problema da dívida do país e a intervenção do FMI, apareceu um salvador da pátria para ganhar a eleição direta para presidente da república, após longo tempo de ditadura.

– Compadre Tonho, é isto mesmo, tinha a história dos “marajás”, e me lembro até que o então presidente eleito disse que nós todos andávamos de carroça! Parecia que o Brasil era uma roça só, não é?

– Resumindo, Filho de Deus, aquele inconseqüente, num dos seus atos de Governo acabou com a Embrater.

– Embrater ou Emater, Compadre Tonho?

– Embrater, Filho de Deus! Que era a empresa que coordenava todas as empresas estaduais de assistência técnica e extensão rural. Isto causou uma baita crise nas Emateres.

Muitas delas, principalmente a do Nordeste, eram mantidas somente com os recursos do Governo Federal e por isto passaram muitos apuros.

– É certo Compadre Tonho, inclusive naquela época também foi uma dificuldade para conseguir financiamento para as nossas lavouras. Os juros eram muito altos. Lembra que ficávamos tristes, olhando desolados para a terra sem saber o que fazer?

– É mesmo Filho de Deus! Eu até sinto um arrepio no espinhaço, quando penso no sofrimento daquela época.

– E então compadre Tonho? Por que mesmo que a Emater-DF ficou nesta situação? Por acaso a moça da Emater te contou?

– Ah, Filho de Deus! Esse povo letrado fala de tudo. Ela disse que o GDF já assumia boa parte do custo da Emater-DF e acabou fazendo alguns ajustes para manter a Empresa funcionando. Na verdade, a situação aqui não ficou tão ruim, porque o Governo Federal não tinha participação muito grande no orçamento.

– Mas para nós a crise continuou! Lembra Compadre Tonho?

– Sim Filho de Deus! E a moça também disse que naquela época a situação estava ruim no país todo. O governo de uma hora para outra abriu as importações de produtos agrícolas e foi só desemprego na área rural. Gerou um enorme problema social para o Governo Federal.



Esta situação mostrou aos governantes que a área rural, além da produção de alimentos, fibra e energia, tem outras funções.

– Como assim Compadre Tonho?

– Naquela época, Filho de Deus, a moça disse que ficou clara, para os governantes, a importância do campo na geração de empregos e na manutenção das famílias, trabalhando e ganhando o seu próprio sustento. Dizem que foram quase cinco milhões de desempregados naquela época! Foi aí que começou a ser valorizada e fortalecida a agricultura familiar. Várias cidades do interior tiveram uma crise econômica brava. Descobriram então que o que girava a economia, em grande parte dessas pequenas cidades, era a produção da agricultura familiar. Foi uma pressão muito forte no Governo, e teve até um movimento para ver se mudava toda essa situação.

– Ah! Compadre Tonho! Então é por causa disto que teve o “Grito da Terra”, em 1994; nós até participamos da passeata?

– Isso mesmo, Filho de Deus, foi uma pressão danada que nós fizemos. Daí o Governo do FHC criou o Pronaf e o Ministério de Desenvolvimento Agrário.

– Pronaf, Compadre?

– Sim, Filho de Deus. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

– Agora estou entendendo Compadre Tonho, como as coisas vão se encaixando que nem os grãos de uma espiga de milho.

– É Filho de Deus, as coisas foram melhorando aos poucos, o entendimento da situação mudou, e agora na roça não somos apenas “produtores”, somos “empreendedores rurais”, pois produzimos alimentos, e também somos empresários. Agregamos valor aos nossos produtos, geramos ocupação para o povo, empregos e riqueza para o país exportar.

– É Compadre, no rádio eu escutava a “Hora do Brasil” e lembro que falavam muito que ajudamos inclusive a melhorar a situação da tal “Balança Comercial” do país. Falavam que tinha até a tal da “Âncora Verde” que ajudava a controlar a inflação.

– É Filho de Deus, a moça disse também que no atual Governo foi criada a Secretaria da Agricultura Familiar e a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, a Pnater.

– Nunca ouvi falar dessa Pnater, Compadre Tonho!

– Não ouviu, mas já conhece Filho de Deus! É a nossa velha conhecida “Assistência Técnica e Extensão Rural”, só que agora com um jeito diferente de trabalhar.

– E que jeito é este, Compadre Tonho?

– Ah! Filho de Deus. Nas minhas conversas com a moça da Emater fiquei sabendo que os técnicos e os extensionistas têm de se preocupar, fundamentalmente, com cinco princípios básicos: primeiro, que os serviços prestados devem ser voltados, principalmente, para os agricultores familiares e suas famílias. Com atenção especial aos jovens, idosos, mulheres rurais e outras categorias, como os ribeirinhos e os moradores de quilombos; segundo, promover o desenvolvimento rural sustentável, com base nos princípios da Agroecologia; terceiro, desenvolver um trabalho de forma a aplicar todos os conhecimentos profissionais disponíveis e, para isso, permitir a participação de todos os

envolvidos; quarto, administrar as Emateres preocupando-se em ter a participação das organizações de produtores na tomada de decisão, tanto no planejamento quanto no acompanhamento. E, por último, ter uma atuação baseada no diálogo e no desenvolvimento das competências e das habilidades da população rural, buscando com isso, a construção de um objetivo comum, em prol do bem estar e da satisfação das pessoas.

– E então, Compadre Tonho? Com isso tudo, como é que ficou a atuação da Emater-DF?

– Bem Filho de Deus, no frígir dos ovos e pelo que entendi do que a moça da Emater-DF disse, a assistência técnica irá atuar ajudando a gente a entender a parte da produção e de como administrar a nossa empresa rural. Para que isso aconteça, nós vamos trabalhar com o apoio deles, na descoberta de tudo que influencia o ganho final. Desde a melhor semente ou a melhor época de plantio, ou mesmo como nos organizar para conseguir melhores preços na compra de insumos e venda de produtos. A atuação da assistência técnica e da extensão rural não irá ficar só dentro da propriedade e preocupada somente com o produzir. Ela vai atuar também em outros setores que venham favorecer ao aumento da nossa lucratividade, como as pequenas agroindústrias e a prestação de serviços no turismo rural e venda direta ao consumidor.

– Ah! Compadre Tonho! Então agora vamos ter uma assistência mais completa. Com apoio na tomada de decisão do que plantar e do que criar, e com isso teremos mais chance de sucesso na comercialização, até na organização da compra de insumos e vendas da produção. Vamos ter que preocupar em produzir alimentos seguros, ou seja, alimentos que não causem danos à saúde dos consumidores.

– Sim, é isso mesmo, Filho de Deus!

– E como ficou aquela parte da extensão rural, Compadre Tonho?

– É Filho de Deus, agora as coisas ficaram misturadas. Com a preocupação de ir além da produção primária de fibras, energia e alimentos. Ficou certo que os técnicos deverão se envolver com o desenvolvimento rural como um todo. A moça falou que a atuação da ATER deverá ser voltada para um tipo de desenvolvimento que leve em consideração as diversas dimensões envolvidas. E, não somente, a tecnológica, econômica e social. A ATER facilitará o encontro de todas as instituições envolvidas no processo de desenvolvimento, para buscar uma “concertação institucional”, que irá favorecer o desenvolvimento, nas diferentes frentes de trabalho que atuam no espaço rural.

– O que? Que palavreado mais esquisito é esse Compadre Tonho?

– Ô Filho de Deus, você não se lembra daquelas reuniões do Programa de Desenvolvimento da Assistência Técnica e Extensão Rural que fizeram na nossa comunidade há algum tempo?

– Sim, me lembro bem!

– Então, Filho de Deus. Foi dito naquelas reuniões, que a ATER atuaria, daqui pra frente, desta maneira. E mais, nós vamos fazer o acompanhamento disso tudo, por meio da gestão social, ali no dia-a-dia. Assim, a extensão rural, por meio do seu processo educativo, vai compartilhar conhecimentos e atuar para o avanço da nossa cidadania, nos motivando a repassar nossas experiências e, com isso, buscar constantemente a valorização dos nossos conhecimentos e das nossas habilidades.

– Compadre Tonho, você acredita que com isso vamos ajudar a melhorar a comunidade?

– Olha Filho de Deus! Acredito que irá até ajudar no controle da tal mudança climática.

Pois a questão ambiental é uma das propostas que os técnicos vão trabalhar com a comunidade. Com certeza, muita coisa vai mudar não só para o meio ambiente, mas para a melhoria das comunidades rurais, onde todos poderão ter uma melhor qualidade de vida e, principalmente, encantar os nossos netos num futuro próximo, com essas iniciativas.

– A propósito Compadre, você acha que o tempo muda ou vai ficar assim?

– Filho de Deus. Ainda estou na dúvida se continua a chover, que para nós da roça é tempo bom, ou se vai fazer sol, que é tempo bom lá para o pessoal da cidade.

– É Compadre Tonho, mal sabem eles que se não chover, aí que vai ficar ruim para eles. Vai ter carestia das coisas e pode até faltar o que comer, não é?

– É Filho de Deus! Então deixa chover. Com ou sem essa tal mudança climática, esta chuva criadeira só faz bem para todo mundo.

– Até mais Compadre Tonho! Vou embora matutando esses assuntos debaixo desta chuva mansinha e criadeira.

– Então, Filho de Deus, até mais! Vou ficar por aqui “ruminando” também esta nossa prosa. Ah! Em tempo ainda Compadre, dê lembranças à Comadre, fala pra ela vir aqui em casa, ter uma prosa com a Totota. Ela fez um curso de bordado na Emater-DF e tem muitas novidades pra contar.

Depois de colocar a capa de chuva e o chapéu por cima do capuz, saiu pela trilha até a sua casa, ciente que aquela chuva mansa e criadeira iria entrar noite adentro, para alegria deles e de muita gente. Já um pouco afastado da casa respondeu com a voz um pouco abafada pelo capuz da capa de chuva.

– Digo sim, Compadre Tonho!





O cerrado é o segundo maior bioma brasileiro. Presente em 13 estados, e no Distrito Federal, ocupa 24% da área total do país. Nesse ecossistema estão localizadas as nascentes de cinco importantes bacias hidrográficas, cerca de 6.500 espécies de plantas e uma vasta fauna. É hoje, um dos biomas que mais se destaca pelo grande potencial de produção alimentar.

Fonte: Embrapa.



"Ao considerar para fins de localização da nova capital do país, o que seria o planalto brasileiro (...), doutor Luiz Cruls deparou-se com um país inteiro planaltino, todo ele ondulado em sucessivas vagas de altitude."
Paulo Bertan.

A ORIGEM DE TUDO... HISTÓRIA – 1940-2008 DÉCADA DE 1940: “Brasil, celeiro do mundo”

A década de 1940 ficou marcada pela segunda guerra mundial. Com o final da guerra, todos os países envolvidos retomavam suas trajetórias, em especial na Europa, e se envolviam no esforço de reconstrução. Ainda bastante amedrontados com a possibilidade de um novo conflito, agora tendo como protagonistas os dois blocos, capitalista e socialista, que saíram vitoriosos do conflito mundial.

Uma das principais conseqüências de uma nova guerra mundial seria o corte nas linhas de fornecimento de alimento para Europa, com grandes possibilidades de surgimento de nova onda de fome no velho continente.

O complexo industrial dos Estados Unidos, do outro lado do Atlântico, que atendera às demandas da guerra, ficara ocioso. Além disto, já se desenvolvera um pacote tecnológico para agropecuária, que também era fruto do esforço de guerra, e se fundamentava no uso intensivo de produtos químicos, maquinário, melhoramento genético e fomentos variados.

A reconstrução mundial era, então, a oportunidade que faltava para otimização do complexo industrial e a expansão capitalista norte-americana.

Com o propósito de alcançar uma política de estabilidade em segurança alimentar, as sociedades européias e a norte-americana, que tinham vivenciado outros períodos difíceis nas suas histórias, examinaram a possibilidade de investimento em alguns países da América do Sul, que poderiam ser estratégicos na produção de alimentos. Entre outros países, optou-se pelo Brasil, inclusive pela sua posição geopolítica. Foi daí surgiu a frase: “Brasil, celeiro do mundo”.

Diante da nova situação pós-guerra, que enfocava o desenvolvimento, à disputa capitalista e socialista, somar-se-ia a disponibilidade de inovações tecnológicas para aumentar a produção de alimentos, e o desejo de segurança alimentar dos países recém-saídos do último conflito mundial.

Neste quadro, emergia o ambiente favorável para introdução, no Brasil, da extensão rural. Assim, em 1948, com base em proposta da Fundação Rockefeller, o Governo de Minas Gerais fundou a Associação de Crédito e Assistência Rural – Acar, responsável por executar um programa de crédito rural orientado e de assistência técnica, econômica e social, por meio dos serviços de extensão rural, para melhorar a produção agropecuária e o bem-estar das famílias rurais mineiras.

O Governo brasileiro, sensibilizado com essa experiência bem-sucedida em Minas Gerais, iria, já na próxima década, estreitar relacionamento com os norte-americanos, para estender essa proposta a todo país. Em razão disto, seria selado um acordo entre Brasil e Estados Unidos, que permitiria a criação de um “Escritório Técnico de Agricultura – ETA”, visando ao aumento da produção e da produtividade agropecuária. Aumento que iria satisfazer aos países europeus, temerosos com a possibilidade de sofrer privações de alimentos, e que iria permitir a expansão do complexo agroindustrial e capitalista dos Estados Unidos e da Europa, tirando o Brasil do subdesenvolvimento.

Quanto ao enfoque da agropecuária e da Assistência Técnica e Extensão Rural, a década de 1940 terminaria como começara, não fosse a grande perspectiva de crescimento e progresso para o setor agropecuário brasileiro. Uma promessa de despertar o “gigante adormecido”.

No Brasil, a produção agropecuária tinha como fronteira, ainda, os estados do Sul, em especial o Paraná, que recebia levas de migrantes, com a consolidação da cultura do café, principalmente no norte daquele estado.

Na região do Cerrado, a atividade se resumia à subsistência e ao criatório extensivo de gado bovino. Seus solos eram considerados impróprios para a agricultura. A elevada presença de alumínio, constatada depois, provocava acidez indesejada, e a ausência de macroelementos, como o fósforo, comprometia a implantação de lavouras comerciais. Ademais, as plantas nativas eram tidas como “raquíticas e venenosas”.

O Brasil ainda estava voltado para o litoral, desconhecendo a vastidão do seu interior e suas potencialidades. Não havia rodovias e o acesso, escasso, se resumia a caminhos dominados por poeira nos limites da estrada de ferro que penetrava até o interior do Centro-Oeste (em Goiás).

As relações de produção nesta vasta região do Cerrado, ainda se baseavam no compadrio, não havendo produção nos moldes capitalistas. O enfoque era caráter extrativista das poucas potencialidades conhecidas até então.

Essas perspectivas perdurariam até o final da década seguinte, quando surgiria o grande fato novo: o advento de Brasília.



DÉCADA DE 1950 – “Anos Dourados...” Idealização de um sonho desafiador

Enquanto a agricultura brasileira experimentava, na década de 1950, intensa modernização, associada à industrialização e à urbanização do país, na vasta região do Cerrado nada de novo acontecia, a não ser o vaivém de cabeças de gado, criadas extensivamente, e as atividades de subsistência, até que surgiram os primeiros movimentos para a construção de Brasília, em 1956. No território demarcado para a instalação do Distrito Federal, a agropecuária era praticamente inexistente e exercida de forma tradicional, e rudimentar, que pouco acrescentava à produção regional ou nacional.

Em meio às obras de construção da Nova Capital, começava a ser idealizado um sonho verdadeiramente desafiador: implantar, no Distrito Federal, uma agricultura moderna e dinâmica que tornasse as terras da região produtivas, a fim de abastecer a população de Brasília. O ritmo de crescimento demográfico era acelerado e os governantes já se preocupavam com a falta de segurança alimentar dos pioneiros.

Entretanto, em razão do padrão tecnológico daquela época, a baixa fertilidade dos solos do Cerrado fazia com que fossem considerados impróprios à agricultura e anti-econômicos para a pecuária intensiva. Fortalecia, assim, o argumento dos opositores da transferência da Capital Federal para o Planalto Central, uma vez que Brasília iria se tornar dependente da produção agrícola de outras regiões brasileiras.

O professor Tavares nos conta em seu livro “Brasília agrícola: sua história”, que a imprensa do Rio de Janeiro afirmava que as terras de Brasília eram absolutamente impróprias para agricultura, “delas nada podendo obter de útil”. Para tentar superar a resistência desses opositores, após um plantio de batatas realizado na Granja do Torto, Israel Pinheiro enviou alguns sacos das batatas colhidas para as Secretarias de Agricultura de Minas Gerais, São Paulo, e Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro também fez questão de expor as batatas numa feira de produtos agrícolas na Esplanada do Castelo, identificadas como “produzidas em Brasília”, causando, segundo o professor Tavares, ótima impressão. O próprio Presidente Juscelino, mesmo com todo otimismo que lhe era peculiar, temia pelas dificuldades que certamente seriam encontradas, para o desenvolvimento da agricultura em uma região considerada imprópria e difícil de ser cultivada, como externou em seu livro “Porque construí Brasília”. Mas, não havia tempo a perder. No dia 19 de setembro de 1956, por meio da Lei nº 2.874, foi criada a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), que passou a estabelecer normas relativas ao sistema fundiário a ser adotado no Distrito Federal. Entre elas, a Resolução nº 6 proibia, terminantemente, a venda de lotes na zona rural. Essa resolução tinha o objetivo de evitar a especulação imobiliária e o consequente afastamento das futuras unidades de produção agropecuária - principalmente os hortigranjeiros - para áreas distantes do centro de consumo, o Plano Piloto.

Preocupado com o abastecimento da futura Capital, o Presidente Juscelino recomendou que a Novacap tratasse dessa questão com absoluta prioridade. Assim, entre outras ações implantadas pela Novacap, em 1957, que ocasionaram repercussões positivas na produção e no abastecimento do Distrito Federal, podem ser citadas:

No início,
A solidão do Planalto Central,
A coragem, ideal e sonhos de destemidos
brasileiros
O ritmo frenético de trabalho...
Ministros, assessores, engenheiros, arquitetos,
funcionários de todos os níveis e anônimos peões,
Todos, orgulhosos candangos, comandados por
um sonhador:
Juscelino Kubitschek de Oliveira!

José Luis Mazzaro

- Criação do Departamento de Terras e Agricultura – DTA, subordinado à própria Novacap., constituído por uma equipe técnica de engenheiros agrônomos, engenheiros civis e sanitaristas, que promoveram levantamentos aerofotogramétrico, topográfico, planimétrico e altimétrico do território do Distrito Federal, registrando todos os acidentes de interesse agropecuário;
- Destinação de uma área de 30 mil hectares, para ser dividida, em regiões agrícolas, e desmembradas em lotes destinados a arrendamento, sendo que a primeira região loteada foi a da Vargem da Bênção (atualmente Recanto das Emas);
- Promoção do estímulo aos fazendeiros e pequenos produtores das redondezas de Brasília, para que investissem em agricultura;
- Promoção do acesso de novos produtores rurais, que culminou com a chegada à Brasília, ainda em 1957, de 60 famílias de japoneses e descendentes, para trabalharem na produção de hortigranjeiros (às margens do Riacho Fundo);
- Criação de quatro granjas modelos: Tamandú (produção de sementes e apoio à Granja do Torto), Ipê (produção de frutas), Torto (produção de leite, ovos, frangos) e Riacho Fundo (criação de suínos) para fomento à produção.

Os incentivos continuaram e a Novacap, responsável então pelo aproveitamento econômico da área rural de Brasília, deu prosseguimento à política de desapropriação de terras rurais. Para tanto, foram divididas em pequenos lotes (de 15 a 20 hectares), denominados chácaras, destinados a futuros produtores, que poderiam arrendá-los por 30 anos.

Todo o esforço governamental para ampliar a produção e assegurar o abastecimento da Capital da República, entretanto, acabou servindo como mais um atrativo para fixação de servidores públicos recém-chegados. Isto aconteceu porque passaram a receber esses lotes rurais, mesmo sem qualquer experiência agrícola, ou compromisso com a produção, reduzindo a maioria dessas chácaras a locais de lazer.

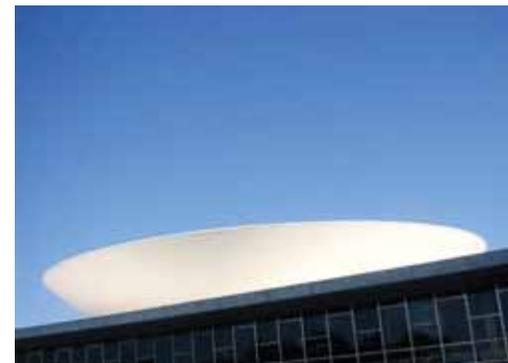
A década de 1950, no Distrito Federal, encerra em meio ao turbilhão de problemas gerados por um imenso canteiro de obras, com recordes de crescimento demográfico. No entanto, apresentava um desenvolvimento muito lento da área rural, que apontava para impossibilidade de suprir as necessidades mais elementares do abastecimento local, gerando com isto uma expectativa de insegurança alimentar.



O sonho do Cerrado

O sonho de tornar o Cerrado produtivo, foi sonhado por JK, que nunca deixou de acreditar! Jânio e Jango sonharam também, mas não tiveram tempo... Castelo, com os pés fincados no solo de Cerrado e o poder de Marechal, pagou para ver e ordenou: investimentos, créditos e pesquisas... Costa e Silva, Médici e Geisel, seguiram os passos do Marechal. Figueiredo assistiu ao vivo e a cores, montado em seu cavalo, o sonho dos que sonharam e pagaram para ver, o Cerrado florescer!

José Luis Mazzaro



Década de 1960 – Início de uma nova esperança – Brasília

A década de 1960 inicia-se com a grande mobilização nacional, preparatória para os festejos da inauguração da nova Capital Federal, que ocorreria no dia 21 de abril de 1960. Em meio às comemorações, os problemas relacionados ao abastecimento de Brasília se agravavam. Novas demandas e desafios surgiam numa velocidade sem precedentes, geradas pelo crescimento populacional e o marcante desenvolvimento da região Centro-Oeste, agora cortada por uma rede de estradas.

Como se previa, o Distrito Federal passou a vivenciar um período de dependência total da produção de outros Estados. Precisava importar todos os bens essenciais à mesa e à vida de seus habitantes. Para agravar a situação, não conseguia explorar o potencial do Cerrado que o futuro revelaria generoso.

A consequência econômica foi a alta generalizada dos preços agrícolas, fundamentada na velha lei da oferta e da procura e nos longos trajetos percorridos pelos produtos oriundos de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e outros Estados. Assim, Brasília que já carregava o mito da improdutividade, incorporou mais um, o de Capital com o maior índice de custo de vida do país.

Em 1961, tomou posse um novo Presidente da República, Jânio Quadros, que iniciou seu mandato, enfrentando dificuldades de ordem econômica e política, e não conseguindo a estabilidade necessária para resolver os problemas que o país atravessava. Sete meses depois de iniciado seu governo, renunciou ao mandato, de modo inesperado.

Seu vice, João Goulart, tomou posse, cercado de acordos para evitar a ocorrência de enfrentamentos entre as forças político-econômicas dominantes no país.

Em âmbito local, os preços dos produtos agropecuários continuavam crescendo, com o aumento da demanda e a falta de produção, o que tornava mais dramática a situação. Para amenizá-la, a Secretaria de Agricultura e Produção (SAP) do Distrito Federal lançou uma nova política para o setor agrícola e impingiu uma ação mais eficiente e orientada para o aumento da produção e da produtividade agrícola do Distrito Federal, a fim de atingir níveis aceitáveis de abastecimento.

Para implementar essa nova política agropecuária, criou-se, no dia 7 de janeiro de 1961, a Fundação Zoobotânica do Distrito Federal (FZDF), um órgão que embora fosse remanescente de um departamento criado no início da construção de Brasília, estava inteiramente redimensionado para cumprir atribuições mais amplas e complexas de fomento, assistência técnica e crédito rural.

A FZDF iniciou suas atividades com um trabalho voltado para a pesquisa e a experimentação, ações consideradas essenciais para alcançar metas de médio e longo prazo, em busca do desenvolvimento da região do Cerrado, de ocupação recente e desprovida de informações técnico-científicas, que fundamentasse a agricultura local.

A FZDF incorporou e sistematizou atividades de setores até então dispersos, como a mecanização, a revenda de insumos agrícolas e a administração das terras rurais.

Os resultados começaram a aparecer, não apenas no campo, mas nos supermercados e nas mercearias da cidade, que passaram a oferecer produtos oriundos de áreas de Cerrado, no Entorno da Capital Federal.

Depois do golpe militar, em 1964, seguiram-se anos de modernização do setor agropecuário, que passou a ser estimulado por políticas públicas especiais e articuladas de crédito e pesquisa, concentradas na busca de resultados econômicos imediatos.



Entretanto, o regime de arrendamento de terras existente no Distrito Federal constituía-se obstáculo para os produtores rurais, uma vez que dificultava a obtenção de créditos indispensáveis à aquisição de instrumentos agrícolas, defensivos e fertilizantes, a fim de aumentar a produtividade no campo.

Em junho de 1967, foi alterada a Lei nº 2.874, visando a revogar a cláusula de inalienabilidade dos lotes rurais, o que resultou na promulgação da Lei nº 5.364, de 12 de dezembro de 1967, que autorizava a Novacap a alienar as glebas rurais de sua propriedade. Cinco dias depois, o Presidente da República, baixou o Decreto nº 61.850, criando um grupo de trabalho para estudar o processo de regulamentação da referida Lei. Procurando amenizar essa pendência legal e os efeitos negativos da falta de propriedade particular, o Governo baixou, em 29 de julho de 1969, o Decreto nº 1.052, por meio do qual delegava à SAP, a distribuição e a fiscalização dos lotes rurais que vinham sendo feitos pela Novacap.

Houve dois momentos históricos distintos nesta época, os quais caracterizam o modelo de ocupação produtiva da área rural do Distrito Federal: aquele que vai dos primórdios de Brasília até 1964, caracterizado pela divisão e distribuição de pequenos lotes a pretensos arrendatários, e que funcionavam como elemento de barganha para transferência de funcionários públicos. Distribuição esta, baseada não na aptidão produtiva do candidato, mas em critérios como número de filhos e atestado de pobreza; o segundo período, 1964 a 1977, baseava-se em grandes empreendimentos agrícolas, quando se instalaram, inclusive, na área rural do Distrito Federal, empresas como Café Arábia e Só Frango, e outras.

Surge também, em 1967, o embrião do que viria a ser a Emater-DF. Assim como ocorria no resto do Brasil, criou-se a Associação de Crédito e Extensão Rural do Distrito Federal (Acar) com o objetivo de estabelecer e operar um programa de assistência técnica e financeira aos produtores, que chegou a atingir cerca de 30% do público-alvo, em 1968.

Assim, termina a década de 1960, conflituosa, mas marcante para a agricultura da região do Distrito Federal e também para o país, pois representou o início da superação do mito da improdutividade dos solos do Cerrado. Fato este que foi superado pelo intenso programa de inovação tecnológica, apoiado no crédito agrícola, que buscou vencer os desafios da natureza e mostrar o enorme potencial de produção existente nessa região.

Brasília nascendo



Década de 1970: surge a Emater-DF, arrancada para os recordes

A década, que começou com a euforia dos preparativos para mais uma copa do mundo, que consagraria os brasileiros tricampeões mundiais, e a economia mostrando índices favoráveis, fortaleceu a crença no slogan "Ninguém segura este País". No campo político, o governo teve o alibi necessário para continuidade de medidas antidemocráticas e repressivas.

Nas pesquisas científicas, grandes avanços foram registrados nas áreas da química, da mecânica e da genética, impulsionando o setor industrial agrícola para um dos períodos mais ricos da história da agricultura brasileira. A melhoria do desempenho dos índices de produtividade, com a substituição de modelos tradicionais por um padrão tecnológico, em que a utilização de sementes melhoradas, de fertilizantes minerais de alta solubilidade, de agrotóxicos, da irrigação e da mecanização da lavoura passou a ser práticas usuais e necessárias.

Brasília e suas cidades satélites continuavam crescendo e atraindo novos brasileiros, em contraste com sua área rural que continuava estagnada, o que ocasionava debates e discussões em busca de alternativas que pudessem solucionar a crise na produção e no abastecimento local.



O modelo do sistema fundiário voltava a ser questionado, pois era considerado inadequado e o maior obstáculo ao crescimento da produção agrícola do Distrito Federal. Outra necessidade era a criação de uma Central de Abastecimento, reivindicação antiga dos produtores, cujo projeto para a construção não conseguia sair do papel, transcorrida uma década e meia.

O governo do Distrito Federal determinou então, no início de 1970, que a SAP traçasse um plano de metas para superar, de uma vez por todas, os problemas da produção e do abastecimento da cidade.

Foi criado, então, um Plano Diretor para o triênio 1971/1973 que sugeriu, entre outras metas, a intensificação do processo de substituição das importações de gêneros básicos pela produção local; a ampliação das pesquisas relacionadas à agropecuária da região do Cerrado; a conservação e a recuperação dos solos; o fomento e o desenvolvimento do setor rural, por meio de instrumentos de natureza tributária e institucional.

O Governo, preocupado com a questão fundiária, criou o Departamento de Terras Rurais, incumbido de aumentar a eficiência da exploração das terras, passando a exigir dos candidatos ao arrendamento de lotes rurais um planejamento de exploração.

Em contrapartida, o governo comprometia-se a auxiliar os novos arrendatários em todas as etapas de execução do planejamento aprovado, desde a concessão da terra, o financiamento, o aluguel de máquinas agrícolas e o fornecimento de insumos e a prestação de assistência técnica permanente.

Outra medida adotada foi a construção e entrega de 83 boxes na avenida W4 da Asa Sul, como forma de contornar a situação crítica de comercialização da produção agropecuária, de forma a assegurar aos produtores uma rentabilidade mínima. Concomitantemente, decidiu-se pela construção da Central de Abastecimento no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA).

Tais medidas, ainda eram acanhadas para alcançar os objetivos traçados no Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (1º PND), que preconizava: “desenvolver a agricultura moderna de base empresarial para alcançar condições de competitividade internacional em todos os principais produtos”.

O objetivo do Governo Federal era intensificar a produção via incorporação de novas áreas ao processo produtivo. O Centro-Oeste brasileiro transformou-se numa promissora fronteira agrícola e passou a receber grandes investimentos, que modificaram, significativamente, seu panorama socioeconômico.

Apesar de localizada na fronteira agrícola, onde o aumento de produção deveria ocorrer pela incorporação de novas áreas, o Distrito Federal teve que fazer uma opção diferente, aumentar a produção por meio da modernização de suas atividades agrícolas. Isto porque a limitação física da área agricultável assim o recomendava.

Surgem nessa época as empresas que dariam suporte e fortaleceriam as ações de expansão da agropecuária brasileira: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater).

A Embrater foi criada, em 1974, para funcionar como órgão coordenador de 25 entidades públicas estaduais de extensão rural, as Emateres, que constituíam o Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural – Sibrater, com a função básica de gerenciar a transferência de tecnologia agropecuária para pequenos e grandes produtores.

Brasília foi também beneficiada com a instalação do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC) e do Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças (CNPH), ambos da Embrapa.



Para acelerar o processo de desenvolvimento da região, dois programas condicionados ao uso de tecnologia moderna foram instituídos, o Polocentro e o Programa Especial da Região Geoeconômica de Brasília. Seus objetivos eram pesquisas e financiamentos de recursos para correção dos solos e para a implantação de pastagens, vigorando de maneira mais efetiva nos anos de 1975 a 1980.

Embora a missão fosse promover pesquisas para a geração de tecnologia, o Programa Especial da Região Geoeconômica de Brasília - Polobrasília passou a desenvolver pesquisas básicas, e infra-estrutura de apoio. E delegou a execução de parte das pesquisas para outras instituições contratadas, especialmente as Universidades.

Para acompanhar o novo padrão de exploração, determinado pela inovação tecnológica, o arrendamento de terras rurais no Distrito Federal teve que sofrer alterações. Foi editado decreto, a fim de intensificar o aproveitamento das terras públicas, com a inclusão da exigência ao proponente arrendatário, de um plano de utilização da área e a comprovação de capacidade econômica para proceder a exploração da terra. Foi também reduzido, o prazo de arrendamento para 15 anos, renováveis por igual período.

Foram criadas, na mesma oportunidade, áreas especiais e isoladas para implantação de projetos agropecuários e de reflorestamento. Com isso, abriram-se novas perspectivas para empresários, com reais capacidades financeiras e técnicas, para desenvolver projetos de produção leiteira e de agricultura intensiva, em grandes glebas.

O Governo, por meio da FZDF, passou a adotar uma modalidade de zoneamento agroecológico, onde para cada Núcleo Rural previa-se a produção de determinado produto como, por exemplo, hortaliças, frutas, grãos, pecuária, pequenos animais, entre outros. Com base em estudos técnicos, eram estabelecidos critérios para a produção, de acordo com sua aptidão. Assim, Núcleos Rurais de Vargem Bonita e Alexandre Gusmão são até hoje utilizados, essencialmente, no plantio de hortaliças.

Por outro lado, o Conselho Monetário Nacional autorizava a aceitação dos contratos de arrendamento como garantia de financiamento pelos bancos. Foi um passo decisivo para fortalecer a produção agropecuária da Capital da República, uma vez que 2.000 arrendatários de lotes rurais, com situação já regularizada, puderam dispor de recursos para exploração mais intensiva das propriedades.

O Banco de Brasília (BRB) passou a disponibilizar linhas de créditos ao produtor rural, que assumia mais importância para economia do Distrito Federal.

Em poucos meses, houve um aumento significativo do número de financiamentos rurais concedidos pelo BRB. O crédito concedido aos produtores foi aplicado, principalmente, na fruticultura, olericultura, bovinocultura de corte e leite, avicultura, suinocultura, eletrificação rural e insumos modernos. Possibilitou, assim, investimentos substanciais na agropecuária da região, contribuindo com o aumento dos índices de produtividade.

Estava gerada a base estrutural e administrativa necessária para criação de um novo programa de assentamento que garantisse um suporte econômico de expressão à agropecuária local.

Assim, foi criado, em 1977, o Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD-DF), com a finalidade de ocupar, com uma atividade agropecuária de alto padrão tecnológico, as terras desapropriadas e ociosas pertencentes ao GDF, em busca de auto-suficiência na produção. Instalado a sudoeste do Distrito Federal, a 70 km do Plano Piloto, 61 mil hectares, divididos em seis grandes áreas que abrigariam 171 módulos com aproximadamente 300 hectares cada um, o programa buscava a perspectiva da modernização agrícola.

Os módulos foram demarcados nas melhores terras do Distrito Federal, onde se encontrava o maior potencial hídrico, com possibilidade de mecanização, acesso por estrada com revestimento primário, infra-estrutura de abastecimento de água e energia elétrica, além do acesso ao apoio técnico e creditício.

Foram firmados compromissos com os arrendatários que comprovaram condições técnicas e econômicas para implantar projetos com objetivos agropecuários ambiciosos. A experiência e a tradição do candidato foram os requisitos indispensáveis, uma vez que as áreas seriam destinadas às grandes culturas de soja, trigo, arroz e milho e também à pecuária de leite e aos programas de fruticultura.

Em pouco tempo, o projeto mostrou-se factível e a região passou a ser núcleo difusor da tecnologia de cultivos no Cerrado. O sucesso alcançado pela soja, com índices de produtividades superiores às médias alcançadas por estados tradicionais, como o Paraná e o Rio Grande do Sul, foi a prova definitiva de que o Cerrado era viável e tinha um enorme potencial a ser explorado.

A produção de batata-inglesa atingiu escala comercial. Sua adaptação foi excelente, em razão das condições ambientais favoráveis da região, tais como topografia, condições físicas dos solos e baixa incidência de doenças.

Outros produtos também se destacaram, como o caso do arroz, do trigo, da cenoura, alho, pepino e repolho, com produtividade média entre as melhores do país.

Em abril de 1978, foi fundada a Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal – Coopa-DF, inicialmente com 22 associados, mas rapidamente conseguiu ampliar o número de associados promovendo compras e vendas, favorecendo o crédito rural, a assistência técnica, a industrialização e a assistência educacional e social aos agricultores e suas famílias.

A década de 1970 reservava, ainda, um fato marcante para comunidade rural do Distrito Federal: a criação, em 1978, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF), com objetivo de planejar, coordenar e executar programas de assistência técnica, econômica e social, para o aumento da produção e da produtividade agropecuária e a melhoria das condições de vida do homem no meio rural.

A Emater-DF iniciou sua trajetória, buscando fazer do Distrito Federal um multiplicador das atividades agropecuárias desenvolvidas na região do Cerrado, com o apoio da Embrapa, da Embrater e de outras agências governamentais.

No momento de sua instalação, dispunha de uma estrutura diferenciada das demais entidades associadas à Embrater, ou seja, possuía apenas dois dos três níveis organizacionais encontrados nas demais Emateres. Contava com a direção da empresa, assessores e especialistas e o operacional, ou técnico, composto pelos técnicos de campo e auxiliares de escritório. Essa estrutura compreendia 23 funcionários, sendo 11 técnicos (Engenheiros Agrônomos, Médico-Veterinários e Técnicos Agrícolas) e 10 funcionários de apoio técnico e administrativo, lotados em um escritório central e cinco escritórios locais, além do Presidente e do Diretor.

No final de 1979, como reflexo das mudanças que ocorriam no cenário político, econômico e social do Distrito Federal, iniciava-se na Emater-DF um novo ciclo, que acabaria repercutindo positivamente na década de 1980.

A década de 1970 contou com a ativa participação do Estado no processo de modernização da agricultura, em que o crédito rural, e o investimento em pesquisas e em tecnologia constituíram-se nos principais instrumentos de política pública. Tal política mostrou-se onerosa para o Estado, redundando em inflação pela escassez de recursos, sobretudo no final da década, em que a crise mundial do petróleo ajudava a ampliar a dívida pública. Havia falhas no sistema de crédito, concentrado na mão de poucos agricultores, e beneficiando uma quantidade restrita de culturas.



Anos de ouro?

Os anos setenta foram de ouro para a seleção canarinho.
Fizeram acreditar que “Ninguém segura esse País”!.

Trouxeram riquezas, muitas riquezas, mas para poucos.
Mudaram-se políticos, as políticas e cenários econômicos e sociais.

Trouxe fartura, comida, satisfação para o povão.
Soja, milho, feijão, muita, muita fartura de grãos.
Ah! Essa tal tecnologia, que não nos deixa esquecer,
que os anos 70 mudaram tudo na agricultura,
mas deixaram um rastro de consequências ...

Anos de ouro, de transformações, de conscientização
de mudanças da terra e para a terra.

Se hoje, a agricultura ecológica tem força e é opção,
tem uma dívida com os anos de ouro,
com a tecnologia e a revolução?

José Luis Mazzaro

DÉCADA DE 1980 – Emater-DF, auto-afirmação e vulnerabilidade

A nova década trouxe para agricultura brasileira momentos de muita tensão e incertezas. Ao mesmo tempo em que se afirmava a crença no destino de grande produtor de “commodities”, o novo ministro da agricultura, que assumira em março de 1979, o último período da ditadura, era o velho “czar” da economia Delfim Neto. Lançou-se o slogan: “Plante que o João garante”, em alusão ao personalismo próprio do Presidente João Figueiredo, ao que o povo aduziu, acrescentando, “mas plante pouco, que o gordo é louco”, referindo-se ao ministro da agricultura, que reduziu drasticamente os créditos agrícolas, principalmente com medidas de elevação das taxas de juro, quando era ministro da Fazenda, no governo anterior.

A fatura de crédito rural, que embalara os anos dourados de 1970, escasseara. Os problemas ambientais da “revolução verde” empreendida então começavam a aflorar. Surge a crise no padrão técnico pelo uso excessivo de mecanização, quimificação e a dependência dos produtores por mais e novos recursos. A fronteira agrícola do Centro-Oeste mostrava sinais de esgotamento – êxodo rural, surgimento de voçorocas em solos expostos e redução drástica da biodiversidade.

Havia uma premência pelo crescimento econômico baseado na ampliação das exportações, especialmente de produtos agrícolas, para fazer face à demanda de recursos internacionais necessários para cobrir o déficit nas contas externas. O Brasil endividava-se lá fora, e enfrentava sacrifícios para honrar os compromissos com os banqueiros internacionais e, assim, manter a regularidade da entrada de recursos para o equilíbrio das contas externas. O ajuste econômico exigido pela crise do petróleo, na década passada, não fora feito, e agora se pagava a conta.

Durante a primeira Exposição Agropecuária de Brasília, promovida pela Emater-DF, em 1981, o Presidente da República João Figueiredo compareceu montado a cavalo, causando surpresa a todos os presentes.

Dirigiu-se à tribuna de honra para as solenidades de praxe. Ainda antes de 1980, o Presidente João Figueiredo já participara da XII Exposição Agrícola do Distrito Federal, onde entregara prêmios aos produtores participantes, em especial ao produtor Francisco Pereira Lacerda, do núcleo rural de Taquara/Pipiripau. O resultado de tal visita foi o encorajamento dado à Emater-DF por meio de maciço apoio do Ministério da Agricultura, agora já dirigido pelo Ministro Amaury Stábile.

Outro momento marcante, também no início da década, foi o Dia de Campo de Trigo, onde foi feito o primeiro teste de produtividade em lavoura irrigada, tendo sido alcançado a marca de 2,9 mil quilogramas por hectare, o que representou recorde nacional de produção, à época.

Para a Emater-DF, convergiu também uma demanda voltada para as ações de organização sócio-rural, tal como para a produção de alimentos básicos. Naquele momento, o planejamento da Empresa se pautava em produtos prioritários e em áreas temáticas específicas, como:

- Administração Rural;
- Comercialização Agrícola;
- Conservação de Solo e Água;
- Drenagem e Irrigação;
- Mecanização Agrícola;
- Organização Rural;



- Tecnologia Adaptada;
- Treinamento de Mão-de-Obra;
- Ação Social.

Focado no produtor rural, os técnicos atendiam qualquer tipo de atividade, sem um planejamento estratégico estruturado. Foi dada prioridade à capacitação da mão-de-obra rural, na sua grande maioria vinda de outras regiões sem conhecimento dos sistemas de produção no Cerrado.

Na perspectiva de difusão de novas tecnologias e com a finalidade de dotar os extensionistas de meios metodológicos adequados, foram elaborados diversos livros, cuja autoria contou com a participação de pesquisadores da Embrapa, extensionistas rurais e dos próprios produtores. O objetivo era o de aumentar e aperfeiçoar o cultivo agropecuário por meio de práticas agrícolas adaptáveis ao momento tecnológico dos produtores e da produção.

Desta forma, novos programas de trabalho foram implantados como o de treinamento de mão-de-obra, o Provárzeas e o de Biodigestores.

Por pressão dos próprios técnicos da Empresa, criou-se um grupo de trabalho que fez um balanço organizacional nos anos 80. O resultado deste estudo constatou entraves na atuação da Emater-DF, que trabalhava ainda com os mesmos cinco escritórios locais implantados em 1979. Foram instalados mais sete escritórios. Criaram-se duas regiões:

Região I – Brazlândia, Ceasa, Gama, Taguatinga, UEPAE, Vargem Bonita e Região II – CPAC, PAD-DF, Planaltina, Rio Preto, Sobradinho e Tabatinga, além da inauguração de mais dois escritórios avançados: Nova Betânia e Brasília.

O enfoque do trabalho passou a ser tanto para produto agropecuário, quanto para áreas técnicas prioritárias, como: nível de tecnologia do produtor; alimentação de bovinos; uso racional de insumos na cultura da cenoura etc. A atenção institucional ficou voltada para a produção de alho, batata, cenoura, repolho, tomate, arroz, feijão, milho, soja, trigo, bovinocultura, suinocultura e avicultura.

Continuaram ainda os programas: Provárzeas, Biodigestores, Treinamento de Mão-de-Obra e foram criados outros como os de Conservação dos Solos, Compra Cntecipada, Prohort, Emergência para combate à Seca no DF e Bem Estar Social.

Data do início da década, a atuação na área de Economia Doméstica, com a contratação de profissional, que desenvolveu um programa de educação sanitária e alimentar, e ações educativas nos campos da saúde, alimentação/nutrição, saneamento, trabalho em hortas domésticas, conservas caseiras, organização de grupos de jovens, criação de pequenos animais, bem como tratamento e utilização adequada da água.

Houve, então, mudanças temáticas, com a extinção dos programas de Biodigestor e Emergencial da Seca, sendo substituídos por dois outros: Multiplicador de Inovações Tecnológicas e Tecnologia Adaptada. A Empresa continuava com a estratégia de trabalho em produto e nas áreas técnicas prioritárias. Foram acrescentados o produto abóbora japonesa e os programas de tração animal e de administração rural.

Dez anos após sua fundação, a Empresa contava com 19 escritórios locais e o escritório da comunidade de São José. Na linha de ação adotada pela Empresa, até 1988, obtiveram-se resultados positivos, considerando a evolução da produção agropecuária do Distrito Federal. Os serviços de ATER cumpriram sua meta de difusão e transferência tecnológica, produzindo a modernização de um segmento da produção agropecuária, embora o aprimoramento e os benefícios tenham ocorrido para limitado número de produtores.

Com a promulgação da constituição de 1988, mudaram os paradigmas dos serviços de assistência técnica e extensão rural. De uma visão essencialmente produtivista, passou a adotar uma postura com ênfase nos aspectos sociais. De objetivos especificamente voltados para a produtividade das técnicas agrícolas, abriu-se espaço para as questões de organização rural, questões sociais e processos de convivência e associativismo.

Surgiu, daí, intenso debate na Empresa pela busca de novas linhas básicas de atuação, como marco inicial do processo de redirecionamento dos serviços da ATER, no Distrito Federal. Nesse sentido, a visão meramente difusionista cedeu espaço às necessidades dos produtores, trabalhadores rurais e suas famílias, adotando-se o planejamento participativo e propondo-se um padrão de desenvolvimento como resultado do processo de decisão dos atores envolvidos.

Implementou-se um audacioso programa de treinamento de recursos humanos na Empresa com expectativa de aprimorar e estimular a capacidade de observar, registrar e sistematizar as experiências acumuladas, adequando a ação do serviço às necessidades e aspirações do público alvo.

Buscava-se, por outro lado, certo alinhamento e articulação para aproximar as políticas do Governo Federal e do Governo do Distrito Federal.

Com o agravamento da crise econômica do final da década, reduziram-se os repasses de recursos do Governo Federal, preocupado em minimizar gastos para com isso enfrentar o processo inflacionário instalado. A crise repercutiu na Emater-DF fazendo com que fossem fechados escritórios. De 19 unidades no campo passou a 15 o número de unidades de assistência local. Havia também, uma notória perda do poder de compra dos assalariados, fruto das políticas restritivas de reposição salarial.

A consequência foi o esvaziamento sistemático do seu quadro funcional, ampliando a sangria da perda de técnicos qualificados. A Emater-DF reagiu e implantou um plano de cargos e salários para tentar conter a evasão de quadros e manter a qualidade dos serviços prestados.

No plano institucional do GDF, e no próprio público beneficiário, o final da década trouxe afinal, a certeza da consolidação da Emater.

Os resultados, em termos de produção/produtividade, das lavouras e do quadro social no campo foram o testemunho incontestado do avanço empreendido no Distrito Federal.



DÉCADA DE 1990 – Emater-DF, democracia e desenvolvimento sustentável

Embora o início da década de 1990 tenha sido caracterizado por elevadas taxas de juros, tentativas frustradas de controle da inflação, desemprego em expansão, denúncias de corrupção, desabastecimento, safras agrícolas comercializadas com prejuízos, ocasionando endividamento crescente do setor agrícola, ainda assim, existia expectativa positiva, gerada pelas promessas de campanha do Presidente Fernando Collor, de acabar com a inflação, com a corrupção, com os “marajás” do serviço público e com o sofrimento dos “pobres descamisados”.

No dia seguinte à sua posse, o presidente Fernando Collor adotava um programa de estabilização econômico, radical e heterodoxo, caracterizado pelo confisco monetário, congelamento temporário de preços e salários e reformulação das taxas de correção monetária, denominado “Plano Collor”.

Com práticas centralizadoras e as promessas de uma administração austera, promoveu o enxugamento da máquina estatal, demitiu servidores públicos, extinguiu autarquias, fundações e empresas públicas, entre elas a Embrater, o que ocasionaria descontentamentos em todo Brasil, e em especial no meio rural.



Ao apresentar o "Brasil Novo", decepcionou novamente os produtores rurais, com uma política econômica para a agricultura, que além de acanhada, trazia embutidos fatores limitantes à produção e à circulação de bens e serviços. Concomitantemente, anunciou a abertura abrupta da economia nacional à competição externa, facilitando a entrada de mercadorias que inundaram o país com produtos de qualidade duvidosa.

O plano econômico e a política agrícola adotados prejudicaram a agricultura, reduzindo a liquidez e inibindo, ainda mais, a comercialização da safra. Para complicar, os financiamentos agrícolas foram corrigidos pelo Índice de Preços ao Consumidor - IPC de março de 1990 (84%) e os preços pelo Bônus do Tesouro Nacional - BTN do mesmo mês (42%), o que praticamente inviabilizou o pagamento dos débitos dos agricultores nas datas contratadas.

É, também, desse governo a iniciativa de sucateamento da extensão rural no país, com cortes substanciais dos recursos financeiros, deixando o sistema de ATER, além de órfão da Embrater, sustentado unicamente nos governos estaduais.

Na Emater-DF manteve-se a linha de trabalho iniciada na década anterior, embora o "Plano Collor" tenha ocasionado insatisfação dos servidores com a política salarial de congelamento adotada, o que gerou desmotivação profissional.

A partir de 1991, diferentemente da maioria das empresas de extensão rural do país, que vivenciavam uma situação de quase abandono, a Emater-DF experimentava uma fase privilegiada de sua história, com o decisivo apoio financeiro do GDF.

Com recursos provenientes do orçamento do Governo do Distrito Federal, e de convênios com organismos internacionais, como o BIRD, a Emater-DF conseguia ampliar, consideravelmente, sua estrutura e atendimento, por meio da contratação de recursos humanos especializados; de empresa de consultoria, visando a sua modernização institucional e informatização de suas atividades; da aquisição de veículos; da melhoria das instalações dos escritórios locais e da sede; da construção do Centro de Treinamento; e da implantação de um novo plano de cargos e salários, proporcionando a recuperação das perdas salariais anteriores.



Nesse novo contexto, um clima de motivação alcançou os funcionários, refletindo positivamente no desempenho da empresa. Voltava a vontade de fazer da Emater-DF um modelo demonstrativo de extensão rural para o país.

Nesse período, um novo padrão de ocupação de terras rurais do Distrito Federal ocorria em razão do próprio crescimento desordenado da Capital Federal. Uma população eminentemente urbana avançou para a zona rural, criando um novo público que passou também a receber atenção dos extensionistas da Emater-DF.

No cenário nacional, o "tiro único" dado pelo plano de estabilização econômica do Presidente Collor não conseguiu conter a inflação, que aumentava a cada dia, trazendo recessão e minando as forças políticas do governo. Ademais, começavam as denúncias contra autoridades governamentais, de corrupção, de desvio e de malversação do dinheiro público.

Na Emater-DF continuava o clima de confiança no futuro promissor para a agropecuária do Distrito Federal. Por meio de convênio com o Colégio Agrícola de Brasília, criava-se o Centro de Treinamento de Extensão Rural do Distrito Federal - Center.

Em julho de 1992, o Governo do Distrito Federal instituiu as "Hortas Comunitárias" em todas as cidades satélites de Brasília, com o objetivo de beneficiar a população carente com doações, e incumbiu a Emater-DF de comandar as regras e orientações para seus cultivos.

Nessa ocasião, a Emater-DF, que contava com 21 escritórios locais, conseguia ampliar, consideravelmente, o número de técnicos, que passaram de 66 para 93. Os resultados positivos tornaram-se visíveis, em números de produção e de produtividade, nas culturas de grãos, hortifrutigranjeiros e na pecuária.

Por outro lado, no plano federal, o Governo Collor, acuado, lançava o Plano Collor II, que congelou preços e salários, acabando com o overnight e com o Bônus do Tesouro Nacional.

Finalmente, depois de um longo processo que paralisou o país, o Congresso Nacional, pressionado, votou em dezembro de 1992, pelo impeachment presidencial e cassaram seus direitos políticos por oito anos. Tomou posse o vice-presidente Itamar Franco, que teve como meta básica realizar uma gestão transparente e que possibilitasse uma transição sem turbulências para seu sucessor.

Para tanto, precisava controlar a inflação, que assolava a economia do país. Assim, respaldado por um ambiente politicamente favorável e uma base partidária ampla, deu início ao seu plano de governo.

Em âmbito local, a Emater-DF continuava prestando serviços de qualidade às comunidades rurais, conseguindo atingir 75% dos produtores rurais do DF, com o repasse de tecnologias e orientações para a agricultura, pecuária, economia doméstica, agroindústria e meio ambiente. Contava para isto com o apoio decisivo de diversos órgãos ligados ao setor agropecuário, em especial o Ministério da Agricultura, Abastecimento e Reforma Agrária (Maara) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

As grandes culturas quebravam recordes de produção e produtividade. A horticultura avançava com a difusão da plasticultura, que possibilitava a produção de mudas mais saudias, aumentando a produtividade de pimentão e pepino. As olerícolas superavam recordes de produção anteriores, permitindo inclusive a exportação para a região Norte do país. O consumidor lucrava com a articulação da pesquisa com a extensão rural, que fazia chegar ao mercado cultivares do pepino Shibata, repolho União e cenoura Brasília.

Disseminava-se também, com o apoio da Emater-DF, a nova tecnologia do Plantio Direto. Essa tecnologia compreende um conjunto de técnicas que melhoram as condições ambientais (água-solo-clima), na exploração do potencial genético das culturas.



Ao longo da década, o Plantio Direto se revelaria a grande alternativa, ambientalmente mais adequada, para exploração dos cerrados, passando a ocupar, em todo o país, uma área de cerca de um milhão de hectares com culturas anuais, no início da década de 1990, para mais de 12 milhões no ano 2000. Mais uma vez, os extensionistas da Empresa saíram na frente, em questão de difusão tecnológica.

Na pecuária, também, registravam-se aumentos na produção de leite e de carne. Um intenso trabalho foi desenvolvido para garantir a sanidade animal, imunizando os rebanhos da região contra brucelose e febre aftosa, além do trabalho de conscientização dos produtores quanto aos riscos dessas doenças.

O Distrito Federal, finalmente, desfazia-se do mito de improdutividade que se propagara desde os primórdios de sua história!

Técnicas de manejo de solos, como terraceamento, melhorias e recuperação de estradas, construção de bacias de contenção, proteção de nascentes, adubação verde e recuperação de matas ciliares passaram a fazer parte do "cardápio" tecnológico dos extensionistas. A sociedade assim o exigia. A empresa, focada nas demandas da sociedade, procurava responder à altura. Aos pequenos produtores, era dada especial atenção, intensificando ações de educação ambiental, como a de iniciação à coleta seletiva, consolidando a coleta de embalagens de agrotóxicos.

No plano federal, o presidente Itamar Franco lançava um novo plano de estabilização econômica, que extinguiu o cruzeiro real e a URV, e criava uma nova moeda, o Real, que vigora até os dias de hoje. A partir daí, foi possível planejar a retomada dos investimentos. E o país conseguiu deixar para trás a chamada “década perdida”, para se engajar numa nova era de crescimento e estabilidade econômica.

Tecnologicamente, a agricultura do Distrito Federal avançava, em especial, a irrigação ganhando reforço com o pleno funcionamento das estações agro-meteorológicas do PAD-DF e da Taquara. O uso de tensiômetros nas áreas irrigadas permitia aumentos no índice de produtividade de grãos e hortaliças, além da redução no consumo de energia elétrica e água.

A agroindústria chegava à área rural. Os seus benefícios alcançavam o produtor rural que agora tinha acesso direto ao mercado, uma remuneração mais justa, e consequente possibilidade de investimento na modernização e ampliação do sistema de produção. Nesse momento, foi intenso o trabalho dos extensionistas da Emater-DF, no processo de conscientização do produtor, sobretudo na questão da qualidade do produto, o que ajudaria a lhe fortalecer perante o público consumidor.

Entretanto, os encargos financeiros ainda se constituíam em sério obstáculo, comprometendo a contratação de um maior número de projetos de crédito rural, prejudicando a modernização das atividades e limitando a incorporação das inovações tecnológicas. As dificuldades persistiam.

O associativismo foi uma opção exercida pelos agricultores para enfrentar os altos custos dos insumos agrícolas. Incentivados pela Emater-DF, os produtores reuniram-se para a compra de mais de 800 toneladas de adubo e, ao final do período, contabilizaram uma economia significativa.



No ano em que a Emater-DF completaria 15 anos, recebia um novo desafio, estender sua área de atuação a 15 municípios da região do Entorno do Distrito Federal, a saber: Abadiânia, Água Fria, Alexânia, Cidade Ocidental, Cocalzinho, Corumbá, Cristalina, Formosa, Cabeceiras, Luziânia, Mimoso, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina de Goiás e Santo Antônio do Descoberto.

Tal desafio foi prontamente assumido pelos funcionários da empresa, que reconheceram na expansão de suas atividades a prova incontestável da qualidade do serviço de extensão rural oferecido aos produtores rurais. As ações da empresa foram orientadas por meio de programa especial, elaborado a partir de prioridades apontadas pelas Secretarias Municipais de Agricultura e lideranças rurais e comunitárias da região.

Assim, a Empresa cresceu em tamanho e qualidade e de 16 escritórios locais passou para 30. Realizou-se concurso público, contratou-se e treinaram-se novos profissionais. O custo financeiro dessa estrutura de trabalho, compreendendo salários, encargos sociais, material de consumo, serviço de terceiros e outras despesas correntes, totalizou a US\$ 2,4 milhões. Esses recursos financeiros tiveram procedências das seguintes fontes: Maara (1,5%), BIRD (5,5%), GDF (90%) e recursos próprios (2,5%).

O sucesso do plano econômico, o “Real”, levou à vitória eleitoral, na disputa presidencial de 1994, o ex-ministro da fazenda Fernando Henrique Cardoso. No Distrito Federal, foi eleito governador o ex-reitor da UnB, Cristovam Buarque. Ambos tomaram posse no dia 1º de Janeiro de 1995. Por meio de programas de elevação da renda, geração de empregos e de melhoria da qualidade de vida das famílias, a Emater-DF passou a desenvolver suas atividades com o objetivo maior de contribuir para o acesso do trabalhador e da trabalhadora rural à plena cidadania.

Nessa oportunidade, foi criado pela SAP o Programa de Verticalização da Pequena Produção Agrícola do Distrito Federal – (Prove), que consistia em agregação de valor à produção da pequena unidade agrícola, a partir do processamento de produtos em agroindústrias familiares. Assegurava crédito, assistência técnica permanente, acesso ao mercado, através de “quiosques” de comercialização, e organização da gestão do processo produtivo. Tal programa projetou a Emater-DF no cenário nacional, resgatando o papel de Empresa inovadora que sempre norteou sua ação.

O Prove tornou-se conhecido no Brasil e no exterior, ganhando, inclusive, prêmios como o concurso “Gestão Pública e Cidadania”, promovido pela Fundação Getúlio Vargas, Fundação Ford e BNDES. Em julho de 1997, durante encontro internacional realizado em Nova York (EUA), que debateu Governabilidade para o Crescimento Sustentado e a Igualdade, o Prove foi eleito um dos programas de maior êxito da América Latina.

Esse Programa, por meio das ações de capacitação e profissionalização promovidas pela Emater-DF, proporcionou a melhoria da qualidade de mão-de-obra e a consequente elevação da renda dos pequenos produtores, dos trabalhadores rurais e suas famílias. O programa conseguiu diminuir o desemprego, gerou oportunidades de trabalho, sobretudo, para aqueles que não possuíam conhecimentos profissionais bem definidos.

A Emater-DF passou a oferecer à população rural mais um serviço, a Carteira do Produtor, baseada em critérios estabelecidos pela Secretaria de Agricultura e Produção, com a qual poderia comprovar o efetivo exercício de atividade rural no Distrito Federal.

Os pequenos produtores de Brasília passaram a ter, também, um lugar garantido para a comercialização, criado junto à Sociedade de Abastecimento de Brasília – SAB,

da entre-quadra 406/407 Sul. Este espaço incorporou novos segmentos do campo ao processo econômico, e mostrou-se excelente desempenho, multiplicando as suas vendas em pouco tempo de atuação. A cesta de produtos vendidos alcançava a marca de 60 e em gêneros diferentes, com produtos com a garantia da fiscalização sanitária do Governo do Distrito Federal, feita através do Departamento de Produtos de Origem Vegetal e Animal (Dipova), da Secretaria de Agricultura e Produção.

Nesse período, houve também a implantação do projeto de Compra Garantida, que assegurava aquisição antecipada dos produtos; ou seja, o pequeno agricultor passava a plantar com a certeza de que venderia seus produtos.

Assim, a Emater-DF passou a estimular os produtores, orientando quanto à segurança, à produção e ao processamento dos produtos. A política pública se completava com a participação do BRB, que assegurava o crédito, da Fundação Zoobotânica, que fabricava os kits de agroindústria, vendia insumos e analisava produtos nos seus laboratórios, e da SAB que comprava e vendia a produção.

No cenário nacional, em 1998, o Plano Real continuou sua trajetória de sucesso, o que permitiu a reeleição do Presidente Fernando Henrique Cardoso. No Distrito Federal, os programas e projetos desenvolvidos pela Emater-DF sofreram, então, descontinuidade.

Em 1999, no início do segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso, houve uma forte desvalorização do real, determinada por crises financeiras internacionais (Rússia, México e Ásia), levando o país a vivenciar grandes dificuldades financeiras, que elevou os juros reais a patamares altíssimos, resultando em aumento considerável da dívida interna brasileira.

Assim, terminava a década de 1990 que, no cenário nacional, foi marcada pela maturidade democrática do povo e das instituições brasileiras, pelas privatizações de grandes ativos do Governo Federal, e início da estabilidade econômica.

No Distrito Federal, os trabalhos desenvolvidos pela Emater-DF por meio de ações de apoio a grupos comunitários organizados, prioritariamente aqueles que constituíram as unidades agrícolas de base familiar, ajudaram a resgatar, ampliar e viabilizar a participação econômica e social das pessoas e comunidades atendidas, sobretudo dos produtores, trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda.



DÉCADA DE 2000 – novas perspectivas e novas preocupações

O novo milênio chega trazendo novas perspectivas e também novas preocupações. A globalização estabelece padrões na economia e os mercados internacionais passam a operar por meio de blocos econômicos, instalados em décadas passadas. Há uma busca frenética por novos mercados de commodities no mundo, e a China atinge patamares de consumo impensáveis para um país com um quinto da população mundial. Isso faz deslocar os eixos do fluxo internacional de bens e serviços.

Ambientalmente, há um notório desequilíbrio com a constatação do aquecimento global e suas consequências na geografia das nações. Há uma divisão no mundo entre os países que se comprometem com o chamado protocolo de Kyoto e os que não o admitem. A conservação do planeta vira moeda de barganha e novos padrões tecnológicos são exigidos, para conter o esfacelamento dos ecossistemas.

No Brasil, a incorporação de novas áreas ao processo produtivo gerou conflitos e chocou interesses. O crescimento da produção em grandes áreas de cerrado se deu em detrimento da biodiversidade. A sociedade demanda uma produção, que simultaneamente conserve os sistemas naturais e forneça produtos saudáveis, sem perda do padrão de segurança alimentar alcançado até aqui.

O Distrito Federal se consolidou como pólo dinâmico da agricultura brasileira, senão pela escala de produção, pela diversidade de produtos, ganhos de produtividade e a qualidade do abastecimento proporcionado ao mercado consumidor da capital.



A volta do ex-governador Roriz ao Governo do Distrito Federal, em 1999, influencia o desenvolvimento rural na década de 2000. Com ele, retorna o apoio à agricultura com ampliada visão em setores e temas. Para implementar sua política, criou o Plano de Desenvolvimento Rural do Distrito Federal e Entorno – Prorural-DF/Ride, por meio da Lei Nº 2.499, de 7 de dezembro de 1999. O Prorural-DF/Ride, composto por 17 Programas, teve a coordenação da Emater-DF conduzida por suas diferentes gerências.

O Prorural-DF/Ride em seus objetivos, propunha criar uma nova base de sustentação da agropecuária da região, utilizando o potencial do mercado de Brasília para promover a geração de empregos e renda no meio rural, com diversificação e agregação de valor à matéria-prima.

Os setores contemplados por esse Plano foram: pecuárias de corte e leite, ovinocultura, fruticultura irrigada, piscicultura, floricultura, agroindústria rural, bubalinocultura, agricultura orgânica, apicultura, sanidade animal, horticultura, bacias hidrográficas, irrigação localizada, avicultura, turismo rural, estruturicultura e apicultura.

No plano federal, o início da década ficou marcado pela continuidade da gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Para a agricultura, permaneceram os mesmos desafios: produzir mais, com ganhos crescentes de produtividade, gerar excedentes na balança comercial, no ambiente onde predominavam um elevado grau de endividamento e dificuldades na obtenção de novos créditos, no âmbito do mercado interno.

No mercado internacional, as disputas entre os grandes blocos econômicos se aprofundaram, e os produtos brasileiros passaram a enfrentar uma dificuldade adicional, fruto das barreiras sanitárias impostas pelos principais parceiros comerciais.

Quanto ao abastecimento do mercado interno, a agricultura continuou desenvolvendo o seu papel, escalado desde a origem do Plano Real (“âncora verde”), garantindo o abastecimento dos centros urbanos com comida farta e barata, e produzindo as matérias-primas necessárias à agroindustrialização.

Em 2003, assume a Presidência da República, um operário, migrante nordestino. O Presidente Lula cria ainda em 2003, para combater a fome e reduzir a miséria de grande parcela dos brasileiros, o Programa Fome Zero. Baseado em dois eixos: a segurança alimentar do cidadão, de um lado, e a geração de ocupação e renda, do outro, buscava incluí-lo socialmente no mercado de bens e serviços. Tal política ensejou ampla expansão da base da pirâmide social, repercutindo de maneira significativa no consumo de alimentos e produtos de primeira necessidade.

Para contribuir no combate a fome e a miséria de parte dos brasileiros, o Governo Federal recorreu ao agricultor familiar. Para tanto, aprofundou os instrumentos de políticas públicas para esse segmento da agricultura, ampliando as ações do Programa Nacional de Fortalecimento de Agricultura Familiar – Pronaf, dotando-o de novos instrumentos de política agrícola, necessários ao crescimento e ao desenvolvimento da produção. Esses instrumentos foram, dentre outros, ampliação do volume de recursos para crédito, redução das taxas de juros, maior abrangência dos serviços de ATER, seguro agrícola e garantia de preço mínimo.

Na Emater-DF, somadas às coordenações dos programas que compunham o PRO-RURAL-DF/Ride, os extensionistas não perderam de vista as ações de desenvolvimento comunitário e social. Nesse período, é também revigorado o mercado de produtos ecologicamente sustentáveis. A Emater-DF, que já vinha trabalhando com agricultura orgânica desde meados da década, amplia o atendimento ao número crescente de produtores que adotam esse padrão.

O apoio atinge, inclusive, a luta por um espaço diferenciado para comercialização da produção, do âmbito da Central de Abastecimento de Brasília – Ceasa. Surge daí, o mercado de produtos orgânicos, fruto da associação dos produtores, a qual está em vias de se transformar em Cooperativa de Produção Orgânica.



No campo da extensão rural, a Emater-DF fortaleceu ainda mais suas iniciativas com as ações comunitárias, promovendo o acesso da população carente da área rural aos serviços sociais e assistenciais nas áreas de saúde, previdência, educação, saneamento, higiene, direito civil, extensão rural, meio ambiente e lazer, além de formação técnica e de cidadania.

Outra atividade que merece menção foi o engajamento das equipes de campo da Emater-DF no programa educacional do GDF. Foi o caso da decisiva participação em “A Escola Bate à sua Porta”, que tinha o objetivo de mobilizar as famílias rurais para garantir o acesso de seus filhos ao ensino fundamental.

No Brasil, a assistência técnica e a extensão rural tomam um grande impulso com a criação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Pnater, pelo Governo Federal, em julho de 2006.

A Pnater restaura os compromissos históricos com o setor rural brasileiro, em especial com a agricultura familiar, estabelecendo princípios e diretrizes, focados na busca da universalização, pública e gratuita, dos serviços de ATER.

A promoção do desenvolvimento rural sustentável, a visão multidisciplinar e interdisciplinar com enfoques metodológicos participativos, a gestão democrática das decisões com a participação efetiva e o controle social determinado em todas as etapas pelos agentes sociais beneficiários e o desenvolvimento de processos educativos permanentes e continuados, com enfoque humanista e construtivista, objetivam a melhoria da qualidade de vida e a promoção do desenvolvimento rural sustentável da agricultura familiar.

A Emater-DF que, durante parte da presente década, enfrentara dificuldades para estabelecimento de convênios com o Governo Federal, por razões de ordem administrativa, finalmente conseguiu superá-las, abrindo novas possibilidades para captação de recursos, que somados aos recursos ordinários do orçamento do GDF, permitiram a volta de uma situação de protagonista no desenvolvimento rural do Distrito Federal.

Além disso, a Empresa tem se voltado para as questões dos processos de gestão social, relacionados ao universo da agricultura familiar, cuidando das diferentes dimensões do desenvolvimento desta categoria, em especial às ligadas à produção, ao social, ao ambiental.

Também é objeto da sua ação a gestão de atividades não agrícolas peculiares a esse segmento produtivo. Hoje, a Emater-DF tem um quadro de 268 funcionários, engajados na luta pelo desenvolvimento sustentável da agricultura do Distrito Federal. Pessoas capazes de empreenderem o esforço da superação e capacitadas para exercer com competência o seu trabalho, fazendo a história e construindo a perspectiva do desenvolvimento sustentável no Distrito Federal, um exemplo para as demais regiões e empresas de ATER, no Brasil.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL - EMATER-DF

FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA SUA CRIAÇÃO

O Governo Federal investia em planos econômicos de desenvolvimento e em empresas que pudessem modernizar a produção agropecuária. No Distrito Federal, as autoridades até o final da década de 70, buscavam insistentemente estratégias que promovessem a segurança alimentar.

Assim, desde a criação do Departamento de Terras e Agricultura, em 1957, na Novacap, diversas iniciativas foram se sucedendo para amenizar a insegurança alimentar e o custo alto dos alimentos. Em 1961, certamente por força dessas circunstâncias, foi criada a Fundação Zootécnica do Distrito Federal - FZDF. Essa instituição teve uma importância fundamental na dinâmica do desenvolvimento do espaço rural do Distrito Federal e consolidou uma presença marcante do Estado no setor agropecuário. A FZDF assumiu as funções de controle do arrendamento das terras rurais, infra-estrutura e fomento. Em 1971, em consonância com a tentativa de diminuir a dependência das importações dos alimentos, o GDF lançou o Plano Agropecuário para incentivar a produção.

No cenário nacional, o Governo Federal, em 1974 cria a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural, que teria como função coordenar as Empresas Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural. Empresas estas, que na sua grande maioria, tinham como origem as antigas Acar e Ancar, criadas na década de 40, 50 e 60.

No Distrito Federal a Acar foi criada em 1967 e extinta em 1975. As suas funções de assistência técnica e crédito rural passaram a ser assumidas pelo Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural – Dater - criado, em 1976, na FZDF. Após a sua criação, o Secretário de Agricultura entrou em contato com a Embrater, com o intuito de obter recursos para o novo departamento. Nessas conversações o Secretário foi informado, que somente para Empresas, e não para Departamentos, seriam liberados tais recursos.

Após algumas negociações políticas e entendimentos administrativos foi decretada pelo Senado e sancionada pelo Presidente da República, em dezembro de 1977, a Lei no. 6.500, que autorizava o GDF a criar a Emater-DF, com sede e foro em Brasília e jurisdição na área administrativa do Distrito Federal.

O Governador Elmo Serejo Farias, em 7 de abril de 1978, por meio do Decreto no. 4.140, criou a Emater-DF. Instituição jurídica de direito privado que integra a Administração Indireta do Distrito Federal, vinculada à Secretaria de Agricultura e Produção do Distrito Federal. Ela iniciou as suas atividades na sede da Secretária, no anexo do Palácio do Buriti, com alguns técnicos do Dater, da FZDF, que fizeram opção pelo quadro da empresa.

O artigo oitavo desse Decreto aponta que a Emater-DF também poderia, mediante convênio com as Secretarias de Agricultura dos Estados de Minas Gerais e de Goiás, desenvolver programas de ATER, na Região Geoeconômica de Brasília.



PIONEIROS

O desenvolvimento do espaço rural do Distrito Federal, desde o seu início, teve uma atuação marcante dos Extensionistas Rurais da Emater-DF. Sem o trabalho deles, a produtividade obtida pelos agricultores, estaria apresentando índices bem menores e a qualidade da produção, conseqüentemente, seria bem menor.

A Emater-DF, constituída inicialmente por cinco extensionistas com formação de engenheiros agrônomos: Eimar Vieira de Almeida, Francisco Antonio Cândia de Matos, Reinaldo Afonso de Melo, Renilton Santos Guimarães, Francisco Pereira de Sousa Leão e um extensionista médico veterinário Everaldo Flávio Soares Pereira, bem como, uma administrativa Selma Guimarães Amaral, todos originários do Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural - Dater, da FZDF. A Empresa crescia e começaram as contratações de outros técnicos e administrativos, tais como: engenheiro agrônomo João Bernardino de Sousa, o médico veterinário José Lopes Germano, o contador Mário Sousa Silva, os administrativos Luiz Carlos Xavier e Rita E. de Ataíde e o motorista Gabriel Teixeira de Oliveira.

Em setembro do ano de 1978, a Empresa fez novas contratações, sendo seis engenheiros agrônomos: José Antonio dos Santos Porcaro, Juares Ribeiro de Oliveira, Marcus Vinícius Ansani, Paulo Menezes Guedes, Pedro Maia Guimarães e Shigueo Matsuura, e um médico veterinário Ricardo Ferreira Barreto, que iniciaram os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural no campo.

Atualmente, conta com 268 funcionários que, ao longo destes 30 anos, ajudaram a cumprir a missão da Empresa, construindo uma trajetória marcada pela seriedade e compromisso dos profissionais que colocaram em prática um trabalho que transformou o espaço rural do Distrito Federal e que continuam a prestar com o mesmo empenho os seus serviços.

Esse histórico funcional tem um vínculo muito forte com o desenvolvimento da Emater-DF e das famílias rurais do Distrito Federal, pois esses extensionistas, além de prestar Assistência Técnica, também atuam de forma marcante no âmbito da extensão rural, contribuindo, com seus serviços, dedicação, profissionalismo, persistência e "insistência técnica", para a consolidação da Empresa e, sobretudo, do espaço rural do Distrito Federal que em três décadas elevou os patamares insatisfatórios de produção/ produtividade agropecuária e de qualidade de vida no espaço rural para um dos melhores do país.

Não é obra do acaso. É resultado de anos de trabalho incessante na preservação dos princípios e capacitação extensionista no aprimoramento das metodologias utilizadas pela extensão rural. E principalmente, o resultado da seriedade e da dedicação dos extensionistas aos seus trabalhos e à causa dos agricultores e suas famílias. São qualidades que compete a cada um dos extensionistas zelar e proteger para o futuro.

Tais resultados ajudaram a transformar a vida dos produtores, dos trabalhadores, das mulheres, das crianças, dos jovens e dos idosos rurais, contribuindo para o crescimento da produção agropecuária, da segurança alimentar, da qualidade de vida dos produtores rurais e de suas famílias e para a preservação do meio ambiente, buscando o desenvolvimento rural sustentável do Distrito Federal.

ESTRUTURA INSTITUCIONAL

A Emater-DF é uma entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado, integrante da Administração Indireta do Distrito Federal, vinculada à Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Distrito Federal. É parceira do Ministério do Desenvolvimento Agrário/MDA na implantação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural/Pnater e é associada à Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural – ASBRAER.

MISSÃO

Disseminar conhecimentos e formar produtores, trabalhadores rurais, suas famílias e organizações, nos aspectos tecnológicos e no sistema produtivo agrícola, visando à geração de emprego, renda e o desenvolvimento rural sustentável.

VISÃO

Buscar a excelência nos serviços prestados em atendimento a sua clientela.

OBJETIVOS

Colaborar com órgãos competentes do Governo do Distrito Federal e da Administração Federal na formulação e na execução das políticas de assistência técnica e extensão rural;

Prestar serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, gratuita e de qualidade para o fortalecimento da Agricultura Familiar;

Promover o desenvolvimento rural sustentável, com ênfase no equilíbrio ambiental, justiça social, viabilidade econômica, adotando os princípios da agroecologia;

Buscar a participação das organizações sociais no planejamento e acompanhamento das atividades de Assistência Técnica e Extensão Rural;

Atender prioritariamente os trabalhadores rurais, agricultores familiares e assentados da reforma agrária, em consonância com o Pnater;

Atender a agricultura empresarial e ao público urbano, de acordo com as demandas de cada segmento, considerando as características peculiares do Distrito Federal e as políticas do Governo do Distrito Federal, com prioridade para os projetos estruturantes e fóruns de desenvolvimento econômico implementados pelo governo local.



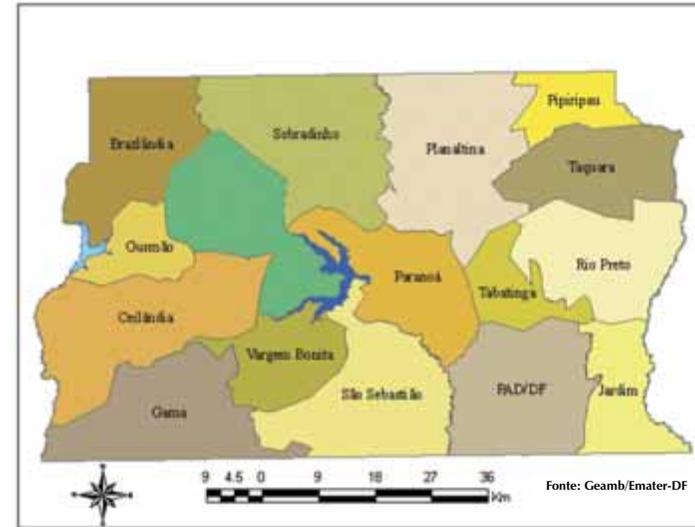
EMATER-DF

EMATER-DF



ÁREA DE ATUAÇÃO

A Emater-DF, para a execução de suas atividades, conta atualmente com 15 Gerências Locais: Alexandre de Gusmão, Brazlândia, Ceilândia, Gama, Jardim, PAD-DF, Paranoá, Píripipau, Planaltina, Rio Preto, São Sebastião, Sobradinho, Tabatinga, Taguara e Vargem Bonita, duas Gerências de Articulação: Regional Leste e Regional Oeste, um Centro de Treinamento, e um Escritório Central, distribuídos estrategicamente em todo o Distrito Federal.



ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A Emater-DF orienta e executa as suas rotinas operacionais com um corpo administrativo e técnico, composto de um Conselho de Administração, um Conselho Fiscal, a Presidência, uma Diretoria-Executiva e três Coordenadorias.

As coordenadorias são compostas por Unidades Gerenciais, de modo a permitir a ampliação da articulação entre as gerências locais, regionalizar a prestação dos serviços da empresa junto aos produtores rurais e suas organizações, elaborar Plano Anual de Trabalho integrado entre as gerências da região.

As expectativas, necessidades e desejos de seus clientes determinam o processo da Assistência Técnica e Extensão Rural da Emater-DF.

Eu creio

No agricultor e na terra, fontes de riqueza e bem estar, e creio no direito de acesso da comunidade rural aos benefícios da ciência, da educação e da cultura.

Na força criadora e nos potenciais de trabalho do meu povo, no seus anseios de paz e aspirações de vida, nos interesses que defende, nos horizontes que procura.

Na extensão rural como ação educativa, matriz de idéias e desejo de progresso, mobilizadora de vontades e de recursos para a promoção do desenvolvimento.

Em mim, creio no meu preparo profissional e na vocação de servir, na minha identificação com as aspectos vitais da comunidade a que pertenço, na determinação que tenho de ajudar a construir a grandeza e o progresso do meu país, e assim, tornar útil a minha própria vida.

E porque eu creio,
Sou Extensionista.

Autor desconhecido

RECURSOS HUMANOS E CAPACITAÇÃO

A Emater-DF, em 1978/1979 contava com uma estrutura técnico-administrativa, constituída de setenta e seis empregados, sendo trinta técnicos e quarenta e seis administrativos. Em 1984, após cinco anos de atividades chegou a 140 técnicos e 63 administrativos e hoje para executar seus trabalhos conta com 268 empregados, no Escritório Central e Gerências Locais e em seu Centro de Treinamento.

Quadro atualizado de servidores da Emater-DF. Melhorar este quadro

Extensionista Rural	Quantidade
Engenheiro Agrônomo	47
Médico Veterinário	22
Economista Doméstica (NS)	6
Economista Doméstica (NM)	18
Zootecnista	2
Economista	1
Técnico em Agropecuária	31
Total	127

Empregos de livre provimento e requisitos	Quantidade
Emprego de comissão	34
Emprego de comissão	1
Administrativos cedidos de outros órgãos (SAB)	51
Administrativos cedidos de outros órgãos (TCB)	1
Engenheira agrônoma cedida da SEDF	1
Zootecnista cedida da SEDF	1
Total	89

Empregados da Emater-DF cedidos a outros órgãos	Quantidade
Engenheiro Agrônomo	2
Médico Veterinário	6
Economista	1
Zootecnista	1
Assistente Administrativo	3
Contador	1
Técnico em Agropecuária	3
Total	17

Apoio administrativo	Quantidade
Administrativo	32
Desenhista	2
Digitador	1
Auxiliar de Serviços Gerais	4
Motorista	5
Total	44

Técnico Especializado	8
Total de empregados	268

Desde a sua criação, a Empresa mantém um Programa de Capacitação contínua de seus empregados, como sendo uma das atividades de maior importância dentro de sua política de recursos humanos.

Formar, atualizar, especializar e desenvolver os extensionistas rurais é o objetivo do processo de formação da Emater-DF, a fim de que possam, de maneira eficaz, atingir os objetivos organizacionais e operacionais.

O conhecimento é compreendido como algo dinâmico, vivo, como uma planta ou um animal. Daí a importância e o destaque para a capacitação de seu pessoal, em processo de permanente crescimento. Treinamento dos recursos humanos é uma das prioridades da Empresa consolidada ao longo desses 30 anos de existência.

O Processo de Formação de extensionista da Emater-DF compreende dois projetos:

1. Projeto de Formação e Atualização – por meio dos programas:
 - Treinamento de integração;
 - Capacitação inicial;
 - Reciclagem ou atualização.
2. Projeto de Pós-Graduação:
 - Pós-Graduação *Latu sensu* (Aperfeiçoamento, e especialização);
 - Pós-Graduação *Strictu sensu* (Mestrado, Doutorado).

O Programa de Capacitação de Recursos Humanos da Emater-DF é destinado aos Dirigentes, Comissionados, Extensionistas de Nível Superior e de Nível Médio, Técnicos Especializados, e aos Administrativos e Estagiários da Empresa.

Cria a possibilidade de acesso a todos os empregados, com base no resultado de análise quantitativa e qualitativa das informações, obtidas no levantamento das necessidades de treinamento.

O total dos eventos de capacitação oferecidos, pela Emater-DF a seus empregados e o número de treinados que participaram de eventos são apresentados no quadro seguinte.

É inegável o investimento em recursos humanos realizados pela empresa que, durante toda sua existência, teve um quadro de pessoal inferior a 300 empregados e a garantia de atualização, aperfeiçoamento e especialização de seu pessoal. A constante capacitação dos empregados da Emater-DF se dá exclusivamente para atender as necessidades dos produtores e famílias rurais da região do Distrito Federal.

Capacitação realizada por empregados da Emater-DF no período de 1979 a 2007	
Doutorados	1
Mestrados	22
Especialistas/ cursos	68/108
Treinamentos (carga horária de 46.956h)	984
Treinamento com repetição	5.152

A Emater-DF oferece estágio a estudantes, tanto do Ensino Superior quanto do Ensino Médio, com o objetivo de complementar seus estudos acadêmicos, por meio da prática profissional, desde o ano de 1982. Em especial aos matriculados em cursos da área de Ciências Agrárias e áreas afins para os serviços de Extensão Rural.

O acesso ao Programa de Estágio é possível por meio de convênios celebrados com instituições de ensino, das redes pública e privada, de acordo com a Lei n.º 6.494/77 e do Decreto n.º 87.497/82. Os convênios foram estabelecidos com as seguintes instituições: UBEC/UCB, UnB, CAB, ITB, Iesb, Uniceub, Unieuro, Fiplac, Uniplac, Facplac, Faculdades Michelangelo, Unip, Upis, FTB, ACEG, CESB, Faceb, Unipam, SEE, CNEC, UNIDF, Icesp, UFV, UFPA, UFG, UNEB, FURG, Escola Agrotécnica Federal de Januária, MG, Escola Agrotécnica Federal de Urutaí, GO.

A realização do estágio é uma oportunidade para aprender, sistematizar e testar os conhecimentos teóricos aprendidos durante o curso, criando oportunidade para os alunos de:

- Aplicação na prática dos conhecimentos teóricos;
- Vivência de problemas reais na área profissional;
- Coleta de dados da realidade para melhor avaliação do mercado de trabalho;
- Aprofundamento dos conhecimentos em sua área de interesse;
- Teste de conhecimentos teóricos e práticos.

O estágio é realizado com jornada diária de 4 e de 8 horas, de acordo com a disponibilidade de horário do estudante, conforme legislação vigente. Além da Bolsa de Complementação Educacional, os estagiários recebem ticket alimentação e vale transporte, dependendo da dotação orçamentária.

A Emater-DF acredita que a oferta de estágio é uma chance para aprofundar conhecimentos e habilidades em área de interesse do aluno, com oportunidade de desenvolver projetos nas áreas agrícola, pecuária, crédito rural, comercialização agrícola, processamento de alimentos, hortas comunitárias urbanas e escolares, agricultura familiar, turismo rural, metodologia em extensão rural, políticas públicas, informática e desenvolvimento rural sustentável.

PALAVRAS DOS EX-GOVERNADORES



JOAQUIM RORIZ

Ex-Governador do Distrito Federal

Para o bom desempenho de uma instituição é necessário que haja interação entre dirigentes e servidores, afinados com o Governo e a política de desenvolvimento traçada. Se assim ocorre, o Governo pode estabelecer estratégias, definir metas e prioridades para o desenvolvimento de uma determinada área.

Ter na direção da Empresa pessoas capazes com conhecimento técnico e habilidade política é o que pode propiciar mudanças que geram benefícios para a instituição e para a população que necessita dos seus serviços.

Ouvir os servidores, os produtores rurais, os arrendatários de terra é o que tomou a Emater-DF uma instituição com capacidade de oferecer as respostas adequadas às necessidades apontadas, implantando uma política de atendimento ao que é demandado localmente no processo de desenvolvimento.

Quando o DF necessitou se tornar auto-suficiente na produção de hortaliças, foi o Banco de Brasília-BRB que teve a orientação do governo do Distrito Federal para dar crédito aos produtores rurais, e a Emater-DF para dar assistência técnica, estimulando e fomentando estas atividades.

A Emater-DF tornou-se uma empresa fundamental para a promoção da cidadania no campo, ampliando o conhecimento dos agricultores, favorecendo a permanência de pessoas no campo, desenvolvendo atividades agrícolas de forma rentável com melhores condições de vida.

É fundamental o papel que a Emater-DF tem na política de melhoria e assessoria para os agricultores. Foi esse o meu entendimento quando estive à frente do Governo do Distrito Federal.



SENADOR CRISTOVAM BUARQUE

Ex-Governador do Distrito Federal

A Emater-DF é uma empresa de aplicação de políticas públicas nas áreas de produção agrícola. Sua missão é: "Desenvolver e disseminar os conhecimentos do sistema produtivo agrícola, para informar e formar produtores e trabalhadores rurais, suas famílias e organizações visando o desenvolvimento rural sustentável e o pleno exercício da cidadania".

Sempre defendi instituições como a Emater-DF. Para mim, ela é essencial para a promoção de um desenvolvimento sustentável e solidário no campo. Seria impossível realizar qualquer ação transformadora sem um serviço de assistência técnica e extensão rural comprometido.

Quando Governador do Distrito Federal, a partir de janeiro de 1995, o Governo Democrático e Popular decidiu mudar a forma de governar e agir, sobretudo, para que fossem democratizadas as oportunidades; para que a ação das instituições públicas alcançasse todos os cidadãos, sem exceção, e para que não faltassem aos pobres e excluídos condições apropriadas para saírem do estado de pobreza e exclusão.

Com o mesmo propósito e determinação, a Emater-DF, juntamente com outras instituições vinculadas à Secretaria de Agricultura, decidiu enfrentar a exclusão social no campo. Os resultados e os efeitos obtidos no período demonstram que isto é perfeitamente possível, e mais, é indispensável para o próprio crescimento da sociedade.

No momento em que se festeja o aniversário da Emater-DF, gostaria de homenagear a atuação dos seus funcionários que não hesitam em contribuir para o êxito de sua missão institucional, deixando de ser meros servidores públicos para se investirem da condição de servidores do público.

Parabéns Emater-DF, pelos seus 30 anos!

GALERIA DE FOTOS



Presidência e Diretoria-Executiva Pioneiros



Pioneiros



Coordenadoria de Operações



Gerência de Programação e Orçamento



Gerência de Acompanhamento Operacional



Gerência de Execução Orçamentária e Financeira



Gerência de Pessoal



Gerência de Contabilidade

Gerência de Material e Patrimônio



Gerência de Serviços Gerais e Transporte



Gerência de Metodologia, Comunicação e Documentação



Gerência de Progração e Orçamento



Gerência do Center



Coordenadoria de Planejamento



Gerência de Desenvolvimento Sócio Familiar



Gerência de Agroecologia e Meio Ambiente



Gerência de Desenvolvimento Econômico Rural



Gerência de Agropecuária



Gerência de Planaltina



Gerência de Taquara



Gerência de São Sebastião



Gerência de Jardim



Gerência do PAD-DF



Gerência de Ceilândia

Gerência de Sobradinho



Gerência de Brazlândia



Gerência de Alexandre de Gusmão



Gerência de Regional Oeste

Gerência do Gama



Gerência de Tabatinga



Gerência do Paraná



Gerência do Pipiripau



Gerência do Rio Preto



Gerência de Vargem Bonita



Associação dos Servidores - ASSER



PRESIDENTES DA Emater – 1978/2008

Marlênio José Ferreira Oliveira	20/4/1978 a 21/5/1979
Manoel Moreira Neto	21/5/1979 a 30/1/1980
Mário Capp Filho	7/2/1980 a 7/8/1985
Flávio Augusto d'Araújo Couto	7/8/1985 a 14/11/1988
Manoel Olímpio de Vasconcelos Neto	14/11/1988 a 14/1/1991
Waldir Marques Giusti	14/1/1991 a 4/1/1995
Carlos Ponciano Barros Cavalcanti	4/1/1995 a 10/4/1997
Maurício Dutra Garcia	11/4/1997 a 9/12/1998
Paulo Menicucci Castanheira	7/1/1999 a 5/7/2000
Wilmar Luis da Silva	7/7/2000 a 10/5/2006
Rildon Carlos de Oliveira	11/5/2006 a 2/1/2007
Carlos Magno Campos da Rocha	17/1/2007 ...

DIRETORES DA Emater – 1978/2008

José Gomes Vieira	20/4/1978 a 21/5/1979
Waldir Marques Giusti	21/5/1979 a 27/7/1983
José Faria de Novaes Filho	27/7/1983 a 7/8/1985
Donizete José Tokarski	7/8/1985 a 7/1/1987
Ricardo Ferreira Barreto	22/1/1987 a 22/8/1990
Álvaro José dos Santos Neto	22/8/1990 a 4/1/1995
Almeri da Silva Martins	4/1/1995 a 12/2/1996
Zeke Beze Júnior	12/2/1996 a 31/10/1997
Reinaldo Pena Lopes	31/10/1997 a 11/1/1999
Dilson Resende de Almeida	11/1/1999 a 30/1/2003
Mardoqueu Gomes de Carvalho	30/1/2003 a 5/12/2005
Rildon Carlos de Oliveira	7/4/2005 a 10/5/2006
Sebastião Márcio Lopes de Andrade	11/5/2006 a 2/1/2007
Carlos Cesar Vieira da Luz	17/1/2007 ...

IN MEMORIAM

Abraão Tadashi Hagasava
 Crisóstomo Guanães Dourado
 Leila Menezes Peixoto
 Mardoqueu Gomes de Carvalho
 Orlando Lopes Dias
 Ricardo Ferreira Barreto
 Sônia Regina Aragão Soares

Emater-DF: EXPERIÊNCIAS DE SUCESSO – PROGRAMAS, PROJETOS, AÇÕES E ATIVIDADES

Ao longo de seus 30 anos de trajetória, a Emater-DF empreendeu uma infinidade de ações, ora focadas no desenvolvimento da produção, ora focadas no desenvolvimento do homem.

Essas ações, além de obedecerem aos critérios técnicos assumidos pelos extensionistas, também observaram estrita harmonia com os interesses dos agricultores e seus familiares.

Assim, a história da Emater-DF, como visto até aqui, foi construída a partir dos diferentes momentos vividos pela sociedade do Distrito Federal e do Brasil.

As experiências listadas a seguir representam algumas dessas ações, de um acervo imenso, que procuram traduzir os compromissos da Emater-DF com seu público.

Mais que relatos, são fragmentos da história da Empresa e o testemunho de seu vínculo com a sociedade do Distrito Federal.

É Emater SIM, SENHOR!

A cada planta que não cresceu
A cada raiz que vingou
A cada bezerro que não nasceu
A cada colméia que migrou
A cada pasto que floresceu
A Emater não faltou.

A cada muda plantada
A cada vingada de flor
A cada vaca apartada
A cada mel que apurou
A cada receita contada
A Emater não faltou.

A cada criança na escola
A cada “o banco aceitou”
A cada redução de esmola
A cada “obrigado, doutor”
A cada projeto sem bola
É Emater sim, senhor.

Francisco Herculio da Costa Matos



CRÉDITO RURAL – HISTÓRICO NO DISTRITO FEDERAL

O Crédito Rural Orientado, no Distrito Federal, teve início em julho de 1967, com a criação da Carteira de Crédito Rural do BRB, e assinatura da Carta de Crédito Rural, pela Secretaria de Agricultura e Produção e o Presidente do Banco. Este instrumento delineava a política de Crédito Rural para a Região Geoeconômica de Brasília, em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Carta de Crédito de Brasília, lançada pelo Governo Federal para todo o País.

Seguindo os preceitos estabelecidos no documento, da necessidade de entrosamento do Crédito Rural com Assistência Técnica, o BRB buscou a colaboração da Secretaria de Agricultura para que essa desenvolvesse uma ação paralela de assistência técnica aos beneficiários do Crédito Rural, sendo criadas inicialmente duas Unidades Móveis de Crédito Rural – Umocret. Com o aumento significativo no número das operações de crédito pelos pecuaristas da região, foi firmado convênio com a Associação de Crédito de Assistência Rural – Acar-DF, aumentando o número de unidades móveis e de técnicos no acompanhamento, executado por cinco Agrônomos, sendo dois da Secretaria de Agricultura e três da Acar-DF. Em menos de um ano, as Umocret atendiam parte dos pequenos produtores (horticultores) do Distrito Federal e da região do Entorno (constituída por 47 municípios); o atendimento era feito principalmente aos pecuaristas na aquisição de matrizes de leite e reprodutores, que visava o melhoramento do rebanho.

O Banco do Brasil, por meio das suas agências fora do Distrito Federal, centrava suas ações no atendimento aos produtores tradicionais.

Em 1975, é extinta a Acar-DF, instituição que teve a incumbência durante oito anos de apoiar os produtores rurais do Distrito Federal e da região Geoeconômica de Brasília, levando crédito e orientação técnica aos produtores rurais. Com o fim da Acar-DF, as ações desenvolvidas pela instituição na região Geoeconômica retornaram para a Acar-GO e Acar-MG. A Secretaria de Agricultura e Produção do Distrito Federal, por meio do Departamento de Produção Agropecuária assume a responsabilidade de assistência aos produtores, atribuição essa, logo transferida para a FZDF – Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural – Dater, criado em 1976.

Em 1975, o Governo Federal lança o Polocentro, que tinha como objetivo a ocupação do Cerrado brasileiro oferecendo, aos produtores da região e aqueles que aqui desejassem se instalar como forma de incentivo, crédito de longo prazo e altamente subsidiado, com taxas de juro zero, financiando corretivos e fertilizantes, indispensáveis à ocupação do Cerrado. Na região Geoeconômica de Brasília, o programa recebia a denominação de Polobrasília, sendo operado pelo BRB.

Inicia-se um longo período por procura de crédito, ficando o trabalho das Emateres, da região, grande parte concentrada na elaboração de projetos. Para suprir a demanda dos produtores na elaboração de projetos de crédito, surgiram inúmeras empresas de planejamento agrícola; tornando-se um dos principais mercados de trabalho para os profissionais da agropecuária.

Em 1976, é criado o Dater, para preencher a lacuna deixada pela Acar-DF e suprir as demandas por crédito rural, em função do Polobrasília. Apesar das poucas condições de infra-estrutura e de pessoal técnico, o Dater, nesse primeiro momento, atendeu as necessidades. No ano de 1977, o Governo do Distrito Federal, cria o Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal – PAD-DF, seguindo o exemplo do Programa de

Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba – PADAP, programa bem sucedido na região de São Gotardo, MG. Com área já delimitada, o Secretário de Agricultura, Pedro do Carmo Dantas tinha pressa em implantar o programa que viria a ser um marco para a agricultura do Distrito Federal.

A primeira providência foi buscar produtores com tradição em cultivos de grãos: arroz, soja e trigo. Dirigiu-se-se inicialmente às Cooperativas do Sul do País, tendo encontrado ali produtores que plantavam pequenas áreas e tinham interesse em progredir, de pronto aceitaram o desafio de desbravar o Cerrado no Centro-Oeste brasileiro.

Ainda nesse mesmo ano, as famílias acampavam no Distrito Federal, com o compromisso de proceder às primeiras providências para plantio – desmatamento, catação de raízes, correção de solo, adubação intensiva etc. Inicia-se a corrida contra o tempo, a fim de dar condições aos produtores de cumprir com o compromisso de realizar o plantio, ainda no ano de 1977. Ao Dater e ao BRB, coube viabilizar o Crédito para os produtores recém-chegados. A tarefa do Dater era entregar os 14 primeiros projetos, Polobrasília, ao Banco. Desta forma, os produtores selecionados para ocupar a área “A” do PAD-DF poderiam ter condições mínimas para adquirir os insumos necessários e iniciar o plantio. Ao BRB coube liberar os recursos para arcar com os compromissos assumidos junto aos fornecedores. Mesmo com todas as dificuldades surgidas para viabilizar o crédito tais como: cadastro de produtores, garantias, pouca oferta de insumos, maquinário, ao final de dezembro de 1977 e janeiro de 1978, as primeiras lavouras de arroz estavam plantadas. Era o início da agricultura empresarial no Distrito Federal.

Durante os primeiros meses de 1978, a principal ação dos poucos técnicos do Dater, era basicamente apoiar os produtores nas demandas inerentes à ocupação do Cerrado como crédito rural, tecnologia de plantio, dentre outras. Com a procura, cada vez mais intensa, pelos serviços prestados pelo Dater, a estrutura do Departamento já começava a demonstrar falta de condições para atender satisfatoriamente a demanda dos produtores, sendo visível a falta de uma instituição com mais agilidade nas suas ações que pudesse atender com rapidez os pleitos demandados.

Em Abril de 1978, é criada a Emater-DF, Empresa Pública, vinculada a Secretaria da Agricultura e Produção, que estatutariamente atendia a política de Assistência Técnica e Extensão Rural e Pesquisa Agropecuária estabelecida pelo Governo Federal, com a Coordenação das recém-criadas, Embrater e Embrapa.

Constituída, inicialmente, por sete técnicos e um administrativo originários do Dater, a Emater-DF, nascia com a responsabilidade de atender os anseios da comunidade rural, que buscava informações, principalmente, àqueles produtores oriundos de outras regiões e conhecedores de outras realidades.

Em setembro do ano de 1978, a Empresa fez suas primeiras contratações de técnicos e administrativos que se somaram aos originários do Dater, visando atender a grande demanda dos produtores – Crédito Rural.

Durante esses 30 anos de existência, a Emater-DF, a exemplo das demais Empresas de Extensão Rural do Brasil, teve no crédito rural orientado sua principal alavanca para levar aos produtores rurais do Distrito Federal tecnologia de produção visando ao desenvolvimento da região. No Distrito Federal foram vários programas de financiamento usados pela extensão rural.

I) Polobrasília, instituído em 1975 e operado pelo BRB, tinha a finalidade de promover o desenvolvimento da região Geoeconômica de Brasília. Foi o grande responsável pela expansão da fronteira agrícola de toda região. Tinha como principal atrativo o



financiamento de investimento, com até 12 anos de prazo e custeio, com até três anos para pagamento. As baixas taxas de juros, um dos grandes atrativos chegava a juro zero no caso do calcário e fertilizantes.

II) Provárzeas, Programa do Governo Federal, que tinha como objetivo a incorporação das Várzeas ao processo produtivo por meio da sistematização e drenagem. Apesar de pouco ter contribuído para a consolidação da agricultura do Distrito Federal, o programa tinha como forte apelo a ocupação das áreas de várzeas, consideradas hoje como área de preservação permanente, com utilização proibida por lei.

III) Prohort, Programa do Governo do Distrito Federal, tinha como agente financeiro o BRB., sendo a Emater-DF responsável pela divulgação, elaboração dos projetos de crédito e de assistência técnica aos produtores rurais do Distrito Federal, levando recursos para financiamento de equipamentos de apoio a produção tais como; micro-tratores, equipamentos de irrigação etc.

IV) Compra Antecipada, Programa do Governo do Distrito Federal, de incentivo a produção de olerícolas, tendo como principal atrativo, a garantia de preço da produção e seguro agrícola contra eventos de ordem climática, doenças e pragas de controles desconhecidos. Tinha como agente financeiro o BRB, que financiava o custeio da produção ficando a Emater-DF responsável pela divulgação, elaboração dos projetos de crédito e assistência técnica. Em conjunto com a SAB e a COBAL, a Emater-DF estabelecia um calendário com as necessidades de cada produto e a quantidade que cada produtor, previamente agendado, entregaria aos supermercados dessas instituições. O seguro da produção ficava sobre a responsabilidade da Companhia de Seguro do Estado de São Paulo – COSESP.

V) Compra Garantida, com o fim do Programa Compra Antecipada, foi criado pelos órgãos vinculados ao Governo do Distrito Federal, financiado pelo BRB e executado pela Emater-DF e SAB. Esse programa seguia a mesma estratégia, só que desta feita, apenas a rede de supermercados da SAB recebia os produtos, previamente, contratados.

VI) Programa de Apoio à Agricultura Familiar, instituído por meio do Convênio Nº 035/98, firmado entre as empresas vinculadas à Secretaria de Agricultura, com o objetivo de apoiar a agricultura familiar e o Programa de Verticalização da Produção-Prove, criado pelo Governo do Distrito Federal. Tinha como objetivo oferecer crédito subsidiado para investimento e custeio, e o público prioritário eram os produtores dos projetos de assentamentos do Distrito Federal. Durante a vigência do programa foi priorizado financiamentos para aquisição de infra-estrutura de irrigação, perfuração de poços e pequenos kits de irrigação, e também para pequenas agroindústrias.

VII) FCO, Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste, instituído em 1988, veio complementar as ações iniciadas pelo Polocentro e Polobrasília. Foi, ao longo desses 20 anos, o principal instrumento de apoio ao desenvolvimento da região, principalmente as ações da extensão rural, levando aos produtores rurais créditos de longo prazo e juros subsidiados, tendo o Banco do Brasil, como agente financeiro.

VIII) Creditrabalho, criado pela Lei Complementar Nº 05, de 14 de Agosto de 1995, com a denominação de Fundo de Solidariedade para Geração de Emprego e Renda do Distrito Federal – Funsol, transformado pela Lei Complementar Nº 704, de 18 de janeiro de 2005, em Fundo para Geração de Emprego e Renda – Funger. É um programa da Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho – Sedest, tendo como agente financeiro o BRB e a Emater-DF, como seu executor junto aos produtores.

Sua principal característica é a agilidade na liberação de recursos, durante todos esses anos, tendo contribuído para o desenvolvimento do Distrito Federal, levando aos produtores familiares, recursos para financiamento de custeio da produção e investimento para as mais variadas atividades.

IX) FDR, Fundo de Desenvolvimento Rural do Distrito Federal, instituído pela Lei Nº 2653, de 27 de dezembro de 2000, é constituído com recursos de várias fontes, principalmente aquelas oriundas da concessão de uso, arrendamento ou venda dos imóveis rurais pertencentes ao Governo do Distrito Federal, sendo a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a gestora do Fundo e o BRB, o agente financeiro. Os recursos são destinados para financiar investimento e custeio, objetivando o desenvolvimento da área rural do Distrito Federal. Somente a partir de 2004, os primeiros projetos foram aprovados, tem sido um dos programas que a extensão utiliza para levar suas ações aos produtores rurais.

X) Pronaf, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, criado em 1995, destina-se ao apoio financeiro visando ao desenvolvimento das atividades agropecuárias e não agropecuárias, exploradas mediante emprego da mão-de-obra do produtor e sua família. O programa tem se destacado pela grande quantidade de recursos disponibilizados para os pequenos produtores rurais de todo o país. Surgiu da mobilização dos produtores e trabalhadores rurais insatisfeitos com a falta de crédito rural para atender suas demandas, visto que o Procefa, programa com características semelhantes, limitava o atendimento aos agricultores assentados em projetos de reforma agrária. No Distrito Federal, vem sendo operacionalizado pela Emater-DF, com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, tendo como agente financeiro o Banco do Brasil.

Durante esses 30 anos, decisões tomadas e programas de crédito rural disponibilizados aos produtores foram fundamentais para consolidação do Distrito Federal como pólo de produção.



AGROINDUSTRIALIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

Nas últimas décadas, novas demandas em relação ao consumo de alimentos começaram a surgir na sociedade. São valorizados os alimentos naturais, aqueles identificados com a diversidade cultural brasileira e, principalmente os alimentos que propiciam a uma vida mais saudável e que são produzidos de maneira ambientalmente correta, com pouco ou nenhuma utilização de aditivos químicos.

As agroindústrias do Distrito Federal, provenientes da agricultura familiar e empresarial, oferecem como alternativas a esta nova forma de consumo, um produto diferenciado, processado no estabelecimento rural. O produto apresenta características típicas regionais, resgatando a culinária rural, com aspectos importantes como a textura, o sabor e a aparência em sua apresentação.

O processo de industrialização proporciona ao produtor rural, agregação de valor aos produtos agropecuários, valorizando a produção e possibilitando melhores oportunidades de renda para a família, com geração de emprego na área rural.

É uma tendência atual a preocupação com a qualidade dos alimentos, preocupação essa que não se traduz apenas em valores nutricionais e de composição dos alimentos, mas também em padrão higiênico-sanitário. O crescente interesse dos consumidores em alimentos inócuos e seguros tem influenciado o mercado na busca de tecnologias de produção, processamento e fabricação que garantam a qualidade dos produtos in natura e industrializados.

O Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990) assegura os direitos que dispõe sobre a proteção do consumidor, como a proteção à vida, à saúde e à segurança contra riscos, e dá outras providências.

Para se adequar às exigências de qualidade dos mercados atuais, é necessário que os produtores e trabalhadores aperfeiçoem o processo produtivo de forma a garantir a segurança e o padrão de qualidade dos produtos. A qualidade dos produtos preserva a importante atividade da agricultura familiar, promove satisfação e confiabilidade à sua clientela, além de facilitar a conquista de novos mercados, construindo e consolidando o mercado local.

O Programa de Agroindustrialização da Produção dos Agricultores Familiares, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, tem entre os seus objetivos o apoio à agroindustrialização da produção, de modo a agregar valor, gerar renda e oportunidades de trabalho no meio rural. O programa apóia a melhoria da qualidade, da eficiência e da eficácia das agroindústrias e vem de encontro às necessidades locais de integrar as agroindústrias do Distrito Federal, tanto no processo de comercialização quanto na melhoria da qualidade dos produtos.

Buscando sempre o melhor aprimoramento, por meio de capacitação técnica e gerencial e na fabricação de produtos processados com qualidade sanitária, torna-se necessário o desenvolvimento de ações para a implantação das Boas Práticas de Fabricação. O programa visa, ainda, formar pessoas com maior competência e habilidades para executar atividades agroindustriais com segurança nos produtos processados pelas 32 agroindústrias rurais assistidas pela Emater-DF.

MICRO BACIA HIDROGRÁFICA - DF: AGRICULTURA ORGÂNICA E PROJETO ÁGUA CERTA

A Emater-DF desde sua criação incentiva a agropecuária no Distrito Federal, prestando assistência técnica aos produtores rurais e suas famílias, tendo como objetivo maior garantir a produção de alimentos para os moradores de Brasília.

Na década de 70, imperava no mundo a revolução verde e havia a crença que os pacotes tecnológicos e o difusionismo trariam a modernização do campo e da sociedade brasileira. Nessa época, foi criado o PAD-DF (Projeto Integrado de Assentamento Dirigido do Distrito Federal) que estimulou a vinda de agricultores do Sul do país para produzir em Brasília.

Nesta época, também, foi criada a Embrapa com o objetivo de viabilizar a produção na região do Cerrado, até então com solo considerado de baixa fertilidade, impróprios para a agricultura e antieconômica para a pecuária intensiva. A ênfase dada à modernização da agricultura, desde o início das atividades da Emater-DF, não deixou de considerar os aspectos ambientais.

Na década de 80, foram desenvolvidos trabalhos de conservação do solo, com demarcação de curvas de nível e incentivo à construção de terraços. Em 1987, foi implementada a microbacia-piloto do Distrito Federal, no Programa Nacional de Microbacias Hidrográficas. O piloto localizava-se no córrego Taquara onde toda a região foi trabalhada com construção de baciões de retenção de água, demarcação de curvas de nível e construção de terraços para a manutenção e conservação do solo e da água.

Na década de 90 foi implementado o Projeto Gota d'Água que trouxe a tecnologia da irrigação localizada, permitindo ao pequeno e micro produtor irrigar sua área com equipamento de alta eficiência e baixíssimo desperdício de água, beneficiando principalmente produtores de frutas e hortaliças.

Nas áreas de produção de grãos, a Emater-DF foi parceira importante na difusão do plantio direto na palha, tecnologia que permite o plantio sem revolvimento do solo, aumentando a retenção de água e diminuindo a erosão e perdas de solo.

A Emater-DF participou da organização do II Encontro Regional de Plantio Direto no Cerrado e do VI Encontro Nacional de Plantio Direto no Cerrado, realizados em Brasília em 1995 e 1998, respectivamente, pela APDC (Associação de Plantio Direto no Cerrado) desenvolvendo ações de incentivo ao plantio direto, em parceria com essa Associação e a Embrapa Cerrados, na região do PAD-DF.

O planejamento em microbacias foi adotado pela empresa visando o respeito às condições ambientais na definição da atividade agropecuária a ser implantada. A partir de 1999 foi criada a Gerência de Meio Ambiente posteriormente batizada de Gerência de Agroecologia e Meio ambiente. Foram desenvolvidos vários trabalhos de incentivo ao manejo de irrigação inicialmente com o uso de tensiômetro e, posteriormente, com o uso do irrigas, equipamento extremamente simples desenvolvido pela Embrapa Hortaliças.

Foi realizada também uma Campanha de Coleta de Amostras de Solo para análise, ampliando o número de agricultores que utilizam análises de solo e adubação racional em suas plantações.

O trabalho, em parceria com a Embrapa Hortaliças e com Embrapa Cerrados, gerou muitos frutos, ambientalmente adequados, como o monitoramento da irrigação em pivôs centrais e outros sistemas de irrigação, a recuperação de matas de galeria e ciliares, o uso correto de agrotóxicos e o desenvolvimento de sistemas de produção orgânicos.

Morte e Vida Severina

Este rio de água cega,
Ou baça, de comer terra,
Que jamais espelha o céu,
Hoje enfeitou-se de estrelas...

João Cabral de Melo Neto



A preocupação com a saúde dos consumidores e dos agricultores e com o meio ambiente originou várias ações para a adequação e a diminuição do uso de agrotóxicos. Hoje 90% das embalagens de agrotóxicos são recolhidas nas Centrais de Coleta de Embalagens, em campanhas desenvolvidas em todo o Distrito Federal.

A preocupação com o destino de resíduos e rejeitos, tanto da área urbana quanto da rural, gerou muitos trabalhos. Colaboramos com as pesquisas sobre o uso e destinação do lodo de esgoto, desenvolvendo parceria com a Embrapa e a Caesb e também sobre o uso do composto do lixo.

O trabalho da Emater-DF com agricultura orgânica iniciou-se com o Projeto de Agricultura Orgânica, no princípio dos anos 90. A estratégia utilizada foi a capacitação do corpo técnico da Empresa e de agricultores em produção e sistemas orgânicos com a realização de vários cursos. A aquisição de conhecimentos técnicos e a montagem de várias unidades demonstrativas em propriedades rurais ampliaram a possibilidade de mais agricultores adotarem técnicas de produção ecológica em suas propriedades.

Paralelamente ao aumento do número de produtores de sistemas orgânicos, teve início a discussão sobre comercialização, culminando com a criação do Mercado Orgânico da Associação de Produtores; localizado na Ceasa, e administrado pela própria associação de produtores, que se encontra em vias de se transformar em cooperativa.

A Gerência de Agroecologia e Meio Ambiente da Emater-DF ampliou a sua atuação, partindo também para o trabalho com educação ambiental e alimentar, envolvendo nesses trabalhos educadores ambientais e escolas rurais e urbanas.

A Emater-DF tem realizado atividades de intercâmbio em vários estados do Brasil e colaborado para a construção do conhecimento agroecológico em todo o país. Por outro lado, vem trabalhando com a sensibilização dos setores governamentais para a importância do incentivo à Agroecologia como forma de produção mais sustentável ao longo dos anos.

Em 2006 foi criado o Projeto Água Certa com o objetivo de chegar até as comunidades que fazem o uso da água com irrigação na Bacia do Rio Preto e orientar a população sobre a utilização racional desse precioso líquido.

Durante os 18 meses de duração do projeto, irrigantes, trabalhadores rurais, alunos e professores das escolas da região e comunidade tiveram acesso às informações por meio de cursos de capacitação, que orientaram as comunidades para o uso e conservação da água.

O projeto desenvolvido pela Emater-DF, pela Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento e pelo Programa "Adote uma Nascente", da Subsecretaria do Meio Ambiente (Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – Seduma), além do apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, tornou possível recuperar seis nascentes da Bacia do Rio Preto, que receberam visitas monitoradas de alunos e da comunidade.

Em 2007, o Governo do Distrito Federal criou o Projeto Estruturante de Agricultura Orgânica estabelecendo como uma das prioridades governamentais. O trabalho se baseia nas ações de incentivo e desenvolvimento da agricultura orgânica em propriedades rurais e áreas urbana de risco social.

CONSERVAÇÃO DE SOLOS

A crescente preocupação com os problemas ambientais na década de 80 trouxe um novo “paradigma” para a sociedade moderna, a sustentabilidade ambiental. A insatisfação crescente com a chamada agricultura moderna fez com que um número cada vez maior de produtores, técnicos e pesquisadores no Distrito Federal e no País, defendessem as idéias e as vantagens da agricultura sustentável, que de forma geral traduzem um sistema produtivo para garantir:

- A manutenção dos recursos naturais e da produtividade agrícola;
- O mínimo de impactos adversos ao ambiente;
- Retorno adequado aos produtores;
- Otimização da produção com o mínimo de insumos externos;
- Satisfação das necessidades humanas por meio da produção de alimentos e geração de renda;
- Atendimento às demandas sociais das famílias e comunidades rurais.

No início da década de 1980, foi lançado o Programa de Conservação de Solos, que apresentava como principal finalidade a formação no Distrito Federal de uma cultura conservacionista, com a incorporação de práticas relacionadas aos diversos sistemas de produção, de forma que o solo seja utilizado de acordo com suas aptidões. Foi o início dos primeiros projetos que vislumbravam uma produção mais sustentável.

A Emater-DF, além da operacionalização, organizava e selecionava os produtores que seriam beneficiados, neste momento, produzia os materiais informativos, promovia a realização de cursos, palestras e elaborava os planos de crédito. Esta, também, é uma experiência de sucesso com continuidade até os dias de hoje.

TERRITÓRIO RURAL DE ÁGUAS EMENDADAS

O Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA mantém, desde 1996, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf, Infra-Estrutura e Serviços. O Programa destina recursos para obras e/ou equipamentos para uso comunitário ou coletivo beneficiando produtores rurais classificados como familiares.

O Programa atuou até 2003, tendo como área física definida para aplicação dos recursos e como referência na administração, municípios de vários estados brasileiros. No caso do Distrito Federal, foram beneficiadas as Regiões Administrativas de Planaltina, São Sebastião, Paranoá, Sobradinho e Brazlândia. A partir de 2003, o Governo Federal modificou o programa que passou a atuar não mais por municípios, mas tendo como referência e base para aplicação de recursos, regiões formadas por grupos de municípios que passaram a receber a denominação de “Territórios”.

O Território Rural de Águas Emendadas – TAE foi criado no Distrito Federal, em março de 2004, sob a coordenação da Secretaria de Desenvolvimento Territorial – SDT/MDA, em conjunto com as Secretarias de Estados de Agricultura do Distrito Federal, Goiás e Minas Gerais, apoiados pelos respectivos órgãos estaduais de Extensão Rural, representantes de instituições públicas e parceiras, e pelos Movimentos Sociais.

O Território é constituído pelo Distrito Federal, os municípios goianos de Padre Bernardo, Mimoso, Água Fria, Planaltina de Goiás, Formosa, Vila Boa e Cabeceiras e os municípios mineiros de Buritiz, Unaí e Cabeceira Grande.



O Projeto tem como previsão beneficiar aproximadamente 17 mil agricultores familiares. As organizações sociais, participantes do Território, identificaram e priorizaram como metas a Capacitação de Agentes de Desenvolvimento e Lideranças Locais, a Modernização dos serviços de extensão rural e a Infra-estrutura de apoio às atividades de comercialização da produção, tendo o Mercado de Brasília como pólo indutor do desenvolvimento, a geração de empregos e renda para toda a área rural definida pelo Território.

Resultados alcançados pelo Projeto:

- Criação da Comissão de Implantação das Ações Territoriais – CIAT, composta por um plenário de 42 pessoas: 14 por estados que formam o Território, sendo 10 membros representantes da sociedade civil e 4 membros representantes do Governo;
- Construção coletiva do Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável – PTDRS, em seus diversos ciclos;
- Articulação e apoio aos arranjos institucionais, no âmbito do território, responsáveis pela elaboração, implantação e operação dos projetos específicos;
- Construção do Mercado Orgânico, na Ceasa-DF, o primeiro do gênero varejista do País;
- Aquisição de veículos e equipamentos de informática para todos os escritórios de extensão rural;
- Aquisição de veículos para transportes de produtos agrícolas, disponibilizados às associações de agricultores familiares;
- Aquisição de bancas de feiras destinadas aos municípios goianos;
- Capacitação de técnicos e agricultores familiares em desenvolvimento rural.

A Emater-DF atua dentro do Projeto Território Rural de Águas Emendadas, como catalisador e animador dos processos de desenvolvimento rural sustentável, no âmbito da ação administrativa da União, dos Estados de Goiás e Minas Gerais e do Distrito Federal. São considerados de interesse do Território os serviços públicos comuns ao Distrito Federal e aos municípios dos Estados de Goiás e Minas Gerais que o integram, especialmente aqueles relacionados às áreas de infra-estrutura e de geração de empregos.

AÇÕES DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A Emater-DF, por ocasião de sua criação em 1978, entendia que a gestão para um desenvolvimento da região, necessariamente, passava pelas decisões e ações definidas em conjunto com representantes dos diversos grupos sociais, formais ou não, no espaço local, envolvidos com as atividades rurais.

A empresa e seus extensionistas têm uma postura que privilegia ações dinamizadoras dos interesses de diferentes grupos. No Distrito Federal, ao longo destes 30 anos, as ações dos extensionistas da EmaterDF foram de incentivo e apoio às diversas formas de organizações sociais rurais (associações de produtores e trabalhadores rurais, cooperativas, conselhos de desenvolvimento rural, condomínios etc.). Estas ações geraram ótimos resultados, dentre eles uma comunidade rural mais crítica e consciente de seus direitos.

Produtores rurais com objetivos comuns apropriam-se muito mais das riquezas produzidas, e a aproximação das infra-estruturas públicas do meio rural com as do meio urbano provoca uma revolução na qualidade de vida dos que se mantiveram no meio rural ou daqueles que fizeram deste a sua opção.

As diversas formas de associativismo, apoiadas pela ATER, configuram um importante espaço de conquistas das classes dos agricultores, trabalhadores e suas famílias. O Associativismo possibilitou a redução de custos em suas atividades, na contratação de serviços e aquisição de bens e venda de produtos em escala, a exemplo de grupos criados para a compra de insumos agrícolas. Possibilitou também redução do frete, a economia na compra de maquinários para o uso coletivo, pela construção de agroindústrias coletivas etc.

Na última década, perceberam-se os melhores resultados das ações dirigidas às organizações sociais e às famílias rurais. O incentivo à participação popular favoreceu o exercício da democracia, trazendo estas organizações e a comunidade local para mais perto do governo. Conseqüentemente, o controle social e a cidadania asseguraram um passo importante no caminho da equidade entre o meio rural e o urbano.

Programas e projetos com a participação direta da Emater-DF, tais como o Orçamento Participativo, Pronaf, os Conselhos de Desenvolvimento Rural, o Projeto Território de Águas Emendadas entre outros, com o auxílio de metodologias de inclusão e participativas colaboram para favorecer a igualdade de oportunidades para todos, priorizando o atendimento para os mais necessitados.

A Emater-DF continua a realizar ações voltadas para o fortalecimento das organizações sociais rurais, ao produtor rural e sua família, por entender que o desenvolvimento local perpassa, necessariamente, por uma sociedade ciente de seus direitos e obrigações, além de uma estrutura de governo moderna e comprometida com os interesses públicos.

PROJETO AÇÕES COMUNITÁRIAS

A Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Distrito Federal – Seapa, por meio da Emater-DF, iniciou em março de 1999, o Projeto Ações Comunitárias destinado ao homem do campo.

O Projeto visa facilitar o acesso da população carente da área rural aos serviços sociais e assistenciais, nas áreas de saúde, previdência, educação, saneamento, higiene, direito civil, extensão rural, meio ambiente e lazer. Visa também à formação técnica e a construção da cidadania.

Conta com a participação de diversas associações de produtores, grupos de mães e jovens rurais e o apoio de diferentes entidades governamentais citadas adiante. Para realização dos eventos são disponibilizados aos participantes e parceiros do projeto, instalações adequadas, lanche e almoço, além da segurança local. Para a divulgação, a Emater-DF conta com a colaboração das Associações de Produtores Rurais e das Escolas Rurais. Algumas das atividades desenvolvidas pelas diversas entidades parceiras são relacionadas a seguir:

- Abertura de conta corrente e poupança;
- atendimentos médico, pediátrico e geriátrico;
- Atendimento ao deficiente;
- Atendimento sobre questões trabalhistas;
- Carteira de identidade 1a e 2a vias;



“Não se faz mobilização social com heroísmo. As mudanças são construídas no cotidiano por pessoas comuns, que se dispõem a atuar coletivamente, visando alcançar propósitos compartilhados.”

Bernardo Toro



- Cadastramento para emprego;
- Corte de cabelo;
- Serviços odontológicos, oftalmológicos;
- Fotografia para documentos.

São realizadas palestras com os seguintes temas:

- Prevenção à AIDS;
- Controle de natalidade e doenças sexualmente transmissíveis;
- Direitos e deveres da mulher;
- Educação no trânsito;
- Combate à hanseníase;
- Benefícios previdenciários.

Exposições, distribuição de folhetos, cursos rápidos e atividades de esporte e lazer, são também atividades desenvolvidas no Projeto Ações Comunitárias.

Ações Comunitárias foram realizadas em todos os 16 núcleos rurais assistidos pela Emater-DF, sempre com grande êxito. Em quatro anos de existência, foram realizadas 48 ações que beneficiaram 35.425 pessoas, num total de 101.373 atendimentos. Durante todos os anos, destaca-se a área de saúde pela grande procura, tendo sido contabilizado 10.002 atendimentos, durante o período quando as atividades se consolidaram, revelando sua importância.

As Ações Comunitárias desenvolvidas pela Emater-DF cumprem a missão institucional de assistência e colaboração para a valorização e educação do homem do campo e sua família, fortalecidas pelas entidades e pessoas que colaboram para construção da cidadania e benefício da população rural.

Diagnóstico realizado pelas equipes de Extensionistas da Emater-DF apontaram a necessidade de uma ação conjunta de serviços junto às comunidades, sendo que o primeiro passo aconteceu em Vargem Bonita, com a promoção de um Dia Especial de Saúde quando a Emater-DF local e o Centro de Saúde uniram forças e levaram para a comunidade, ações de prevenção e preservação da saúde.

O desafio da ação conjunta foi aceito e as entidades que atuavam na área urbana, passam a atuar também na área rural, levando lazer, educação, saúde e bem estar à população rural, na perspectiva da cidadania.

AVICULTURA

Os modernos sistemas de integração, associativismo e comercialização tornaram a avicultura a principal atividade do setor primário do Distrito Federal. É aquela que mais emprega mão-de-obra, e gera mais renda, mais exporta e a que mais cresce. A avicultura local emprega cerca de 15 mil pessoas, direta e indiretamente, contribuindo de maneira decisiva para o progresso do Distrito Federal.

Existem, hoje, mais de 200 granjas comerciais instaladas no Distrito Federal, que juntas tem capacidade de alojar 14 milhões de aves. São aves de corte, de postura e para produção de pintos de um dia.

Em 2007, foram abatidos mais de 51 milhões de frangos de corte, em dois abatedouros dotados de inspeção federal e em cinco dotados de inspeção distrital. Ovos férteis são exportados para diferentes países e comercializados em vários estados.

Os programas da Seapa dão suporte e incentivo ao crescimento do setor avícola no Distrito Federal, de modo a torná-lo, cada vez mais, competitivo.

OVINOCULTURA BRASILENSE

No Distrito Federal, a criação de ovinos teve sua primeira menção oficial em 1968 com um número ínfimo de seis animais, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na década de oitenta, houve um crescimento do número de criadores, isso devido a razões culturais, tradicionais, econômicas, religiosas e de fomento estatal. Em função desse crescimento, os ovinocaprinocultores criaram a Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos de Brasília – ACCOB.

Em 1981, a Secretaria de Agricultura do DF e o Ministério da Agricultura firmaram convênio em prol do desenvolvimento da exploração de ovinos. Nessa ocasião, o Estado contemplou alguns produtores com um lote de um reprodutor e dez matrizes. Isso foi feito através de um financiamento que, ao cabo de dois anos, deveria ser amortizado sem correção monetária. Nesse mesmo ano, o IBGE contabilizou um rebanho efetivo de 1.732 cabeças, com predominância fenotípica da raça Santa Inês. Durante todo esse tempo, praticamente grande parte da carne consumida em Brasília era proveniente de outros estados e os abates no DF eram realizados sem inspeção sanitária.

Diante dessa situação, em 1992, a Secretaria de Agricultura do Distrito Federal, contando com o empenho dos criadores, dos técnicos da Emater-DF, da Embrapa e da UnB, elaborou, em consonância com a constituição de 1988, um Projeto de Lei que criava o Serviço de Inspeção Distrital – SID. Essa proposta continha, entre outras sugestões, as normas de construção e regularização de pequenos matadouros regionalizados com inspeção sanitária, realizada pela Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Vegetal e Animal – Dipova, da Secretaria de Agricultura. O Projeto foi transformado em Lei pela Câmara Legislativa do DF, e seu regulamento foi elaborado com a participação das partes interessadas.

A partir desse momento, os criadores passaram a ter a alternativa de edificar instalações de pequeno porte, para abate de animais, e colocar no mercado do Distrito Federal carnes e derivados com Selo de Inspeção do Dipova, culminando com mais uma alternativa na geração de renda para pecuária brasileira.

Em 1999, a Secretaria de Agricultura do Distrito Federal criou o Plano de Desenvolvimento Rural do Distrito Federal e Entorno – PRO-RURAL-DF/Ride, e que no mesmo ano foi transformado em Lei pela Câmara Legislativa do DF. O PRO-RURAL-DF/Ride é composto por 17 Programas, entre eles o da Ovinocultura, que previu, entre outras metas, a de alcançar um plantel de 10 mil matrizes em quatro anos. Sua coordenação está sob responsabilidade da Emater-DF.

Desde a década de 90 os produtores, técnicos e professores universitários vêm fazendo diversas pesquisas em todos os elos da cadeia produtiva de ovinos, com a finalidade de aprimorar a aquisição de insumos, o sistema de produção, o processamento e a comercialização dos produtos. Os resultados destes esforços conjuntos foram tanto a capacitação de técnicos e produtores quanto maior divulgação da ovinocultura e de seus produtos juntos aos consumidores.

A Emater-DF, por meios do Núcleo de Agronegócio, realizou recentemente uma pesquisa sobre carne de ovinos e caprinos no mercado varejista do Distrito Federal, com o objetivo de identificar a origem do produto, consumo, formas de apresentação e preço de venda. A pesquisa foi aplicada nos seguintes canais de distribuição do Distrito Federal: restaurantes (9), feiras (14), supermercados (45), abatedouros (3) e churrascarias (6).



Essa pesquisa detectou algumas barreiras para a produção da região. Entre elas, as mais relevantes, indicam que para se ter acessos aos canais de comercialização se fazem necessárias uma escala de produção e de abate que proporcione a oferta e a constância de entrega do produto. Outra barreira é a qualidade final da carne dos animais abatidos, que merece intervenções na genética do rebanho e no sistema de produção.

A ovinocaprinocultura pode ser introduzida até em pequenas áreas e integrada a outras explorações como fonte geradora de emprego e renda para o produtor rural, visto que o Distrito Federal é importador desta carne.

O potencial produtivo da exploração, as características locais e suas vantagens lhe credenciam como mais uma alternativa sustentável de desenvolvimento na agropecuária.



CENTRO DE TREINAMENTO E DE CAPACITAÇÃO DA FAMÍLIA RURAL (Centrer) DA Emater-DF

Os cursos de capacitação desenvolvidos pelo Centro de Treinamento da Emater-DF buscam dotar as famílias rurais de competências e habilidades para identificar e desenvolver atividades lucrativas, adaptadas à pequena produção, e que atendam aos padrões sanitários e de qualidade exigidos pelo mercado consumidor.

O Centrer, desde de 2000, concedeu uma atenção especial à agregação de valor aos produtos agropecuários e à segurança alimentar das famílias rurais. Priorizou o desenvolvimento e a difusão de tecnologias de processamento de alimentos, visando ao aproveitamento integral das safras agrícolas e ao suporte às unidades de processamento artesanal e às agroindústrias familiares.

Além da profissionalização do empreendedor rural e da capacitação da mão-de-obra, o Centrer contribui na formação de técnicos especializados em agroindústria e agropecuária e na atualização tecnológica dos agentes da Assistência Técnica e Extensão Rural pública. Desta forma, contribui para o aumento do capital humano da sociedade rural.

Uma nova forma de renovar e capacitar o público da extensão rural foi criada pela Emater-DF. Trata-se do Projeto Caseiro Competente, que tem como premissa básica oferecer aos seus usuários o treinamento de que eles precisam.

O público desse trabalho está dividido em duas categorias: os empregados e os desempregados. Para o primeiro grupo, a programação dos treinamentos (conteúdo programático, dias de curso, horário do curso, duração etc) é feita por meio consulta aos empregados e aos patrões. Em outras palavras, a Emater-DF monta as programações dos treinamentos depois de ouvir o trabalhador a ser treinado e o seu empregador. Daí sai a proposta de capacitação. Para o grupo dos desempregados, o “pacote” vem pronto e os treinamentos vêm sendo realizados em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho- Sedest. Por meio das Agências do Trabalhador, os cursos são divulgados e os interessados se inscrevem. A Emater-DF providencia o local para a realização do curso e cuida de preparar e administrar as aulas, enquanto a Sedest cuida de todo o apoio operacional como transporte, alimentação e outros.

A idéia está começando a dar frutos.

EXPERIÊNCIAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO RURAL NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO

A presença da Emater-DF, no Entorno, viabiliza-se por meio de convênios celebrados entre os estados de Goiás e o Distrito Federal, envolvendo as empresas de assistência técnica e extensão rural e governos municipais.

A transferência técnico-administrativa de execução dos programas nos setores agropecuários e de bem-estar social nos municípios de Goiás, pertencentes à região do Entorno do Distrito Federal, é um dos objetivos dos convênios.

A Emater-DF atuou, no período de 1993 a 1996, nos municípios de Abadiânia, Água Fria, Alexânia, Cabeceiras, Cocalzinho, Cidade Ocidental, Cristalina, Corumbá de Goiás, Formosa, Luziânia, Mimoso, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina de Goiás e Santo Antônio do Descoberto.

Junto com os produtores rurais, suas famílias e entidades de classe, a Emater-DF



buscou soluções adequadas aos problemas de produção agropecuária, de agro-industrialização de alimentos, irrigação, mecanização agrícola, armazenamento de produtos agrícolas, gerenciamento da propriedade, comercialização, bem-estar social, preservação do meio ambiente, dentre outros temas.

Concentrou seus esforços no atendimento aos pequenos produtores rurais considerando sua cultura, aptidão e o meio ambiente.

Com o aumento da atividade agropecuária houve um aumento na produção/produktividade, com uma maior disponibilidade de produtos agrícolas dentro dos municípios do Estado de Goiás e no Distrito Federal, melhorando o abastecimento nas cidades, a diversificação e a qualidade dos produtos oferecidos.

As diretrizes básicas para atingir uma melhoria na qualidade de vida da família rural, residente no Entorno, gerar renda, trocar conhecimento e sobre tudo promover a valorização da família, viabilizando sua permanência no campo, foram:

- Transferência de novas tecnologias;
- Incentivo ao associativismo;
- Capacitação técnica e gerencial;
- Disponibilidade de informações para comercialização;
- Articulação com instituições oficiais e privadas do setor;
- Trabalho com a organização da produção;
- Ações gerenciais conservacionistas;
- Desenvolvimento de atividades educativas nas áreas de sanidade animal e vegetal;
- Foco na área da economia doméstica.

A produção de alimentos, em qualquer país, possui a importância estratégica de alimentar sua população e gerar renda com o excedente.

O Distrito Federal possui uma população de mais de dois milhões de habitantes, tendo o Entorno mais de um milhão, e é auto-suficiente somente em alguns produtos agropecuários, como exemplo, o pimentão e o frango que são enviados para outros estados e países.



FESTA DO MORANGO DE BRASÍLIA – 12 EDIÇÕES

O cultivo do morango iniciou-se no Distrito Federal, na década de 1970, com a produção concentrada na região de Brazlândia, realizada pelos agricultores japoneses e seus descendentes.

Na década de 1990, ocorreu a expansão do cultivo, e para popularizar o consumo, foi idealizada a Festa do Morango, uma proposta da Emater-DF, Unidades de Alexandre de Gusmão e de Brazlândia e a Associação Rural e Cultural Alexandre de Gusmão – ARCAC.

O cultivo do morango favoreceu a geração de emprego e renda dos produtores, trabalhadores e suas famílias, promovendo melhoria na qualidade de vida dos beneficiários da Emater-DF, além do aumento da auto-estima, valorizando as pessoas.

O morango produzido no Distrito Federal favoreceu os consumidores do produto e os serviços gerados pelos empreendedores rurais, por meio da oferta em quantidade e qualidade, principalmente do produto in natura, congelado e na forma de polpa, incentivando as agroindústrias da região, além de tornar popular essa fruta para os brasilienses.

O fator importante na questão socioeconômica do Distrito Federal, decorrente do cultivo de morango, foi a geração de 1.000 empregos diretos, anualmente, com um valor de produção anual de aproximadamente 11 milhões de reais.

O desenvolvimento sustentável é favorecido pela produção orgânica do morango, crescente com a conscientização ambiental e procura pelos consumidores.

A partir da produção integrada de morango com produção na entressafra, novas tecnologias foram repassadas aos produtores, dando atenção especial às boas práticas agrícolas e boas práticas de fabricação.

O turismo e o artesanato da região são incentivados por ocasião da Festa do Morango de Brasília. Nessa festa, destaca-se a valorização da mulher com a promoção de cursos e concursos realizados durante o evento.

A importância da Festa do Morango para a sustentabilidade institucional da Emater-DF é demonstrada pela visitação de mais de 100 mil pessoas, e a participação de mais de 200 empreendedores nesta exposição agrícola.

A capacitação de produtores e trabalhadores por ocasião do Encontro Técnico do Morango no Distrito Federal, durante o evento, é de suma importância para o setor. A Festa do Morango de Brasília já faz parte do calendário de eventos Governo do Distrito Federal.

ANÁLISE ECONÔMICA E FINANCEIRA – RURAL-PRÓ

O Programa foi criado em 1994, com objetivo de disponibilizar, para técnicos e produtores rurais, gratuitamente, uma ferramenta de análise econômica e financeira das atividades desenvolvidas nas propriedades rurais.

- A aplicação do software permite aos usuários:
- Intervir no processo produtivo buscando maximizar o lucro da empresa, reduzir os riscos inerentes à atividade e potencializar os pontos fortes;
- Selecionar as atividades que geram retornos financeiros, propiciar maiores lucros, transformados em investimentos e qualidade de vida.

Por meio das análises realizadas com o Programa foi possível aos produtores gerenciar racionalmente os fatores de produção e gerar resultados financeiros positivos.



Destacam-se as seguintes informações disponibilizadas pelo Programa:

- Resumo do patrimônio;
- Controle de estoque;
- Entradas de receitas e despesas;
- Análise econômica.

Os resultados gerados pelas análises econômicas permitem ao produtor rural conhecer, o custo de produção, margem bruta e líquida, ponto de equilíbrio da atividade, lucratividade entre outras informações.

Para os produtores familiares foi criado um módulo de análise que contempla as peculiaridades da produção de base econômica familiar. Como fator de decisão principal, na análise das atividades econômicas deste grupo de produtores, foi considerado, na tomada de decisão, o custo da mão-de-obra familiar.

A criação pela Emater-DF de um software de análise econômica e financeira de propriedade rural permitiu que técnicos e produtores rurais tivessem acesso a uma ferramenta de análise gratuita propiciando o gerenciamento racional das atividades exploradas e reduzindo os riscos inerentes à atividade. Hoje, o software está disponível gratuitamente na página da Emater-DF, no endereço eletrônico: www.Emater.df.gov.br

PECUÁRIA LEITEIRA

A partir de 1999, a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Distrito Federal implantou uma política agropecuária baseada no Plano de Governo denominado PRO-RURAL.

O Plano, composto de 17 programas, coordenados por técnicos da Emater-DF, na área da pecuária leiteira teve como principais ações: a criação e o fortalecimento da Associação dos Produtores e Processadores de Leite do Distrito Federal e Entorno – Aproveite; e a implantação de um Programa de Monitoramento de Propriedades Leiteiras.

O objetivo da Aproveite era consolidar uma associação forte, representativa dos produtores.

O objetivo do Programa de Monitoramento era injetar o máximo de tecnologia possível nas criações de bovinos leiteiros, por meio do acompanhamento sistemático das propriedades cadastradas. A ênfase foi dada em tecnologias reprodutivas e gerenciais, buscando a maior rentabilidade das explorações.

As duas ações estavam voltadas para outro programa de Governo, o PROFAMÍLIA, programa este, que se baseia na segurança alimentar de crianças e famílias em situação de risco social. Os objetivos foram alcançados. A Aproveite é, hoje, uma entidade sólida e os níveis de produtividade dos rebanhos leiteiros apresentam melhoras expressivas e contínuas.

A partir dos Programas da Seapa e da Aproveite, o setor leiteiro atingiu indicadores nunca antes observados na região. Existem hoje, seis laticínios na área rural do Distrito Federal, todos em funcionamento, absorvendo a produção de leite local, gerando empregos e renda e contribuindo para os programas sociais do governo.

O Programa PROFAMÍLIA atende, hoje, mais de 50 mil famílias, sendo que pelo menos 40% do leite vêm de rebanhos e indústrias locais.

O crescimento do setor leiteiro, a partir desses programas governamentais, criou novas exigências de produtores e consumidores, especialmente, no que diz respeito à qualidade dos produtos e subprodutos e ações voltadas para maior organização dos produtores.

A Emater-DF criou, em 2007, a Câmara Setorial do Leite, por meio de Decreto Governamental, atendendo a essas demandas. A Câmara reúne as mais importantes lideranças do setor e conta com os principais segmentos do Governo, interessados na questão leiteira.

COMITÊ DE SANIDADE ANIMAL E COMBATE ÀS ZOOSE

Os Programas de Sanidade Animal, desde o ano 2000, passaram a ser coordenados pela Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, por meio dos serviços de Defesa Sanitária.

A Emater-DF participa de todas as ações voltadas para essa área, coordenando os trabalhos do Comitê de Sanidade Suína, fazendo parte do Comitê de Sanidade Avícola e do Comitê de Raiva do Distrito Federal.

O fato mais importante ocorrido no período de 2000 a 2007 foi o surto de raiva em herbívoros, nos anos de 2003 e 2004. A atuação dos técnicos da Emater-DF foi decisiva para conter a doença, desenvolvendo trabalho de educação sanitária em todas as comunidades do DF, com as autoridades sanitárias da área animal.

Outro trabalho que merece destaque, realizado há mais de 20 anos, pela Emater-DF com a Secretaria de Saúde do GDF, é a Campanha anti-rábica canina e felina, na área rural. No ano de 2007, foram vacinados mais de 17 mil cães e gatos, contribuindo para o controle da doença no meio rural.

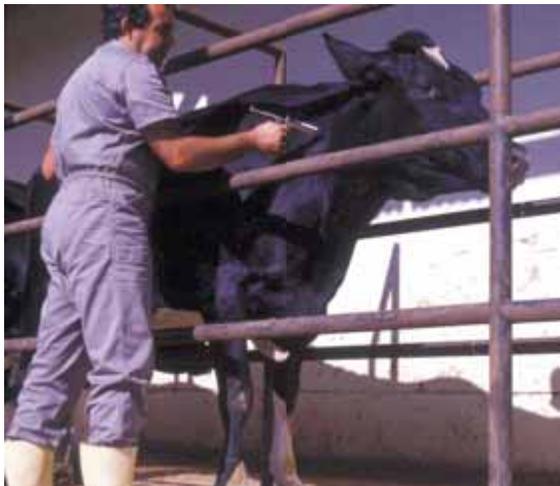
As comunidades rurais do Distrito Federal se beneficiam com essa campanha de vacinação, existente apenas no Distrito Federal, com excelentes resultados na prevenção da raiva. Há 20 anos que a Emater-DF, em estreita colaboração com a Secretaria de Saúde, vem realizando a vacinação anti-rábica de cães e gatos na área rural. Não é à toa que casos de raiva em caninos e felinos são raros nessa área. Nesses anos todos, já foram aplicadas mais de 500 mil doses de vacinas, o que dá uma média de cerca de 25 mil cães e gatos por ano.

Em 2003, o Distrito Federal enfrentou um sério problema de saúde pública, causado pelo aparecimento de dezenas de casos de uma doença, para nós desconhecida, a Hantavirose. Cumprindo determinação do Governo do Distrito Federal, a equipe de técnicos da Emater-DF foi treinada, e atuou de forma intensiva para a conscientização da população a respeito dos riscos da doença e como evitá-la.

Foram centenas de reuniões, palestras, entrevistas, e até um clipe na TV foi protagonizado por um funcionário da Empresa, de forma que contribuimos para a solução do problema.

A migração de morcegos, causado pela cheia da represa da Usina de Queimados, Unaf, MG, para o Distrito Federal, trouxe sérios problemas para a pecuária bovina, equina e bubalina, pois esses morcegos são transmissores da raiva bovina, o que provocou a morte de mais de 60 animais, além de dar muito trabalho aos técnicos da Emater-DF em convencer os criadores a vacinarem seus animais contra essa doença.

A Emater-DF e a Seapa participaram ativamente no combate a essa doença e hoje a situação está sob controle.



Os casos de Leishmaniose tornaram-se comuns a partir de 2005 e a Emater-DF, em parceria com a Secretaria de Saúde tomou, como sempre, o partido dos produtores rurais e entrou na luta contra a doença. Promoveu palestras, recolheu e ainda está recolhendo cães doentes.

– Como se não bastassem tantas ocorrências de doenças, será que virá a Febre Amarela?

– “Tomara que não venha, mas se vier nossos técnicos estarão preparados para enfrentar mais esse desafio.”

HISTÓRIAS SOBRE LEGISLAÇÃO

A Lei nº 229 criou as Estâncias Leiteiras por determinação do Governador Roriz, e foi pioneira nesse tipo de arranjo. A Emater-DF, por meio de seus técnicos, foi o agente operacional que tornou possível a elaboração dessa Lei.

A Lei nº 504 e seu Decreto regulamentador nº 15.737 foram propostos e elaborados pela Emater-DF. Os primeiros serviços de defesa nasceram, e foram operacionalizados pela Empresa, pelo Serviço de Sanidade Animal – Sesan, e pelo Serviço de Defesa e Vigilância Sanitária Animal – SDVSA, com a participação efetiva dos técnicos da Seapa e da extinta Fundação Zoobotânica. Durante o intervalo entre um serviço e outro, a Emater-DF foi a executora do Convênio de Sanidade Animal com o Ministério da Agricultura durante oito anos. Nesse tempo, a vacinação dos bovinos era realizada por técnicos da Empresa.

Muitas das ações da Emater-DF são realizadas por meio dos chamados “Comitês técnicos”. No Distrito Federal existem vários deles e a Empresa participa de todos.

O Comitê de Sanidade Avícola do Distrito Federal foi criado com a missão precípua de implantar o Plano Nacional de Sanidade Avícola no DF. As novas regras de divisão do País em regiões de acordo com o nível tecnológico das criações forçaram a ativação deste Comitê e a Emater-DF trabalha com os avicultores e as autoridades sanitárias locais. O plano está pronto e vistoriado pelo Mapa, aguardando a classificação.

INTERAÇÃO PESQUISA-EXTENSÃO RURAL

A Emater-DF e a Embrapa Hortaliças realizaram em conjunto um trabalho pioneiro, com início em 1982, tendo como foco a geração de tecnologias disseminadas pela extensão rural. O objetivo era maximizar os benefícios governamentais, para aumentar a produção e a produtividade, na perspectiva da rentabilidade econômica.

Diante dos resultados relevantes, foi instalada uma base física de Pesquisa e Extensão, na Embrapa Cerrados e Embrapa Hortaliças, e foram desenvolvidos outros trabalhos em diferentes Centros de Pesquisa da Embrapa, em todo o Brasil.

A base de sustentação dessa Interação pesquisa – Extensão rural é:

- Aproximação/integração de pesquisadores e extensionistas;
- Diagnóstico conjunto dos problemas do produtor rural;
- Levantamentos das tecnologias disponíveis e apropriadas;
- Validação das tecnologias na propriedade rural pelas metodologias de extensão rural;
- Capacitação de extensionistas rurais;
- Realimentação de informações entre pesquisa e extensão rural;
- Identificação de tecnologias em uso pelos produtores rurais;
- Avaliação de adoção de tecnologias.

Entre os trabalhos realizados, os mais relevantes, ao longo desses anos, no Distrito Federal e reflexos no âmbito nacional são:

Embrapa Hortaliças e Emater-DF

- Introdução de ervilha-seca no Cerrado;
- Validação da cenoura cultivar Brasília;
- Introdução de cultivares de batata;
- Manejo integrado de pragas e doenças com enfoque em controle biológico;
- Manejo de água e solos, por meio das tecnologias de irrigação e fertilidade do solo;
- Uso da plasticultura no enfoque de cultivos protegidos, principalmente nas espécies de hortaliças pimentão e tomate;
- Hidroponia no cultivo da alface.

Embrapa Cerrados e Emater-DF

- Introdução das culturas de trigo, soja e frutíferas no Cerrado;
- Manejo integrado de pragas com enfoque em controle biológico; (Baculovirus anticarsia);
- Manejo de água e solos, por meio das tecnologias de irrigação e fertilidade do solo;
- Rizóbio em Soja (*Bradyrhizobium japonicum*, fixadoras de nitrogênio em soja).

Embrapa, outros Centros de Pesquisa e Emater-DF

- Troca-troca de Milho – Embrapa Milho e Sorgo;
- Intercâmbio com Centros Nacionais de Gado de Leite e Carne; Suínos e outros;
- Vitrine de Tecnologias – Centro de Transferência de Tecnologias.

Adestram-se animais, se cultivam plantas e se educam os seres humanos...

Poderíamos dizer que o cultivo, o adestramento, a educação passam pela vida.

Paulo Freire



A ESCOLA BATE À SUA PORTA

O slogan “Portas Abertas” que, em 1999, concentrou diversos programas de trabalho trazendo para dentro da Emater-DF os vários órgãos governamentais e não governamentais, parceiros, com o objetivo de que as diversas Secretarias de Governo conhecessem melhor a área rural do Distrito Federal.

Evidentemente os serviços, antes considerados apenas para o perímetro urbano, chegaram até as famílias rurais mais necessitadas.

Buscando garantir o atendimento dos princípios básicos estabelecidos na Constituição Federal para a Educação, principalmente, quanto à universalização do acesso e permanência dos alunos na Escola, a Secretaria de Educação naquela época, desenvolveu o Projeto: A Escola Bate à sua Porta. Foi realizada uma campanha maciça de matrículas, com visita domiciliar, de porta em porta, procurando identificar crianças em idade escolar não matriculadas no Ensino Fundamental.

Para operacionalizar a visita domiciliar localizada na área rural, durante a Campanha, a Secretaria de Educação buscou estabelecer parcerias com diversas instituições entre elas a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, por meio da Emater-DF.

Era evidente o encontro de interesses, quando confrontado o papel fomentador do desenvolvimento rural, desempenhado pela Emater-DF, com o fato de a educação formal ser um dos pilares clássicos de sustentabilidade do processo de desenvolvimento.

A Emater-DF, por meio do serviço da Extensão Rural do Distrito Federal, no período de 1999 a 2004, contribuiu de forma decisiva para que a família rural tivesse acesso à Escola Pública.

EXAMES TOXICOLÓGICOS E PRÓ-FOLHOSAS

A preocupação com as questões ambientais é cada vez mais presente nos diversos setores da sociedade brasileira. A Emater-DF, durante seus 30 anos, junto ao Produtor Rural e sua família, incluiu esta preocupação em todas as atividades de extensão rural, sendo exemplo clássico o uso adequado de Agrotóxicos.

Buscando esclarecer e educar os produtores rurais usuários de Agrotóxicos, a Emater-DF e o antigo Instituto de Saúde, hoje, Lacen, em uma ação conjunta trabalharam firmes no combate às intoxicações por produtos químicos usados na agricultura. Foi uma parceria de grandes resultados, na época, chamada de Exames Toxicológicos. Técnicos do Instituto de Saúde coletaram o sangue de produtores e trabalhadores rurais, e os técnicos da Emater-DF preferiram palestras educativas sobre o assunto. Os cuidados necessários no manuseio destes produtos, bem como os encaminhamentos médicos adequados foram discutidos.

O Programa teve um efeito importante, pois num prazo curto, todas as pessoas assistidas pelas Unidades Gerenciais da Emater-DF foram beneficiadas. Em 1991, este trabalho teve uma abrangência maior. A unidade local de Vargem Bonita iniciou um amplo Projeto de Saneamento Rural, convidando um novo parceiro, a Caesb. Era o embrião do Projeto Pró-Folhosas.

O produtor rural passou a ser atendido de uma forma mais completa, sua saúde, seu ambiente de trabalho, sua condição de vida são fatores de preocupação, criando a perspectiva do desenvolvimento sócio-ambiental sustentável. A experiência obteve grande sucesso. Outras comunidades quiseram participar e o que antes era apenas um projeto passou a ser, com apoio dos demais órgãos do Governo, o Programa PRO-FOLHOSAS.

INCLUSÃO DIGITAL DAS COMUNIDADES RURAIS DO DF

Os efeitos da globalização são sentidos em todos os setores produtivos. No setor agropecuário o acesso à informação é um fator decisivo para garantir bons negócios. A situação existente no campo pode ser caracterizada, hoje, como de exclusão digital.

No Distrito Federal não existem dados que permitam quantificar o número de famílias rurais que dispõem de acesso regular à internet. No entanto, o conhecimento que se tem da realidade local permite afirmar, que no ano de 2003, início do projeto Campo On-Line, o acesso ocorria de forma incipiente. As deficiências, os custos do serviço de telefonia rural, a falta de opções de equipamentos e também o desconhecimento das possibilidades de uso desta ferramenta no agronegócio eram os fatores determinantes dessa situação. Na bacia do Rio Preto, por exemplo, foram identificados, no ano de 2002, apenas dois produtores com acesso regular à internet.

O Projeto Campo On-Line é uma alternativa apoiada na inovação tecnológica do serviço de extensão rural e na criação do terminal de uso comunitário, gratuito, integrando soluções e potencializando o uso dos recursos disponíveis. Desta forma, se abre uma alternativa consistente para a inclusão digital das comunidades rurais.

A inserção das famílias no mercado globalizado, por meio da capacitação e da disponibilização de acesso regular à internet, cria a perspectiva da inclusão digital para todos na área rural.

A estrutura instalada na Unidade Piloto da Unidade Gerencial da Emater-DF, no Núcleo Rural Rio Preto, consiste em uma rede de computadores para uso dos técnicos locais, em um terminal comunitário gratuito, na recepção do escritório, e seis computadores para treinamentos e uso comunitário, localizados no Núcleo de Treinamentos e Inclusão Digital – NuTID, da Emater-DF, no Rio Preto, todos com acesso à internet banda larga.

O Projeto Campo On-Line beneficia a comunidade local de diversas maneiras:

- Os cursos oferecidos, em parceria com o Senar-DF, no NuTID localizado ao lado do Escritório Local, prepararam, entre 2004 e 2007, mais de 300 crianças, jovens, adultos e idosos em informática básica, avançada e navegação em internet. O uso correto do computador e a possibilidade do acesso à rede mundial passaram a ser uma ferramenta a mais para o homem do campo;
- A divulgação e popularização da internet na região, aliado ao trabalho de organização coordenado pela equipe local da Emater-DF, levou a aquisição de computadores e a instalação de internet na área rural. No início de 2008 já se verifica a instalação de mais de 40 pontos de internet nas residências rurais da região;
- A divulgação das propriedades e empresas regionais através do site local;
- Os extensionistas têm acesso às informações técnicas nas mais diversas áreas do agronegócio, adaptadas às condições de cada segmento da agricultura: serviço de informações sobre agrotóxicos on-line, informações tecnológicas, informações de mercado, previsão do clima etc.

A facilidade em buscar suporte técnico, enviando e recebendo informações e imagens que auxiliam na solução de problemas locais, resultam em ganho para a comunidade. Estes benefícios levam a um melhor aproveitamento das horas técnicas, comunicação ágil e mais econômica com os diversos setores da Empresa e usuários do sistema de Extensão, bem como com os demais órgãos e instituições públicas e privadas.



HORTICULTURA

No a horticultura foi contemplada tendo em vista sua importância econômica e social no âmbito do Distrito Federal, por apresentar vantagens comparativas e competitivas, em relação a inúmeros centros produtores de hortaliças em nível nacional.

Tais vantagens podem ser resumidas a seguir:

- Disponibilidade de centros de ensino, pesquisa e extensão rural altamente desenvolvidos, o que permite obter maiores rendimentos tecnológicos, produtivos e econômicos;
- Produtores rurais com satisfatória capacidade técnica e gerencial;
- Mercado consumidor local extremamente promissor, demandando 115 mil toneladas de hortaliças por ano;
- Mercados consumidores do Entorno, na Região Integrada do Desenvolvimento do DF e Entorno, com capacidade de demandas de 35 mil toneladas de hortaliças por ano;
- Infra-estrutura de transporte e energia condizente com as demandas dos sistemas tecnológicos hortícolas que estão implantados;
- Serviços de defesa sanitária vegetal que assegura a produção e a comercialização dos produtos olerícolas;
- Linhas de ação governamental em todos os componentes do agronegócio hortícola.

Desta forma, registrou-se significativa reativação das cadeias produtivas de alho, cebola, tomate e hortaliças nos Sistemas de Cultivos Protegidos, além de promover a utilização de práticas gerenciais modernas e competitivas para profissionalizar os produtores rurais. Também se preocupou com a profissionalização dos trabalhadores rurais, principalmente com capacitação sobre Legislação Trabalhista e no refere à aplicação e ao armazenamento de agrotóxicos. Uma oferta mais qualificada de produtos e preços compatíveis, ensejando uma remuneração compensadora ao produtor, foi o objetivo síntese do programa de horticultura, contribuindo assim para a segurança alimentar e a nutricional da população.

FESTA DO PIMENTÃO DA TAQUARA E PIPIRIPAU

A primeira Festa do Pimentão da Taquara e Pípiripau aconteceu em 1999, em substituição à antiga Semana do Produtor Rural, iniciada em 1987. Este evento constitui-se em oportunidades para consolidação econômica e social da região considerada de vanguarda na adoção de tecnologias modernas. É o pólo de plasticultura no Distrito Federal e, atualmente, um dos maiores pólos de produção de pimentão do país.

O projeto favoreceu a qualidade de vida dos assistidos da Emater-DF, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social da região, com inclusão de novos agricultores.

Consolidou o trabalho existente, tipicamente de regime familiar, ampliando a geração de renda e empregos, com melhoria nas condições de vida da população local. Favoreceu os consumidores de produtos e serviços, gerados pelos empreendedores rurais, com inegável melhoria na qualidade dos produtos oferecidos, reflexo do maior nível de conscientização do agricultor nos aspectos sanitários, ambientais e tecnológicos.

A região considerada uma das principais fornecedoras de hortaliças para todo o Distrito Federal, articula-se com o comércio estabelecido em outras regiões do país.

A organização dos produtores é, provavelmente, um grande trunfo, sobretudo em relação à comercialização, trazendo vantagens competitivas aos produtores locais, e conseqüente melhoria na renda e qualidade de vida.

O pimentão é considerado o "carro chefe" da comercialização, permitindo negociação favorável, com reflexos para todos os produtos complementares, com produção, também, aumentada na região.

A cultura do pimentão é um importante fator do desenvolvimento rural da região. Suas vantagens competitivas agregam valor à produção, principalmente pela capacidade de organização de produtores. Esta condição influencia os canais de comercialização existentes, com reflexos positivos para os produtores, e, em última instância, para a população local.

A Festa do Pimentão é um grande evento anual na região. Sua importância, principalmente pelos aspectos: motivação, inovação, conscientização, fortalecimento, integração, consolida o pólo de produção deste produto nacionalmente reconhecido.

Nesse evento, há uma interação com comunidade, que atrai para a Emater-DF o bom relacionamento e a simpatia da população, e isso colabora de forma decisiva para a sustentabilidade da Empresa.

A realização desse Evento é para a Emater-DF um momento de interação e demonstração de seus trabalhos, além de possibilitar a capacitação e o exercício de parcerias, atingir os objetivos e cumprir sua missão. A festa promove a Emater-DF e sua parceria com a comunidade, o que favorece a necessária integração entre técnicos e comunidade local.

SEMANA DE TECNOLOGIA DO NÚCLEO RURAL RIO PRETO

O Núcleo Rural Rio Preto, localizado na Região Administrativa de Planaltina, a oeste do Distrito Federal, ocupa uma área de 49.600 ha. A sociedade local, alicerçada na Cooperativa Agrícola Rio Preto Ltda. – Coarp – e na Associação dos Produtores Rurais do Rio Preto – Aprorp, desenvolve excelente atividade agropecuária, com base na produção das culturas anuais: milho, soja, feijão, sorgo; olerícolas diversas: tomate, cenoura, beterraba, inhame, alho, repolho; fruticultura comercial: citros, abacate, manga; avicultura comercial: ovos e frango; pecuária leiteira; suinocultura comercial; ovinocultura e apicultura.

"Sementes vou semeando
Nos campos da fantasia"

Cora Coralina



Estão instaladas na localidade seis agroindústrias; a Basa (Rações Bomguy), o Frigorífico Sabugy (abate e processamento de suínos e ovinos), a Cerealista Imperador (comércio de feijão), a Multigrain (recebimento de cereais), a Country Brazil Agropecuária Ltda. (leite pasteurizado, iogurtes e queijos) e a fábrica de rações da Coarp.

Este desenvolvimento regional, fruto do espírito inovador dos empreendedores, possibilitou a realização, em 19 de julho de 1998, da 1ª Semana de Tecnologia do Núcleo Rural Rio Preto. Em 2008, será realizada a XI edição da Semana de Tecnologia.

Os eventos, coordenados pela Aprorp, têm como objetivo a permanente adequação às constantes transformações do agronegócio e à dinâmica do exigente mercado globalizado, assim como o desenvolvimento sócio-cultural das famílias. A Unidade da Emater-DF participa, anualmente, com os demais parceiros nas atividades desse Evento, levando novidades e reciclagem tecnológica aos empreendedores, assim como atividades para suas famílias.

As atividades colaboram para o sucesso econômico das unidades produtivas, para a preservação e recuperação do meio ambiente e para o bem estar e desenvolvimento sócio-regional.

FEIRA ALTERNATIVA DE PLANALTINA

A Emater-DF, com a Administração Regional de Planaltina-DF e a Associação de Produtores Rurais e Artesãos da Região – RURART, realizou, experimentalmente, em 1º de maio de 2004, a Feira Alternativa de Planaltina, DF. O evento em sua primeira edição se tornou um dos maiores acontecimentos da cidade.

A Feira Alternativa tem como objetivo criar canais de comercialização e de divulgação de produtos do setor rural de Planaltina, como: turismo rural, floricultura e paisagismo, artesanato, agroindústria e produção orgânica de alimentos. Para maior diversidade e qualidade de produtos para comercialização e para assegurar maior presença de público, desde a primeira edição, permitiu-se a participação de artesãos da área urbana.

Foi criada uma praça de alimentação, onde os frequentadores experimentam desde a comida regional até comidas de outros países. Uma área foi destinada a esporte e lazer, onde se praticam diversas atividades e brincadeiras. Um espaço foi reservado para apresentações culturais, onde grupos teatrais, de dança e músicos locais se apresentam, gratuitamente, tendo palco, som e iluminação à disposição dos artistas.

A feira tem uma edição mensal, no 2º sábado do mês, das 16 às 22 horas, com a participação de mais de 200 feirantes, atraindo um público de aproximadamente oito mil pessoas, a cada edição. Com o passar do tempo, a feira foi espontaneamente mudando seu perfil, sendo hoje, basicamente, uma feira de artesanato, gastronomia e cultura.

O sucesso da Feira Alternativa de Planaltina serviu de modelo para implantação de uma iniciativa similar em Brasília, que também é um sucesso. Este fato provocou intervenção do poder público municipal na área de sua realização. O espaço, anteriormente, decadente e abandonado, foi revigorado com obra de urbanização, transformado numa ampla e bela praça. Isto fez com que a população local descobrisse frequentasse o espaço, valorizando as construções tombadas pelo Patrimônio Histórico do Distrito Federal, como a secular igreja de São Sebastião.

Esta iniciativa teve forte impacto na imagem da Emater-DF, junto à população de Planaltina e às autoridades, até então, com pouco conhecimento do papel social desempenhado pela Empresa.

FEIRA ALTERNATIVA DE BRAZLÂNDIA

Brazlândia é uma cidade com vocação agrícola, turística e conta entre a sua população com muitos talentos artísticos.

A Emater-DF divulga este potencial, desde junho de 2005, em parceria com a Administração Regional, a Associação de Desenvolvimento Sustentável de Brazlândia – Adesb, a Associação dos Artesãos e o Conselho Local de Turismo, por meio da Feira Alternativa de Brazlândia, realizada no segundo sábado de cada mês, das 16 às 22 horas na Praça do Artesão, localizada no centro da cidade.

Nessa feira, o visitante pode encontrar artesanato, bijuterias, pães e biscoitos caseiros, caldos, bolos doces, geléias, rapadura de excelente qualidade, mel, produtos orgânicos e flores. O consumidor tem acesso aos produtos frescos diretamente do produtor, com qualidade, e podem ainda apreciar atrações da cultura local.

O objetivo é fazer da feira uma tradição local, como acontece em Planaltina. A feira de Brazlândia, além de divulgar e valorizar os artistas e produtores locais, ainda oferece também à comunidade e seus visitantes alternativas de comercialização e entretenimento.

A realização da feira provocou, como em Planaltina, uma intervenção do poder público na área de sua realização. O espaço deteriorado foi transformado em uma praça pública, integrando o conjunto arquitetônico da orla do lago Espelho D'água.

Esta iniciativa é uma vitrine dos trabalhos realizados pela Emater-DF e seus parceiros na região. Divulga, promove e comercializa produtos genuinamente locais, dando oportunidade de emprego e renda para os envolvidos. Atualmente, a Feira conta com 100 feirantes e um público de aproximadamente 1.500 visitantes, por edição.



PISCICULTURA

É inquestionável o avanço tecnológico e produtivo da piscicultura no cenário mundial. A carne de pescado tem sido cada vez mais considerada uma fonte alimentar de alto valor nutricional para a população de diversos países. O avanço desse setor produtivo tem se tornado uma opção técnica, econômica e ambientalmente viável para quem se dedica ao agronegócio.

A piscicultura no Distrito Federal e Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do DF e Entorno – Ride, é uma atividade relativamente recente. No entanto, a perspectiva econômica do setor aponta como sendo uma alternativa compensadora para investimento tendo em vista que o mercado da região apresenta um consumo de pescado da ordem de 12,8 Kg/percapita/ano, bem acima da média nacional.

Desde o ano de 1999, o número de piscicultores no DF, passou de 177 para 373 produtores, com um acréscimo de 110%. O crescimento observado de 145% na área inundada em produção, com um aumento de 62 para 152 hectares, mostra que além da incorporação das áreas dos novos piscicultores também ocorreu a ampliação das áreas já existentes. A produção anual de peixes deu um salto com o aumento de 274%, passando de 218 para 816 toneladas anuais.

A atuação da Assistência Técnica e Extensão Rural juntos aos produtores rurais, através da Emater-DF, contribuiu para que esse resultados fossem alcançados, com a utilização de diversas metodologias como: visitas técnicas, treinamentos, cursos, dias de campo, encontros, exposições e outras ações. Os técnicos extensionistas da Emater-DF



foram capacitados através de uma cooperação técnica com Israel, através de 2 treinamentos com especialistas da área nos anos de 2000 e 2002.

Outro avanço importante foi a implantação do Centro de Tecnologia em Piscicultura-CTP da Granja do Ipê, coordenada pela Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Seapa do Distrito Federal e tendo a frente de sua gestão um técnico da Emater-DF, e apoiado pelo Escritório de Aquicultura e Pesca do DF da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República. O CTP apresenta uma infra-estrutura com 10.000 m² de área inundada, destinados a larvicultura e estocagem de reprodutores, divididos em 20 viveiros escavados na terra, oito tanques de alvenaria para reversão sexual de tilápias, um laboratório para reprodução artificial de peixes e uma sala de treinamentos.

O CTP tem papel importante na melhoria da oferta de alevinos aos piscicultores familiares da região, contando atualmente com um plantel de matrizes importadas de tilápia tailandesa e colorida, além de matrizes de várias espécies nativas. Em 2008 foi iniciada a produção de alevinos da tilápia-do-Nilo da linhagem GIFT (Genetically Improved Farmed Tilapia). O acesso dos piscicultores a alevinos com melhoramento genético da linhagem GIFT, tem mostrado um ganho de produtividade de até 25% quando comparado com as linhagens de tilápia produzidas atualmente. O CTP fornece suporte zootécnico e sanitário aos produtores do DF e Entorno, contribuindo de forma decisiva no crescimento da piscicultura regional, através do desenvolvimento e a difusão de novas tecnologias e com treinamentos para técnicos, produtores e estágios supervisionados para estudantes.

Esses números comprovam que para a nova realidade rural do Distrito Federal, a piscicultura surge como uma nova alternativa de atividade viável para as propriedades rurais da região, contribuindo nesses últimos anos para o aumento da base econômica da produção local e a substituição gradativa das importações.

A piscicultura pode ser considerada uma alternativa de cunho social a partir do momento em que a atividade é desenvolvida na pequena unidade produtiva como fonte de alimentação e complementação de renda dos produtores que se dedicam à agricultura familiar.

HOMENAGEM: IMIGRAÇÃO DA COLÔNIA JAPONESA – 100 ANOS DE ALIANÇA

Junto com os 30 anos da Emater-DF, a colônia japonesa comemora 52 anos de imigração para o Distrito Federal. E era exatamente um grupo de 30 orientais que aqui chegaram, em 1956, isto é, antes da inauguração da Capital. Eles receberam terras arrendadas, às margens do Riacho Fundo e na Vargem Bonita, constituindo o primeiro Núcleo Rural do Distrito Federal. Depois de passarem um dia analisando o solo, para ver se era possível fazer pomares e hortas, foram ao encontro de Israel Pinheiro – Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), desanimados:

–“A terra aqui é muito fraca e difícil para plantar”, reclamaram.
O diretor da Novacap não pensou dois segundos e sorrindo respondeu:
–“Ora, se fosse terra boa eu não precisava de japoneses”.



Sentindo-se desafiados eles compraram a briga e começaram a produzir. Eles contam da geração de sanseis (netos de japoneses) que, nos últimos 15 anos, fizeram o caminho de volta para a terra dos antepassados em busca de especialização ou de um trabalho melhor na ilha do Pacífico, onde existem hoje cerca de 235 mil brasileiros.

As mais de 2,2 mil famílias de ascendência nipônica, que vivem atualmente no Distrito Federal — cerca de 5 mil pessoas — nem podem ser consideradas uma colônia estrangeira, se misturaram aos goianos, cariocas e mineiros que também vieram para cá.

Ao completar os seus 30 anos, a Emater-DF congratula-se com a comunidade japonesa, que em 18 de junho, comemora 100 anos da chegada das primeiras famílias ao Brasil, quando em 1908, desembarcaram do navio Kasato Maru, no Porto de Santos, dando início à saga dos imigrantes nipônicos no Brasil. Elas são símbolo de uma grandiosa aventura de coragem e superação. Desde que aqui chegaram, os japoneses vêm imprimindo no País os traços de sua cultura, tradições e do alto grau de desenvolvimento econômico e tecnológico.

A culinária japonesa, por exemplo, é tão apreciada que em grandes centros chega a ter mais restaurantes japoneses que churrascarias. Hoje, plenamente integrados, os japoneses contribuem de forma relevante para a economia nacional.

Do Japão à vida nas fazendas de café no Brasil, passando a morar nos centros urbanos, nasceu uma geração de comerciantes. Surgiu a expressão: “japonês garantido”, em referência a esses comerciantes, que ganharam fama de honestos, sérios e competentes.

No Distrito Federal, a colônia japonesa de agricultores concentra-se em Vargem Bonita, Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Alexandre de Gusmão e Brazlândia, que cultivam principalmente hortaliças, morangos e frutas de alta qualidade.

Neste centenário, a Emater-DF, ao olhar para trás, agradece aos imigrantes por tudo que fizeram, que com esperança, perseverança, honra, orgulho, força, coragem e alegria seguem adiante contribuindo decisivamente para o abastecimento agrícola do Distrito Federal.

Várias foram as contribuições deixadas pela colônia japonesa, entre elas podemos destacar a institucionalização dos produtos hortigranjeiros, que até hoje vem sendo realizada no Distrito Federal. Em homenagem a esta parceria entrevistamos, neste livro, duas representantes da colônia: Geni Ikeda Asano e Junco Kicuti que apresentam suas receitas de tradição, já incorporadas aos pratos típicos da região, e solicitadas em todos os eventos onde a agricultura familiar se faça presente.





CONVERSA DE COMADRES

“Minhas mãos doces
Jamais ociosas
Fecundas, imensas e ocupadas
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar
Ajudar, unir e abençoar”

Cora Coralina (1987).

Uma surpresa para os 30 anos da Emater-DF

Sérgio Dias Orsi

Após separar, na dispensa da sua casa, a tigela da sua Comadre Totota, que tinha vindo com goiabada mole, Comadre Maisé colocou alguns pedaços de bolo de fubá Flor-do-campo dentro da vasilha. Amarrou a tigela com o pano de prato que a Dona Ritinha bordou, testou a firmeza do nó que ela tinha dado e o segurou bem firme.

Fechou a janela da sala e da copa e tramelou a porta da cozinha. Foi até ao canal, soltou o Rex no cercado da casa para se prevenir de algum intruso. Saiu pelo portão dos fundos do cercado da sua casa e foi acompanhada pelo cachorro, até o portão, farejando de uma distância respeitosa da sua dona, a vasilha de bolo. Trancou o portão com o ferrolho pelo lado de fora e – enquanto ouvia o latido solitário do seu cão que corria de um lado para outro no cercado – seguiu até o atalho que dava na chácara da sua Comadre Totota.

As duas comadres, que tinham mudado a mais de 20 anos, ali para a Colônia Agrícola, que fazia parte do Núcleo Rural, da histórica Cidade Satélite de Planaltina, no Distrito Federal, mantinham uma relação caracteristicamente familiar. Uma sempre foi o “porto seguro” da outra, na ausência dos parentes mais próximos.

Essa sua caminhada iniciou por volta das duas horas da tarde sob um azul característico do Planalto Central. Ela continuava, passo-a-passo, a alimentar sua curiosidade, enquanto perseguia aquela trilha bem batida pelo vai-e-vem do dia-a-dia das comadres. O sol do início de abril ainda obrigava procurar a sombra de uma ou outra árvore, que por sorte, ainda resistia à margem da trilha, aqui e acolá.

Aquela tranquilidade era, a todo o momento, perturbada alegremente pelo canto saltitante de um Tiziu, nas muitas viçosas de capim onde apendoava as sementes que alimentava aqueles pássaros. Um pouco mais de caminhada, ansiedade e reflexão, Comadre Maisé passou a ouvir, um mugir saudoso no curral, que denunciava a rotina hora de apartar as vacas leiteiras dos seus bezeros.

“Flor do Campo”

Ingredientes:

2 colheres (sopa) cheias de manteiga
3 xícaras de açúcar
4 ovos, claras em neve
1 pires de queijo meia-cura ralado
3 copos de coalhada
2 xícaras de fubá
2 colheres (sopa) de farinha de trigo
1 colher (sopa) de fermento químico em pó
Erva-doce a gosto.

Modo de Fazer:

Bater a manteiga com o açúcar, as gemas e o queijo ralado. Juntar a coalhada aos poucos, sempre batendo, o fubá e a farinha de trigo e a erva doce, batendo bem a cada adição. Por último, juntar as claras batidas em neve e o fermento químico em pó, e misturar delicadamente. Assar em tabuleiro untado e enfarinhado, e em forno quente, até dourar.



Quando já avistava a casa da Comadre Totota, foi anunciada de longe pelo latir da Endi. Com o seu jeito serelepe de dar boas vindas, a cadelinha correu ao seu encontro, contorcendo o corpo e balançando o cotó da sua cauda. Farejou seus pés e a vasilha de bolo que seguia segura pelo nó que foi feito.

Comadre Maisé se aproxima da casa, batendo os pés empoeirados na grama e surpreende a rotina doméstica da Comadre Totota, que somente pelo jeito como a Endi latiu, já sabia que se tratava de gente conhecida. Com uma reação muito própria de alegria e surpresa pela chegada da vizinha naquela hora, Comadre Totota deixa seus afazeres, enxuga as mãos no avental, desamarra-o da cintura, e em seguida retira-o pela cabeça, arrumando imediatamente seus cabelos. O aperto das mãos (uma ainda fria e úmida e a outra quente e suada) aconteceu. Trocaram perguntas sobre como estava cada um dos seus familiares e em especial sobre os afilhados.

Para a Comadre Totota, daquele momento em diante, o seu dia seria de um misto de satisfação e atropelos. Tanto pelo prazer de estar com a sua melhor amiga, quanto para dar conta das tarefas que ela já tinha empreitado para si mesma. Mas isso já não tinha tanta importância. Naquele momento, ela queria mesmo era prosear, tanto para descobrir a razão daquela visita inesperada, quanto para confirmar a surpresa que continha aquela vasilha, ainda embalada com o característico pano de prato da Dona Ritinha.

– Comadre Maisé! Que alegria essa da sua visita! Pois eu estava pensando em você neste instante. Vamos chegar para cá e puxe um banquinho que está debaixo da mesa para sentar. Não repare a bagunça!

– Que bobagem, Comadre Totota, quantas vezes você foi lá em casa e eu estava na mesma labuta. Não se preocupe com isso não! Eu fiz uma receita do seu bolo de fubá preferido e resolvi trazer uns pedaços para você, pois estava devendo a sua vasilha que foi com aquela goiabada gostosa. Também estava curiosa para saber sobre o curso de bordado que você fez na Emater-DF. Ah, eu só adiantei umas coisas lá em casa e dei um pulinho até aqui, para saber quais são as novidades.

– Ah! Comadre Maisé, já descobri a razão da visita. E ao mesmo tempo em que falava desamarrava o pano para sentir o cheiro de bolo, combinado de milho assado, erva-doce e queijo meia-cura. Você perdeu! Foi bom demais!

– A turma desse curso estava muito animada. A Dona Ritinha, confirmando se o bordado do pano de prato era mesmo o dela, sempre daquele jeito, falando toda hora para o pessoal “grudar” no trabalho.

– Eh!!! Comadre Totota. A Dona Ritinha não tem jeito! Mas, a professora do curso, entendia mesmo do assunto?

– De tudo, comadre Maisé. Ela contou desde a história do bordado, até como ela fez para vender os seus trabalhos. Não nos enrolou em nenhum momento. Somente fez algumas perguntas e foi logo distribuindo o material e explicando a técnica de fazer o molde e o bordado. Desde a primeira aula já colocamos a “mão na massa”.

– Então, foi bom mesmo, Comadre Totota. Mas me conta mais sobre o curso, as novidades das conversas.

– Bem, Comadre Maisé, no curso cada uma de nós fez uma auto-apresentação, falamos sobre nossas expectativas com o curso e a professora completou com mais algumas perguntas.

– Comadre Totota ela queria saber mais o quê?

– Se alguém no grupo já bordava, ou se sabia fazer “pontos-cruz”, ou se ganhava algum dinheiro com os bordados que fazia. Aí então, Comadre Totota, a Dona Ritinha falou até cansar, não é?

– Sim Comadre Maisé, até ela contar que vendeu pano de prato bordado, de porta em porta, para ajudar os dois filhos a completarem os estudos no Colégio Agrícola, foi uma história muito longa, demorou um “tempão”!

– Comadre Totota, com a Dona Ritinha não tem moleza! Mas como é a história do bordado que a professora ensinou?

– Comadre Maisé é muito interessante! Ela contou que tudo começou, quando em 1974 um Artista Plástico e as Irmãs, do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria no Brasil resolveram treinar algumas mulheres para proporcionar uma renda extra às famílias carentes. Eles desenvolveram e aperfeiçoaram o ponto de bordado que fez sucesso. O tal “Ponto Brasileiro” é trabalhoso, mas depois que acaba o bordado ele fica muito bonito! Tem trabalho bordado nas embaixadas aqui em Brasília e até no exterior.

– Ah! Comadre Totota, então essa história começou aqui mesmo em Planaltina?

– Sim, Comadre Maisé. Inclusive ela contou que inicialmente o grupo começou somente com quatro mulheres. Mas, em pouco tempo já tinha vinte mulheres aqui em Planaltina e 19 tapeceiras lá na cidade de Cabeceiras, em Goiás. O que mais elas faziam era tapetes, passadeiras e almofadas. E mais Comadre, lá no Instituto das Franciscanas só ia cliente das embaixadas.

– Que coisa interessante, Comadre Totota! Conta mais, conta!

– Ela mostrou algumas fotos, Comadre Maisé, das comitivas estrangeiras que elas sempre recebiam no Instituto das Franciscanas. O pessoal ficava encantado com o ponto do bordado que ressaltava a fauna e a flora brasileira de uma forma muito especial e interessante. Sempre as bordadeiras eram convidadas para expor os trabalhos em diversos eventos.

– Comadre Totota, então o bordado é chique mesmo! Você não trouxe nenhum bordado que fez?

– Sim, Comadre Maisé! Vou buscar a maletinha de bordado que nós ganhamos no curso. Mas não repara, ainda estou aprendendo!

Enquanto ela busca a sua maletinha, Comadre Maisé um pouco arrependida de não ter participado do curso, lamenta para si mesma ter recebido na sua casa, justo naqueles dias, a cunhada que veio do interior de Goiás. O seu pensamento é repentinamente abreviado pelo barulho de uma agulha que caiu no chão, quando a Comadre Totota retirou da maletinha alguns retalhos de panos. No primeiro, tinha uma árvore tortuosa de Pequí toda bordada e, no outro pedaço de pano maior, ainda por terminar, parecia uma pequena vereda cheia de Buritis.



– Comadre Maisé, não estão bonitos como os bordados da professora, mas dão para se ter uma noção de quanto é trabalhoso.

– É Comadre Totota, são bem interessantes mesmo!

– Mas Comadre Maisé, como eu estava contando sobre a história do bordado “Ponto Brasileiro”, o triste desta história é que à medida que o tempo foi passando, as pessoas que compravam os bordados queriam, cada vez mais, trabalhos maiores. Então, o grupo de mulheres, aos poucos, foi desanimando dos trabalhos e acabou se desfazendo. Demorava muito para concluir um trabalho e elas acabavam ficando sem aquele dinheirinho do dia-a-dia para fazer a “feira”. Assim, o último trabalho elaborado pelo grupo, foi um tapete de marajoara no ano de 1998.

– Comadre Totota, então os bordados e tapetes que eram vendidos para o exterior ou para decorar as embaixadas aqui de Brasília, não são feitos mais?

– Comadre Maisé, é nesse ponto que a Emater-DF entra na história.

– Comadre Totota, como assim?

– Comadre Maisé, a Emater-DF resolveu resgatar esta técnica para que nós mulheres rurais possamos fazer um dinheirinho extra com esses bordados e tapetes.

– Mas Comadre Totota, você não disse que as mulheres desistiram porque não estavam dando conta mais de ganhar dinheiro com os trabalhos?

– Sim, Comadre Maisé. Só que agora a proposta é fazer trabalhos pequenos e que retratem a nossa realidade local, como árvores do Cerrado e aquilo que a gente vive no dia-a-dia aqui na roça. Falaram até para nós bordarmos a figura de um fogão-de-lenha ou de um pé de cagaíta florido.

– Bem Comadre Totota, e os outros dias do curso, como foi?

– Comadre Maisé, o bom desse curso, como eu lhe disse, é que tinha muita prática e o pessoal era animado. Todo dia a professora dava uma nova dica, desde como fazer o desenho para o molde, até na forma de embalar os bordados para vender. A professora e a “moça” da Emater-DF ensinaram até como calcular o preço de cada peça bordada.

– Então elas ensinaram até quanto vai custar cada peça, Comadre Totota? Tem como você passar isto para mim? Ensinar o ponto do bordado e como calcular o preço? Estou precisando ganhar uns trocados. A Festa da Colheita está chegando e eu preciso comprar um vestido mais novo para o Baile da Associação.

– Sim, Comadre Maisé, inclusive no intervalo do cafézinho, cada uma de nós ficava sonhando com as compras que iríamos fazer com o dinheiro ganhado com os bordados que seriam vendidos. Como sempre, a Dona Ritinha entrou na discussão. E, com a sua experiência aconselhou a todas as mulheres: “primeiro é muita inspiração e transpiração para fazer os bordados, depois muita sola de sapato para vendê-los, e só a partir daí, com muita calma e pesquisa de preço, gastar cada centavo que se ganhou”.

– Éeee... Dona Ritinha. Sempre dando um “presta atenção” na gente, não é Comadre Totota?

– É verdade, Comadre Maisé. Por isto que nós até resolvemos mudar de assunto.

Passamos a comentar sobre as receitas dos lanches.

– Como assim, Comadre Totota?

– Ah! Comadre Maisé, esta foi outra parte interessante do curso de bordado. Nós fizemos um trato que era assim: cada dia uma de nós levava a merenda. Foi uma comilança danada.

– Deu até para ganhar uns quilinhos, Comadre Totota?

– Eu não engordei Comadre Maisé, pode ver?! Mas teve mulher que comia de tudo. Enquanto não experimentasse um por um, não sossegava.

– Comadre Totota, você não trouxe nenhuma novidade?

– Sim Comadre Maisé, eu até comentei com a Dona Maria do Socorro, esposa do seu Teodoro, daquela visita que a moça da Emater-DF fez aqui em casa, procurando alguma receita que fosse característica, lá da minha região, para colocar no livro de 30 anos da Emater-DF. A moça juntou todas as receitas e entrevistas e montou uma apostila. Quando li na apostila tanta receita interessante, pedi logo emprestada. Não vejo a hora de passar para o meu livro de receitas.

– E o que tem de diferente e gostosa, Comadre Totota?

– Ah! Comadre Maisé, muita coisa boa! Vou só lhe mostrar a variedade de receitas. Comadre Totota pegou novamente a sua maletinha em cima da mesa, abriu o zíper do lado de dentro e retirou a apostila. De imediato entregou para a comadre ir dando uma folheada e já fez um convíte.

– Vamos chegar lá na cozinha Comadre Maisé, que eu vou “passar” um cafezinho novo para nós, porque o cheiro desse bolo de fubá está dando água na boca. Comadre Maisé começou a passar, folha por folha. Vez por outra parava em um relato da entrevista, ou em uma receita que lhe chamava mais atenção. Lia o texto da entrevista e imaginava como era o local de onde vieram aquelas mulheres, fazendo, pelo pensamento, um passeio por quase todo Brasil. Em outros momentos lia uma receita e imaginava ela pronta e se seria gostoso.

– Comadre Totota, então além de ensinar bordado o curso também foi um momento de aperfeiçoar a culinária de cada uma?

– Sim Comadre Maisé. Até a “moça da Emater-DF” fez questão de levar, em cada dia, uma receita dessas que ela conseguiu nas entrevistas. Foi receita para lá, receita para cá, que várias vezes a Dona Ritinha teve que chamar a atenção de nós, senão o trabalho não saía.

– Comadre Totota, se não ficasse experta dava mesmo para ganhar uns quilinhos, não é?

– Comadre Maisé, é verdade. Mas sempre que pude eu fechei a boca. Só no último dia que eu relaxei um pouco, também ninguém é de ferro.

– Por que no último dia Comadre Totota?

– Cada uma de nós, levou uma receita Comadre Maisé. Aí todo mundo abusou, só tinha coisa gostosa e que engordava.



– É... Comadre Totota, este é o perigo desses cursos, o sacrifício é muito grande. Mas vale a pena!

– Ah! Comadre Maisé. No encerramento do curso todos os trabalhos ficaram expostos, alguns abertos e outros embalados para venda. Foi convidado até a diretoria da Emater-DF para fazer o encerramento do evento. No discurso o presidente ressaltou que Emater-DF está completando 30 anos agora em 2008 e que será um ano com muitas atividades de capacitação das mulheres e dos produtores. Ele mostrou até o selo comemorativo dos 30 anos da Emater-DF.

– E ficou bonito o selo, Comadre Totota?

– Sim. Mas foi justo nesta hora do discurso, Comadre Maisé, que eu tive uma idéia e falei para a moça da Emater-DF ao meu lado. Sugeri a ela que fizéssemos uma festa para a Emater-DF no dia do seu aniversário.

– E ela concordou Comadre Totota?

– Claro que sim Comadre Maisé, até a professora quando viu o selo dos trinta anos, prometeu logo bordá-lo no “Ponto Brasileiro” para fazer um sorteio no dia da festa dos 30 anos.

– Que interessante Comadre Totota!

– Depois que acabou o discurso e a festa de encerramento, nós reunimos o grupo no Centro Comunitário do Núcleo Rural, no dia 7 de abril. A moça da Emater-DF contou que a cozinha brasiliense é muito variada. Na verdade, cada família de produtor rural que veio para Brasília, trouxe consigo a sua cultura alimentar, ou seja, o seu jeito de fazer 100 comidas, os seus temperos, os seus encantos e sabores particulares. O tema da festa será “Emater-DF: 30 anos com os sabores que migraram para Brasília”. Assim iremos homenagear todas as regiões do país com as receitas que ela coletou nas entrevistas que fez. Isto sem contar com as receitas dos quitutes dos nossos lanches do curso de bordado.

– É verdade Comadre Totota. Eu mesma só vim conhecer, arroz de buchá, buchada de bode, queijo de leite de soja e paella aqui em Brasília. Vai ter comida para todo gosto.

– Claro que sim Comadre Maisé. Ela pegou a apostila e fez uma relação das receitas e das pessoas que entrevistou. Disse que também tem muitas receitas que colecionou durante estes anos que esteve na Emater-DF. Ela mesma ficou responsável de avisar a por uma. Pedimos para todo mundo guardar segredo, se não, perde a graça.

– Então, Comadre Totota, me conta logo quais foram as felizardas!

– Calma Comadre Maisé, a surpresa não termina por aí.

– É Comadre Totota, o que tem mais?

– Comadre Maisé, elas estavam falando que o ano passado fez 50 anos que os japoneses vieram para Brasília, ou seja, eles vieram antes mesmo da nova capital ser inaugurada. O primeiro lugar que eles se estabeleceram foi aonde é hoje o Riacho Fundo que pertencia ao Núcleo Bandeirante. Eles vieram com a missão de produzir alimentos, porque naquela época, aqui no Distrito Federal, estava faltando de tudo.

– Comadre Totota, os japoneses são danados mesmo, naquele tempo, quase sem recurso nenhum, enfrentaram este sertão e pelo visto deram conta do recado.

– Pois é Comadre Maisé. E mais, este ano também, está fazendo 100 anos que os emigrantes japoneses chegaram aqui no Brasil. Por causa disto nós resolvemos levar também um pouco daquelas comidas japonesas para a festa.

– Comadre Totota, então para a festa da Emater-DF vai ter até culinária internacional?

– Sim, Comadre Maisé, e não vai ser só a japonesa, tem muitas outras receitas estrangeiras.

– Mas, Comadre Totota, conta mais, principalmente das receitas, pois sem comer já estou engordando.

– Comadre Maisé. Depois de muita conversa a moça da Emater-DF solicitou que separássemos as receitas por região. Feito isto, definimos quem iria ficar responsável para levar o prato no dia da festa. Quando acabou esta parte, foi um corre-corre para copiar receita, que virou um alvoroço só.

– Imagino o tumulto que foi Comadre Totota.

– Advinha Comadre Maisé? Para diminuir a confusão, Dona “Ritinha” teve que intervir. Ela sugeriu que cada uma de nós escrevesse uma daquelas receitas no quadro-negro do Centro Comunitário. Feito isso, cada uma escolheu as receitas que mais gostava no quadro-negro e acabou o empurra, empurra. Você acredita que já estavam desmanchando a apostila da moça da Emater-DF!

– Só a Dona Ritinha mesmo para “colocar ordem na casa” Comadre Totota.

– Ela sabe impor respeito, Comadre Maisé. Só sei que depois foi um silêncio total, todo mundo copiando as receitas. Enquanto elas copiavam a receita eu e a moça da Emater-DF repartimos o que tinha sobrado das comidas e limpávamos o salão. Quando terminamos já estava escuro. Como eu fiquei sem copiar e ajudando a limpar, pedi logo a pasta emprestada.

Cheguei em casa e o jornal na televisão já tinha acabado. O Tonho, para variar, já estava inquieto na varanda, andando de um lado para outro, mal perguntou o que tinha acontecido.

– Quase que teve bronca Comadre Totota.

– Quase. Mas com o alívio que ele sentiu quando cheguei e viu os salgadinhos que eu tinha levado, a conversa mudou, Comadre Maisé. Agora, olha aí o tanto de receita que tem nessa apostila.

– É Comadre Totota, depois você me empresta o seu livro de receitas.

Enquanto a Comadre Totota, em pé, acabava de coar o café, Comadre Maisé, se ajeitou no banquinho e continuou a folhear a apostila com as receitas e as entrevistas. Pelo cheiro do pó-de-café, o cafezinho prometia ser muito gostoso não só com o bolo de fubá, mas também com o queijo minas frescal que a Comadre Totota sempre fazia.

Quando a Comadre Totota serviu a primeira xícara, Comadre Maisé logo imaginou um pedaço de queijo. Parece que foi uma transmissão de pensamento. De repente, sem ainda saborear o seu pedaço de bolo preferido, Comadre Totota lembrou-se do queijo na geladeira.



– Comadre Maisé, estava esquecendo o queijinho que fiz ontem.

Comadre Totota foi até a geladeira, retirou o queijo que ainda estava na forma de plástico e colocou em um prato, escorrendo o soro que acumulou. A prosa ficou curta para as duas comadres, entre um e outro gole de café, que vinha sempre acompanhado de uma mordida, ou no pedaço de queijo, ou na fatia de bolo de fubá. Comadre Totota percebida, cada vez que mastigava o prazer de sentir a combinação de sabores do bolo com aquele cafezinho novinho.

Comadre Maisé bebe o seu primeiro gole de café e inspirada pelo sabor, voltou no início da apostila e começou a folhear, com mais calma e atenção, folha por folha.

Continuava a viajar pelo Brasil, por meio das receitas de cada região do nosso país, imaginando, como é rica a nossa cultura gastronômica. E, da mesma maneira que tinha feito anteriormente, parava às vezes numa receita, ou em uma entrevista, pensando como será interessante o aniversário da Emater-DF.

Há muito tempo Brasília merece um encontro rural dos seus saberes e sabores. Ou melhor, uma festa para comemorar os 30 anos da Emater-DF, “COM OS SABORES QUE MIGRARAM PARA BRASÍLIA”.



DEPOIMENTOS

As histórias de vidas relatadas a seguir são frutos de uma conversa de comadres com várias mulheres, agricultoras, moradoras em diferentes núcleos rurais, do Distrito Federal, onde a Emater-DF tem sua área de ação.

Essas mulheres contribuíram, no livro, com suas histórias de vida e com receitas trazidas de seus locais de origem ou de pratos que aprenderam nos cursos organizados pela Emater-DF.

Nas lembranças do caminho percorrido, as mulheres lembraram quando, como e por que vieram de suas origens em busca de melhores perspectivas na região do Cerrado, onde Brasília despontava como a capital do futuro num país que ainda carecia de estradas, infra-estrutura e produção de alimentos em todas as regiões.

Falaram do gosto pela roça, das amizades, do cozinhar, do fazer doces e biscoitos, dos bordados e tantos outros trabalhos vinculados ao território da casa e das plantações, onde são donas-de-casa, agricultoras e companheiras em todas as circunstâncias.

Comentaram com prazer a relação com a Emater-DF, as trocas de conhecimento, o apoio técnico, a amizade, em alguns casos seus técnicos se tornando quase membros da família.

Falaram dos problemas como, por exemplo, o da água, sua escassez ou qualidade, a falta de condições do transporte, as dificuldades de comercialização...

A Emater-DF dedica esta pequena homenagem, a todas as mulheres como forma de perpetuar o agradecimento dos que fazem a extensão rural no Distrito Federal.



104

GENI IKEDA ASANO Núcleo Rural do Rio Preto, Planaltina



“Eu vim do Núcleo Bandeirante, mas cheguei a Brasília em 1968. Sou filha do pioneiro Sr João Ikeda. O trabalho é duro de sol a sol. No começo ajudava o marido e assim não precisava pagar empregado. Os sete filhos cresceram e no momento gozo de tranquilidade, principalmente por que tenho a nora que ajuda o meu filho na lavoura. A produção da família é de berinjela, limão e ponkan. Custo de fazer o

— Suzuki - SU - vinagre - KI - ou seja, conserva de vinagre, que é muito admirada como tira-gosto, para acompanhar a carne no almoço. Temos um ótimo relacionamento com a equipe da Emater-DF; sem eles não seria possível a chácara ter a produtividade que tem, de onde ganhamos o nosso sustento.”

Geni Ikeda
Produtora Rural

Cheguei em 1967. Casei em Brasília e vim morar no Núcleo Rural do Rio Preto. Sai de Inhumas, GO, em 1957, com meus pais que vieram do Japão, na época da imigração japonesa. Chegamos e moramos no Riacho Fundo, perto do Núcleo Bandeirante. Meu pai trabalhou como agricultor e meu irmão ainda mora lá, no Riacho Fundo. Meu casamento foi arrumado, sou daquele tempo, daquela época quando o casamento era arranjado pelos pais. Meu marido, Kaneyoshi Asano, nasceu no Japão e já estava aqui em 1957. Ele veio com 20 anos, ganhou as terras do Governo e hoje se considera mais brasileiro que japonês. A gente vem batalhando desde aquela época, mas é muito difícil.

O Governo sempre ajuda. Por meio da Emater-DF meu filho e minha nora fizeram um empréstimo para o plantio do pimentão. Vão começar a colher agora. Tive sete filhos e eles cresceram e voaram. Hoje, tenho cinco filhos no Japão, um em São Paulo e um casado morando aqui. Os filhos que estão no Japão trabalham em fábrica. Estão lá por necessidade, não conseguem economizar como gostariam por ser uma cultura de consumo.

Hoje está muito difícil de plantar. A gente compra tudo muito caro: adubo, sementes, insumos e vende a verdura muito barato. Estamos querendo parar de plantar a verdura. Queremos plantar soja e milho. Estamos discutindo com a Emater-DF o plantio de flores, pois querem desenvolver aqui no Rio Preto um projeto de floricultura. Precisamos pensar, porque precisa de infra-estrutura e de transporte. No mercado, levam flores e também sobram como as verduras. Por exemplo: acelga, se não vender logo ela se perde.

Estamos com problema na vizinhança por conta da falta d'água, uma questão séria para todos; a água deveria chegar dividida nos lotes, como não é suficiente, isto não é possível. Quando éramos só japoneses havia mutirão para limpar o córrego, hoje não se faz mais isso. Hoje a postura é individual, antes todos se ajudavam, tinham mais companheirismo. As famílias japonesas foram embora porque não tinha escola. Há pouco tempo houve um incêndio na chácara, não sabemos se foi criminoso. Até agora não recuperamos os prejuízos, não tínhamos seguro, e queimou tudo: equipamentos, bambuzal, as mangueiras e isto desanimou muito. A nossa casa foi feita há 41 anos. Cresceu com os filhos. Temos planos de fazer outra quando sobrar o dinheiro da soja. Meus netos sonham com isso.

SUZUKI (CONSERVA DE BROTO DE BAMBU)

Ingredientes para 1 vidro de 500 g

- ½ kg de broto de bambu cortado em rodela
- 1 colher (sopa) de açúcar
- 1 colher (chá) de sal
- 1 colher (chá) de glutamato monossódico (ajinomoto)
- 1 copo (americano) de vinagre branco



105

Modo de Fazer: tempo de preparo 40 minutos.

Corte o broto de bambu (a melhor época é o final do ano);

Leve a ferver por uns 5 minutos;

Deixe escorrer numa peneira, descasque-os. Coloque um pouco de sal para ajudar sair toda a água;

Leve de volta ao fogo para cozinhar com açúcar, o glutamato monossódico e o sal, depois de macio coloque no vidro esterilizado e cubra com vinagre e está pronto para servir ou guardar.

TOFU

Ingredientes para aproximadamente 1 kg.

- 3 xícaras (chá) de grão de soja (de molho de um dia para o outro)
- 1,75 l de água quente
- 1 colher (chá) de sal
- Coalho: 3 alternativas todas diluídas em:
 - ½ xícaras (chá) de água morna.
 - Alternativas de coalho (escolher apenas 1 delas)
 - 2 colheres (sopa) de suco de limão ou
 - ½ xícaras (chá) de vinagre ou
 - 1 colher (sopa) de sal amargo (cloreto de magnésio)

Modo de fazer: tempo de preparo um dia.

Escorra a água da soja que ficou de molho e bata no liquidificador com os 1,75 l de água quente, vá colocando aos poucos. A cada operação, passe na peneira para extrair o leite e depois passe num pano branco fino e limpo. Leve o líquido para uma panela em fogo baixo até levantar ferver, e deixe por 15 minutos. Mexer sempre para não grudar no fundo. Desligue o fogo, deixe ficar morno (temperatura de mamadeira), coloque o sal e um dos coalhos escolhido. Deixe coagular por 15 minutos. Coloque a massa coagulada em pano fino e deixe escorrer. Após escorrida, leve a massa para formas próprias para queijo, de formato retangular. Pressione bem com um peso. Retire da forma, leve à geladeira dentro de uma vasilha com água, para não ressecar. Sirva usando molho shoyu.



NEUZA FALQUETO Núcleo Rural de Tabatinga, Planaltina



“Além de ajudar o marido, eu pratico minhas habilidades culinárias, pois sei fazer pratos saborosos que já são conhecidos em todo o núcleo rural e redondezas. Já fiz cursos na Emater-DF, sei como preparar e acondicionar. Meus preferidos são: geléia de morango, doces de figo e caju que são vendidos para os hotéis fazenda da região. A polenta é o prato da casa, servido para os amigos e familiares, seguido de muitos elogios.”

Neuza Falqueto
Produtora Rural
Núcleo Rural de Tabatinga,
Planaltina, DF

Vim do Espírito Santo, da rota dos imigrantes na região da serra, depois do encantamento do meu marido com a região do Cerrado, durante um passeio que fez aqui com um amigo. A região lá se desenvolveu mais. Éramos uma família com cinco filhos, novos, pequenos, estudando e buscamos novas perspectivas. Hoje só o cacula mora perto.

A Emater-DF está sempre presente, embora hoje o meu marido não plante mais. Agora ele faz processamento de grãos, trigo e soja. Antes plantava cana, tinha alambique e fazia cachaça. Meu filho cuida da terra e planta hortaliças, feijão e soja. A falta de caminhão dificulta, pois temos que pagar o frete, o que diminui os lucros.

Um dos meus filhos deixava tudo por um trator e pela lavoura. Hoje, está no Maranhão tocando uma fazenda. Meu filho mais velho trabalha com produtos agrícolas e as filhas saíram aqui do núcleo. Uma foi para a Europa e mora em Londres há quatro anos. De origem italiana, tem dupla cidadania, trabalha e estuda.

A outra filha é casada com agricultor e moram no Núcleo Rio Preto. Eles têm trigemeos que são a alegria dos avós.

Eu ajudava na horta e colhia verduras quando tínhamos a outra chácara. Tínhamos também gado de leite e fazíamos queijo. Não mexemos mais com estas atividades, embora eu faça queijo por encomenda, com leite comprado em uma chácara próxima. Faço também biscoitos, doces e vendo para diversos clientes. Antes eu levava para exposições, hoje já não podemos mais.

Não dá pra ficar à toa, isso é coisa de gente ruim. Como as pessoas se interessam pelo que eu faço então vale a pena ir fazendo, biscoito de nata, de maisena, de soja e outros. Faço cursos quando vem gente de fora. Aqui perto tem uma gaúcha que faz coisas muito boas que eu nem sei fazer. Por aqui quase todas as mulheres sabem fazer muitas coisas. Sempre dou receitas, ensino o que sei, mas nunca dei curso.

Em nossa comunidade não vejo problemas, a não ser o transporte. Temos muita água, graças a Deus nunca faltou. Trabalhar na terra é difícil, mas é bom, é penoso, segundo Tiago, filho da Neuza. Quando chegamos aqui tinha muitas árvores plantadas. Fizemos negócio com a chácara anterior que rendeu lucro e aqui facilitava a vida das crianças para pegar ônibus e ir para a escola. É mais perto da pista. Naquela época arrendávamos terra para plantar milho e soja. Faz 22 anos aproximadamente e o pessoal da Emater-DF sempre nos ajudou, sempre estavam aqui. O Dr. Sérgio, a Cida, que morou aqui em casa, eram como se fossem da família. Com a Emater-DF a gente aprendeu muito, melhorou a produção. Às vezes sabíamos fazer, mas não corretamente, e eles corrigiam. Já falaram: “aqui tem de tudo que a gente quer”. Da onde eu vim tinha plantas medicinais, flores, verduras para o gasto. Deixamos de fazer cachaça porque o retorno é muito demorado, a venda é picada. Trouxemos o engenho do Espírito Santo onde conhecíamos a técnica.

Neste ano o processamento dos grãos produzidos por outros tem sido muito bom. Cada época é uma coisa que dá certo. Gosto daqui. Já acostumei. Fiz muitas amizades. A casa é grande, dá pra juntar os filhos e os netos, tenho quatro até agora. Minhas receitas foram a polenta, uma tradição da comida italiana, e o doce de caju uma fruta brasileira, que tem muito no Cerrado.

POLENTA

Ingredientes:

- 2 litros de água
- 400 g de fubá mimoso
- 2 colheres (sopa) de manteiga ou margarina
- 1 colher (sopa) de sal

Modo de fazer:

Numa panela colocar a água para ferver e acrescentar sal a gosto e a manteiga. Assim que iniciar a fervura, acrescentar o fubá aos poucos e mexer com uma colher de pau sem parar, para não empelotar; mexer bem até que apareça o fundo da panela. Para um perfeito cozimento, o ideal é que a polenta cozinhe por 30 minutos em fogo baixo. Despejar a polenta em um pirex, salpicar queijo do tipo parmesão e acrescentar um molho de sua preferência.



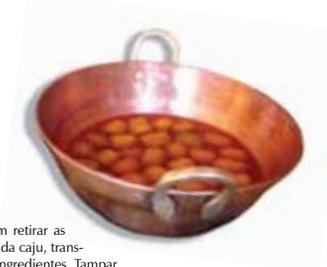
COMPOTA DE CAJU

Ingredientes:

- 32 cajus médios, inteiros e com as castanhas (“careda do caju”)
- 2 xícaras (chá) de açúcar
- 2 pedaços pequenos de canela em pau
- 5 cravos-da-índia

Modo de fazer:

Lavar os cajus e colocá-los em uma tigela de louça ou de vidro, sem retirar as castanhas. Com um palito ou um espeto fino, fazer cerca de 15 furos em cada caju, transferindo-os para uma panela ou tacho de cobre. Acrescentar o restante dos ingredientes. Tampar a panela ou o tacho e levar ao fogo bem baixo, para o cozimento. Deixar cozinhar, tendo o cuidado ao mexer para não danificar os cajus. Após o cozimento, retirar do fogo deixar esfriar e colocá-los em compoteira ou vidros esterilizados. Obs.: As castanhas além do efeito visual, bonito nos vidros, são comestíveis.



JUNCO KICUTI Núcleo Rural Santos Dumont, Planaltina



“Eu vim de Belo Horizonte, com o esposo em 1974. Sou produtora de berinjela, inhame, mandioca e proprietária de duas chácaras. Além da lida na roça eu também aprendi, nos cursos da Emater-DF o artesanato como forma de complementação da renda familiar. Sempre faço Yakisoba e outros pratos da comida japonesa, para manter e ensinar aos filhos e netos a nossa comida tradicional. Como são muitos os amigos, os pratos já se tornaram conhecidos nos eventos do Núcleo”.

Junco Kicuti
Produtora Rural
Núcleo Rural Santos Dumont,
Planaltina, DF

Em 1960 vim do Japão, morei cinco anos em Salvador, na Bahia, e depois fui morar em Belo Horizonte. Salvador era muito quente, e em Belo Horizonte era mais gostoso, me casei lá. Um amigo indicou para fazermos inscrição e conseguimos o lote aqui em Brasília, depois de gastar muito dinheiro.

Produzimos berinjela, inhame, limão o ano inteiro. Trabalho a 19 anos na Ceasa. Todo mundo conhece as baixinha japonesa. Acordo 1 hora da manhã e vou com meu filho na segunda e na quinta feira. Meu marido fica tomando conta da casa. Sou agricultora, faço comida, costuro, faço bolsas, tapetes. O dinheiro dá para viver, para comer e ajudar os netos e a filha.

O trator compramos suado, à prestação. Uma vez, há seis anos entrou um ladrão aqui e levou tudo, inclusive dinheiro. Ainda bem que levou o que se pode comprar, porque a vida não se compra. Tivemos que cercar, e as 17h30min trancamos tudo. Temos que evitar novas visitas.

Tive três filhos e uma filha. A menina ensina português no Japão e dois filhos trabalham em fábricas lá. Um filho é agricultor e trabalha aqui como sócio. Minha nora é brasileira e tenho três netinhos. Eles trabalham juntos, casaram para ser felizes e combinam com a família. Faço as vontades da minha nora com as comidas japonesas e ela faz carne cozida para mim. Nós japoneses gostamos de peixe e verduras, comida mais leve, carne só de vez em quando.

A Emater-DF nos ajuda com ensinamentos, com explicações, com a vacina, e a gente também participa nas exposições. Gosto do meu pedaço e quero ficar aqui. A terra é da família, os filhos foram porque foi moda ir pro Japão, quiseram ir. No ano passado, meu cunhado faleceu e fomos ao Japão e vimos nossos filhos. O Japão é bom, mas o Brasil é melhor. Meu sonho é a terra e gosto de cozinhar. Todo mundo fala que a comida de D. Junco é gostosa.

Junto com os vizinhos fazemos reuniões e festa de aniversário. Participo também do templo Budista e ajudo na quermesse. Participamos da Associação de Produtores Rurais de Santos Dumont, mas é sempre o meu marido que vai as reuniões.

Chegamos aqui a quase 33 e sempre plantamos verduras e frutas, principalmente ponkan. Gosto de cozinhar, de costurar, de plantar e de passear também. A minha receita, o Yakisoba, comida tradicional japonesa, foi escolhida porque todo mundo gosta.

YAKISOBA SIMPLES

Ingredientes:

- 500 g de espaguete nº 8
- 5 folhas de acelga
- 1 cenoura média
- 1 cebola grande
- 5 vagens
- 1 cabeça pequena de couve-flor
- 200 g de carne de boi em tiras
- 200 g de peito de frango em cubos.
- 1 colher (sopa) de óleo
- 1/2 pimentão verde
- 1/2 pimentão vermelho ou amarelo

750 ml de água

- 1 ovo
- 2 xícaras de shoyo tradicional (molho de soja)
- 1 colher (sopa) de açúcar
- 4 colheres (sopa) de amido de milho
- sal a gosto ou glutamato monossódico (ajinomoto)

Modo de fazer:

Cozinhe o macarrão em água fervente de 8 a 10 minutos. Escorra, lave, deixe esfriar, reserve. Ao servir deve ser gratinado.

Corte a acelga, cenoura, cebola, vagem, pimentão em tiras de 0,5 cm de largura e 5 cm de comprimento. Separe a couve-flor em galhinhos. Afervente todas as hortaliças e reserve.

Numa panela ou chapa de ferro coloque uma colher (sopa) de óleo, grelhe levemente a carne bovina e o frango. Misture com as hortaliças.

Prepare o molho numa panela juntando 750 ml de água, o shoyo, o açúcar, o ovo e o sal ou glutamato e deixe ferver, adicionando aos poucos o amido de milho dissolvido em um pouco de água, mexendo com uma colher até o molho engrossar.

Sirva quente e yakissoba em um prato, juntando pela ordem, o macarrão "gratinado", as verduras aferventadas, acrescentando o molho por cima.



JACILENE CIRILO ALVES Núcleo Rural Pipiripau, Planaltina



"Sou moradora do Núcleo Rural do Pipiripau há 13 anos, e trabalhamos com frango de corte. Um dia de festa aqui resolvi fazer uma paella para homenagear a família do esposo que é espanhol. Comecei fazendo o prato para os amigos, e hoje já é o favorito de muitas pessoas. Com muita alegria optamos por viver em uma propriedade rural e tenho à equipe da Emater-DF como de minha família. Sou alegre, comunicativa e gosto de receber amigos. A Emater-DF é fundamental pra gente, é um braço direito.

Aprendi muitas coisas, fiz muitos cursos, ganhei dinheiro com lingüiça, muita coisa que não sabia aprendi com a Emater-DF, assistência aqui no campo é 100%".

Jacilene Cirilo Alves
Produtora Rural
Núcleo Rural Pipiripau

A Emater-DF, aqui nesta região, tem uma atuação bastante significativa, temos uma assistência boa, sempre que nós precisamos ela está aí pra nos ajudar por meio dos extensionistas. Já fiz vários cursos, todos muito proveitosos. Já ganhei dinheiro com os cursos que aprendi na Emater-DF e, sempre que precisamos, ligamos pedindo pra eles darem uma passadinha e eles nos ajudam. Tentam resolver os problemas e quando não conseguem, procuram os meios para resolver.

Pra gente aqui, a Emater-DF é muito importante. Alguns anos atrás a gente ouviu falar que o governo queria acabar com a Emater-DF e a gente até pensou em começar um movimento, o que está funcionando não tem que acabar. Pode até melhorar, como já melhorou bastante. Eu acho que o produtor hoje não pode viver sem a Emater-DF. É uma assistência muito boa a que eles dão e só temos coisas boas a dizer.

Estou aqui desde 1995. Conheço todas as pessoas daqui. Casei com um espanhol e aprendi a fazer as comidas tradicionais da Espanha: a tortilha, a paella, o cozido de grão de bico, todos eles eu aprendi. A paella tem segredos, tem que ter o açafrão espanhol, tem que ter um bom azeite. Pessoas com um paladar bem refinado já experimentaram a minha, e gostaram.

O meu marido é pioneiro, já tem mais de 20 anos que ele está aqui. O pai dele, na época, conseguiu este terreno que ninguém queria, fez um galpão para os frangos quando apenas a Empresa Só Frango comprava, e como não era um sistema de integração, desandou, não deu certo.

Meu marido, solteiro, ainda ficou aqui com muita dificuldade, no início. Não tinha água, nem luz, nem nada. Foi lutando, lutando e hoje já pode dizer que melhorou 100%. Hoje a integração com a Sadia tornou tudo mais fácil e vai caminhando. A nossa atividade principal é a avicultura, frango para corte. Já fomos produtores de tomate, já saímos no Correio Brasileiro em artigos de estudos da UnB, mas a gente tem que diversificar. Hoje, temos também um confinamento de bois. Paramos de produzir verduras porque a terra é pequena. Seria ótimo poder fazer tudo, mas não dá. Seria bom, por que se um não desse o outro dava, mas o espaço não dá pra conciliar todas as atividades. Fizemos a opção de não ter filhos. Temos três famílias que moram aqui para nos ajudar, são registrados, tudo direitinho por que precisamos da mão-de-obra. O meu marido também trabalha na agricultura, vai junto com os empregados. Eu fico na administração, na parte burocrática, vou ao contador, aos Bancos. Deixei de trabalhar fora, estou trabalhando aqui, no que é meu.

Não sou só dona de casa, eu estudei e gosto de trabalhar. Terminei o segundo grau e não cheguei a fazer universidade. Trabalhei nas Páginas Amarelas, no Senac, e em outros lugares. Era sempre auxiliar administrativa. Fui recepcionista, fui secretária, e isso me deu conhecimento para fazer, hoje, o que faço. A administração é responsabilidade minha. A gente, aqui, vive uma vida tranquila, quando podemos passeamos. Gostamos de ir pra praia e agora estamos querendo ir pra Espanha. Desde que ele chegou aqui ainda não voltou, já fazem 30 anos. As irmãs sempre vão, a mãe dele sempre ia, mas faleceu o ano passado. Foi uma história complicada e bonita, já no fim. Ela ficou viúva muito tempo e sempre indo pra Espanha e numa dessas idas encontrou um namorado da adolescência e resolveram casar. Ele veio, casaram no Brasil e voltaram para morar lá. Isso aconteceu em agosto, em dezembro ela faleceu. Viveram pouco tempo juntos, mas foi o auge da felicidade dela. Ela nunca foi feliz com o pai do meu marido. Foram muitas emoções. Voltar a viver na Espanha, depois de 30 anos, era a coisa que ela mais queria. No dia que morreu ligou para todos os filhos, mas ninguém imaginava, nem ela. Foi uma morte súbita.

Foi muita emoção, o casamento, voltar pra terra dela de onde ela nunca quis ter saído. Saiu porque o marido, muito aventureiro, veio para a América. Ela teve que vir junto. Na época, não podia ficar um separado do outro. Ela veio e trabalhou muito, eram donos do Restaurante Salamanca, sempre saía nos jornais fazendo paella. Era professora na cultura hispânica. Lutou muito, criou os filhos muito bem criados.

A gente tem o destino traçado, não se vem aqui por acaso. Uma goiana, do norte de Goiás, encontra um espanhol na BR 020, conhecido de um primo, por aí foi. Há 18 anos nos conhecemos, há 12 estamos juntos.

No Centro de Treinamento da Emater-DF, tem cursos onde as professoras perguntam se alguém tem uma receita nova pra gente fazer e passar a experiência pra outras pessoas, eu acho importante essa troca. Fiz o curso de derivados do leite e aprendi o requeijão da Dona Diva, de Tabatinga, e coisas bastante interessantes. São iniciativas da Emater-DF. Tudo que há de bom, a Emater-DF procura passar para as mulheres do campo, promovendo cursos e levando para exposições. Sempre tem novidades, tem o clube de mães que tenta resolver muitas coisas e participa das feiras agrícolas. Eu acho que a Emater-DF faz um trabalho bem feito. As pessoas se mobilizam na Escola para a dengue e aqui não houve nenhum caso. Na febre aftosa, a Emater-DF fez uma campanha mobilizando todo mundo. Eu gosto do trabalho da deles e estou satisfeita.

O lugar aqui é tranquilo e rentável e o produtor faz milagre para se sustentar na terra, segundo depoimento do marido. "Conheci muitos aqui que não tiveram condições de ficar. Tiveram que vender a chácara. A vida no campo não é brincadeira. O produtor precisa ser assistido e tem que haver conhecimento e acesso aos financiamentos. A Emater-DF tem ajudado muito nesta parte do acesso aos Bancos. Tem pessoas que chegam ao Banco e não sabem o que fazer. Neste caso, a Emater-DF ajuda muito. Para que o trabalho da agricultura dê certo, é preciso ter preço e saber pra quem vender. Se não houver o apoio da Emater-DF fica complicado. Os que chegam começam animados, no primeiro ano, e quando vêm que não dá, desanimam".

O contrato com a SADIA está sendo estudado pela Associação dos Avicultores do Distrito Federal, uma vez que a oferta deles não cobre as despesas. Se não houver quem defenda o produtor, eles massacram. Querem financiar galpão e quando o produtor, não consegue pagar, eles tomam a chácara. Dizem que no Sul foi muito difícil, mas aqui no DF, os galpões são financiados pelo BRB ou Banco do Brasil. O acordo está num impasse, mas pode ser resolvido. A Associação está ajudando. Hoje nada se resolve sozinho. O Distrito Federal é o maior criador de frango do país. Os empresários vão ganhar mais, o governo não vai cobrar o IOF das exportações. O Produtor trabalha para sobreviver, mas está mudando. Hoje já não é apenas uma fazendinha, existem os técnicos que ajudam a trabalhar como empresa. Antigamente as pessoas do campo tinham vergonha de conversar. Agora já não é assim.

Há ainda os juroos que são muito altos. Os juroos do Pronaf são baixos, mas a gente não se enquadra mais. Pra chegar até esse dinheiro é muito difícil. São tantas as exigências que fica quase impossível. O pequeno produtor tem dificuldades no atendimento, nem olham na cara do cidadão, nem recebem. Para o pequeno pegar esse Pronaf é um horror, ninguém tem acesso e o dinheiro volta. A burocracia é muito grande. O pequeno paga, o médio paga, o grande é que não paga nada, mas continua com fácil acesso aos financiamentos. Gosto de morar aqui. Tenho contato com o campo desde que nasci. Morar no campo com conforto, numa casa boa é muito bom. Precisamos de uma casa melhor e um pouco mais de conforto. Não perco a esperança. Existem três forças



que nos ajudam: A Emater-DF, a Associação dos Avicultores do DF e a Associação de Pipiripau. Existem também os Conselhos que fazem reivindicações e tem representantes de todos os Núcleos.

PAELLA

Ingredientes:

- 1.300 kg de camarão com casca e sem cabeça
- 4 peitos de frango cortados em cubos
- 2 kg de lula cortadas em anéis
- 300 g de mexilhões
- 1 kg de arroz parboilizado
- 2 tabletes de caldo de galinha dissolvidos em 1 l de água
- 300 g de ervilhas congeladas
- 1 pimentão vermelho cortado em tiras
- 1 pimentão verde cortado em tiras
- 4 dentes de alho picadinhos
- 1 colher (sopa) de açafrão Espanhol
- 3 colheres (sopa) de pomarola
- 1 xícara de azeite

Modo de fazer:

Para preparar a paella, é necessário a panela apropriada (paellera). Coloque uma xícara de azeite na paellera, refogue o frango deixando dourar um pouco. Em seguida coloca-se a lula cortada em anéis, mexendo bem até que doure. Coloque o camarão, o alho e deixe fritar bem até que mude de cor. Coloque o arroz, o caldo de galinha preparado, o açafrão, a ervilha, os mexilhões, a pomarola, os pimentões decorando o prato e sal a gosto. Deixe cozinhar até que seque o caldo. Sirva quente.

Cheguei aqui em 1970 e aqui nasceram todos os filhos. Quando cheguei em Brasília meu marido foi trabalhar numa firma, mas não gostou e foi então morar numa chácara, da Dona Luísa, mulher conhecida aqui. Trabalho na Escola, mas estou afastada há mais de ano por problemas de saúde. Meu marido e meus filhos mexem com hortaliça, pimentão, tomate, couve flor. Os filhos são três casados e dois solteiros. A mais nova tem 13 anos e só estuda. O mais novo dos homens esta terminando a faculdade este ano. Os outros já estão todos formados. Mas mesmo assim meu filho que é formado em Matemática acha que é mais vantagem trabalhar aqui na roça, na estufa com pimentão. As meninas trabalham como professoras, uma em Formosa e outra no Núcleo Rural da Taquara e mora numa casa que temos lá. Aqui tem meu marido e dois filhos que trabalham na terra plantando. Plantam também milho, mas só para o gasto. Vendem a produção na Cooperativa de Taquara que vem buscar aqui. A chácara é arrendada. O dono é um pai pra nós. A gente paga uma mixaria e planta tudo. O dono é paulista e mora em Brasília.

Vivo aqui há muitos anos e não tenho vontade de sair. As meninas falam que eu devia ir pra cidade, mas pra que se estou tão sossegada? Nem na Taquara que é um povoado assim maior não gosto. O dinheiro que ganhamos aqui dá pra viver. Quando quero fazer um passeio a gente faz; Tem um carrinho aí. Os meus passeios são pro Ceará. Este ano passei o mês de janeiro lá. Trouxe uma sobrinha pra passear. A Emater-DF nos dá toda assistência. Eles vêm sempre e vêm o que está precisando e ajudam. Acho que as pessoas lá são muito competentes, tanto o Magela quanto a Vera, a Bia são gente boa demais e trabalham bem. Têm muitos cursos, eu não participo de todos por que tem a Escola, mas andei fazendo uns cursos no Colégio Agrícola. Muita gente por aqui aprende muita coisa por que eles criam muitas oportunidades de coisa boa para aprender. Meus filhos amam o trabalho aqui. As meninas reclamam dizendo que não entendem como pagam caro uma faculdade pra ficar na roça. O mais novo faz Ciência da Computação, termina este ano, mas é amarrado na roça. Desde pequeno trabalha na roça e são apaixonados. Os dois filhos homens. Eu não entendo muito de roça, mas eles entendem. Na época em que eu era criança lá no Nordeste, não tinha oportunidade de estudar. Eu mesma aprendi pouco. Mas graças a Deus estou dando pros meus filhos. O que ele ganha aqui na roça paga a faculdade. Ele paga logo 6 meses porque na roça é assim, às vezes ganha, às vezes tem prejuízo. Tenho prática de cozinha porque fui merendeira e a comida grosseira eu faço. Penso em ter uma chácara, mas nunca deu pra comprar. Esta casa aqui é do dono da chácara. Para o menino que casou, nós fizemos uma casa pra ele lá em cima. Pra ele não sair daqui tivemos que construir a casa pra ele. A gente sabe que aqui tudo é do dono da chácara, mas os encanamentos são da gente. Só a terra é dele.

A casa, se um dia sair daqui, a gente deixa a casa pra ele que é tão bom. Se a gente aperta ele está aí pra ajudar. Se precisarmos de dinheiro ele empresta, quando a gente vai pagar ele diz que não emprestou. Pessoas como ele no mundo de hoje são poucas. Ele gosta de ajudar. Não fica falando e é qualquer quantia. Ele pagou meus exames médicos quando precisei e nunca cobrou nada. Meu menino se apertou pra pagar a Faculdade e pensava em trancar ou deixar e ele foi lá com ele e acertou. Era R\$ 2.600 de atraso. É assim. Da chácara ele leva uma verdura, tem uma horta e um caseiro. Ele gosta disso aqui. Ele sempre vem, mas a mulher

MARIA PASTORA DE LIMA Núcleo Rural Pipiripau, Planaltina



“Eu planto pimentão, tomate e couve-flor. Estou muito feliz com a valorização dos produtos – é colher e colher couve-flor, que está custando trinta reais a dúzia, sai uma colheita e entra outra – A buchada de cabrito que eu faço é muito valorizada por todos aqui, tem muito nordestino, sempre que tem festa é o prato que eu apresento.

Trabalhando na roça, criei meus filhos que hoje já formaram, mas continuo com o trabalho na terra!”

Maria Pastora de Lima
Produtora Rural
Núcleo Rural Pipiripau, Planaltina

dele não gosta. Quando eu me aposentar penso ir passear no Nordeste, mas definitivo já não quero ficar por que a gente se acostuma no lugar, e eu me acostumei aqui.

No Ceará tem uns tempos que as águas vão secando é tudo controlado e a gente se acostuma com uma fartura de água, água boa. Aqui a água desce da mina, limpinha. Aqui já teve muito problema, não tinha ônibus, não tinha energia, mas hoje tem tudo. Tem a Emater-DF, tem o mercado, tem a Escola que é maravilhosa. Tem essa casa que não me falta nada. Tem luz, telefone, computador, internet. A Associação dos produtores pertence a família toda. A Associação faz festas, eventos e, quando tem, a gente participa.

Aqui pra mim, está ótimo. A Emater-DF quando a gente procura sempre ajuda. Passeio muito na casa dos parentes e aproveite esse tempo que estou de licença. Meu marido me libera. Tenho aqui meus parentes, graças a Deus. Não tenho vontade nenhuma de morar em outro lugar.

BUCHADA DE CABRITO

Ingredientes:

½ kg de carne de cabrito moída ou picadinho
1 kg de tripa de cabrito lavada com água morna e suco de limão
1 bucho de cabrito bem limpo
4 dentes de alho amassado
1 cabeça de cebola picadinha
1 pimentão picadinho
1 colher (sopa) de sal
1 colher (sopa) de corante (coloral)
1 colher (sobremesa) de pimenta do reino
cheiro verde a vontade
1½ l de água
4 pés de cabrito bem limpos para o caldo da buchada

Modo de fazer:

Lava-se o bucho, as tripas e os pés do cabrito com água morna e limão. Corte as tripas em pedaços bem pequenos. Junte a carne moída com as tripas picadinhas e tempere com alho, cebola, sal e pimenta do reino e coloque dentro do bucho já limpo e costure com linha forte. Numa panela cozinhe os pés do cabrito com 1½ l de água e o restante do tempero. Quando obtiver o caldo grosso, coloque o bucho recheado e cozinhe por uns 40 minutos. Sirva quente com arroz branco.



Eu cheguei em 1998. Vim para ficar quando meu marido perdeu o emprego em 2000 e aí nos assentamos definitivamente aqui no Núcleo Sítio Novo. A gente morava em Santa Maria, e eu trabalhava na cidade como cobradora de ônibus. O transporte coletivo aqui era caro e difícil. Para ir de carro não compensava, não tinha dinheiro para o combustível. Então ficamos sós por aqui. Conheci o pessoal da Emater-DF e eles começaram a nos dar assistência. Dava um curso e a gente ia fazendo uma coisa e outra e vendendo. Hoje, eu faço licor. Recentemente, terminei um curso de bordado, ponto brasileiro e queremos montar um grupo para ver se funciona, mas eu não pretendo trabalhar no grupo, pretendo continuar trabalhando sozinha, porque não tenho tempo disponível para ficar fora de casa. Tenho duas meninas e não tenho com quem deixar. Isto é obstáculo de dona de casa, meu marido fica sempre fora. Trabalho em casa e vou me virando, faço licor, lingüiça e queijo, derivado do leite que aprendi com a Emater-DF. A gente faz queijo e vende, e vai levando e o dinheiro vai dando, mas não tem lucro. Viver só disso não dá. Da pra comer, mas tem os remédios, tem as crianças e sempre vai ter necessidade de complementar. Meu marido compra e vende. Como dizem os mineiros, vive na gambira. Compra gado e porco e vende. A gente cria galinhas. Hoje mesmo tem uma encomenda de quatro galinhas que tenho de arrumar para o rapaz que vem buscar mais tarde. É assim, limpo as galinhas e eles levam. São galinhas caipiras. Bicho come muito e tem muita perda. Aqui só tem pasto e cana para o gado. O negócio do meu marido é o gado. Vendo leite também. Quando tem muito leite vem um rapaz da cidade e leva. Como agora tem pouco e a procura do queijo é grande a gente faz queijo e dá o soro para os porcos.

Antes plantávamos muito feijão e milho, mas foi o feijão mais caro que eu já comi em toda minha vida, porque as terras do Distrito Federal não são boas para agricultura. Se não tiver adubo, defensivos a plantação não vai. Quando vem a colheita, para gente que é pequeno produtor, não compensa por que é tudo manual e a mão-de-obra é muito cara. Num chácara dessa, de 6 ha, para plantar milho e feijão, não compensa, não tem as máquinas para trabalhar. Isso é para o grande agricultor. Por isso eu decidi mudar, eu tenho 1 ha de pomar com manga e caju, 3 ha de cana e o resto é pasto.

O licor, eu faço com as frutas do pomar, aprendi com o pessoal da Emater-DF. Na época a Selma deu as dicas e depois das frutas maceradas ensinou como terminar. Experimentaram, gostaram e me disseram para fazer mais para a exposição na Granja do Torto. Fiz e coloquei em garrafas pequenas, bem artesanal, e teve uma boa saída. No Natal de 2007, a Selma pediu para fazer 250 garrafas para colocar na cesta do pessoal da Emater-DF. O prazo era pouco e eu ralei pra dar conta. Algumas frutas demoram mais na maceração que outras, então busquei as que demoravam menos, figo, abacaxi, caju e juntei com pequi e jenipapo que já estavam macerados. Aumentaram a encomenda para 272 garrafas e eu dormia a meia noite para dar conta. Estão previstas outras exposições e estou me preparando. Quero resgatar as frutas do Cerrado como araticum, murici, cagaita, mangaba e pequi que tem muito no Cerrado e tenho no fundo da chácara. Para quem gosta das frutas, os licores ficam bons. Eu por exemplo, não gosto de mangaba e não gosto de preparar doces e biscoitos porque é demorado. Gosto de fazer coisas de resultado rápido. Tenho curiosidade de aprender, de ter noção como fazer, como o bordado, mas não sou de mexer com essas coisinhas. Fiz lingüiça e quem comeu gostou. Como meu marido vende os porcos não tenho como atender as encomendas. Faço kits para feijoada com os ossinhos, orelhas.

MARIA DO CARMO FERREIRA
Assentamento Sítio Novo, Planaltina



O curso de defumados e embutidos fiz com a Emater-DF. Era uma parceria com o Senar. A gente vai fazendo e vai aprendendo com as críticas. A Sonia Cristina me deu assistência, mas é muito difícil a comercialização e nem sempre estou disponível para ir vender lá fora.

O ruim da área rural é que você não vive o que tem lá fora, a gente vai ficando mais light. Minha irmã falou uma vez – “onde você veio parar!” A vida também ficou limitada por conta da minha filha que nasceu prematura e teve problemas de saúde, precisando de tratamento e acompanhamento em hospitais para fazer fisioterapia, estimulação, e eu fiquei por conta dela. Hoje, graças a Deus, ela está bem.

Aqui tem sossego, tranquilidade, minhas filhas podem ir brincar no vizinho. Hoje posso me dedicar mais as atividades. Temos a Associação, mas até hoje não conseguimos desenvolvê-la. É muito difícil, as reuniões não acontecem. As mulheres dizem que vão organizar o grupo de bordados, mas este filme eu já vi. Organizam uns dias e depois param. No curso de material de limpeza foi assim, não conseguimos nos organizar, os projetos ficam pelo meio. Cada um tem o seu espaço, faz a sua parte. Dizem que o Sebrae vai ajudar dez comunidades. A nossa está entre elas. A reunião será no próximo mês e estamos precisando de um empurrão. Acho que a necessidade ainda não bateu na nossa porta, a gente se acomodou. Já cheguei a entregar 30 queijos no Setor Comercial Sul. É muito difícil levar estes queijos nas costas, pegar ônibus, levar com cuidado para não amassar. Na volta fico dependendo de carona. Transporte é uma dificuldade, mas quando tem encomenda não reclamo, fico feliz, levo com o maior prazer. Ter comercialização e transporte seria “mamão com açúcar”. Minha receita é cuxá com quiabo, lá do Maranhão, minha região, de onde sai em 1984. Para acompanhar fiz o baião de dois com azeite de coco, que lá no Maranhão chamamos arroz misturado, e fiz também uma galinha caipira. Gosto daqui, mas no fundo tenho o sonho de ir para a cidade. Tenho vontade de voltar a trabalhar com carteira assinada e todos os direitos. Eu pago o INSS porque se não pagar não me aposento.

CUXÁ

Ingredientes:

- 1 maço médio de folhas de vinagreira (azedinha)
- 250 g de quiabo picado
- 2 dentes de alho amassado
- 1 cebola média picadinha
- 1 colher (chá) de sal
- 2 colher (sopa) de óleo

Modo de Fazer:

Cozinhe a folha de vinagreira até ficar macia, escorra e lave-as bem, corte bem picadinho batendo na tábua de carne. Refogue o quiabo no óleo quente com todos os temperos. Depois de cozido, acrescente a vinagreira batidinha e deixe apurar. Sirva como acompanhamento, sugestão: arroz com frango.

Fui nascida e criada aqui na região e aqui a gente trabalha na roça plantando. A Emater-DF ajuda dando assistência técnica. Nós temos o colégio, mas precisamos de mais melhorias na comunidade, precisamos de uma estrada melhor, pois os médicos falam que não podem vir porque aqui é longe e a estrada é ruim. Também precisamos de melhorias no posto de saúde, bom seria ter um dentista.

Aqui plantamos hortaliças, milho, mandioca criou galinha e porco e, de vez em quando, tem uma vaca. Tudo pra uso doméstico, menos as hortaliças que a gente vende na Ceasa ou aqui mesmo, com isso nós pagamos a dívida do banco. A linha de crédito que pegamos foi o Pronaf para plantar maracujá. A gente escolheu o que plantar e a Emater-DF ajudou nos ensinando. Mas nem sempre a gente tem uma boa safra, na época do frio, não produz. Da nossa produção, algumas coisas a gente vende aqui mesmo como ovo, galinha e também maracujá. O pessoal da Emater-DF sempre orienta no plantio, como fazer, as distâncias recomendadas, e ajuda a identificar se está faltando alguma coisa como adubo ou veneno. Quando a gente precisa vai à Emater-DF ou telefona marcando um dia, e eles vêm.

Outra coisa muito boa são os cursos que eles dão, eu mesma já participei, mas hoje não tenho mais tempo de participar. Tem cursos de pintura, tricô, bordado, culinária, eles também orientam na higiene da casa, da comida. Eu sou pensionista, tenho quatro filhos, minhas meninas trabalham fora, só fica aqui comigo o caçula. Uma filha trabalha no posto de saúde e a outra no posto de gasolina, tem outro filho que trabalha de frentista também. Só a que trabalha aqui no postinho e o caçula moram comigo, os outros moram fora. Eu não tenho muito contato com as pessoas da comunidade, porque passo grande parte do tempo trabalhando, como doméstica e aqui na roça também, mas a gente tem uns amigos e de vez em quando encontra com eles nas estradas e nas festas que a igreja que faz. De vez em quando tem, também, umas reuniões da nossa Associação que a gente quase sempre participa. Os nossos problemas a gente leva pra Emater-DF, que leva pro grupo de apoio e eles levam pra administração do Paranoá. A nossa Associação foi fundada quando meu marido ainda era vivo, ele que fundou esse grupo, depois veio a falecer, aí ficou com meu primo, depois mudou, mas agora está com ele de novo. Na associação o pessoal não participa muito e vai devagar, já participamos mais, ganhamos muita coisa do governo, ganhamos trator, caminhão, implemento. Ainda tem cesta, renda minha. Na reunião da associação todos podem participar, mas é pouca gente que vem, umas 27 pessoas.

Fiz financiamento no banco e agora tenho luz, mas ainda não tenho dentro da casa e gostaria de ter, tem muita coisa pra melhorar, mas devagar a gente vai andando. Na época que meu marido morreu, o João Clemer, que faz tempo que mora aqui me falou: “Vamos fazer um financiamento?”, eu falei: Vamos! Eu não tinha luz e precisava. Aí fiz pra luz, ele disse que tinha que colocar banheiro, aí eu comprei as coisas do banheiro e comprou a bomba, a irrigação e a “água nossa” vinha lá do trevo, pra lá da cabeceira. Ela vinha pelo chão, e a gente bebia dessa água com risco de beber os venenos que vinham na água de outras chácaras. Tinha também o problema dos terrenos que embriam a água e a gente ficava no seco. Aí o João falou: “Não, vocês precisam ampliar, ter dinheiro, vocês vão fazer empréstimo pra poder comprar manilha pra “manilhar” o canal”. Éramos 18 pessoas, mas alguns foram saindo, ficaram somente 12 pessoas e era 42 mil pra gente pagar. Isso aconteceu em 1997, mas já faz três anos que nós terminamos de pagar. Esses 12 junto com a Associação que também conseguiu recurso.

Fizemos o serviço e agora já pagamos também o da Associação. Depois outras pessoas entraram e a água é para todo mundo, não tem dono, mas quem entra tem que pagar por ela. Agora é água corrente, não falta água e vem desde lá da mina. No tempo da instalação, eu cozinhei 27 dias para os trabalhadores. A fundação ajudou mandando os mantimentos do trabalho e nós fizemos o trabalho, agora não falta água. Essa água

Celina Pereira de Sousa
Produtora Rural
Núcleo Rural do Jardim, Paranoá



“Sou nascida e criada nesta região, que no passado pertencia à Formosa, GO. Já vivo neste Núcleo há mais ou menos 30 anos. Sou muito alegre, tenho uma excelente saúde. Trabalho com a terra e com criação desde a infância. Aqui eu planto: milho, arroz, mandioca e, atualmente, mais verduras (repolho, abobrinha, maracujá e outros). Uma das minhas alegrias é cozinhar e faço o biscoito quebrador com muito orgulho para as Festas do Divino e da Folia de Reis”.

CELINA PEREIRA (DONA FIÍNHA)
Núcleo Rural do Jardim

é pra irrigar, pra beber é água do poço. Agora a Caesb colocou água pra todo mundo, inclusive o pessoal do acampamento tem água da Caesb. Todo mundo paga água igual. Estamos construindo uma nova casa, esta casa que estamos foi o meu marido que fez pra gente vir pra cá. Quando chegamos não tinha nada, tinha só capim bruto, meu marido fez um poço, no princípio deu água boa, mas depois foi embarrando e tivemos que mudar de lugar, esse poço ainda existe, mas não usamos mais. Aqui é muito tranquilo, sossegado, um lugar bom pra viver e trabalhar no que é da gente. Eu espero que melhore.

BISCOITO QUEBRADOR

Ingredientes:

- 1 kg de polvilho doce
- 1/2 kg de açúcar refinado
- 5 a 6 ovos
- Pitada de sal
- 1/2 colher sopa de fermento químico em pó
- 200 g de manteiga
- 1 pacotinho de coco ralado (opcional)

Modo de Fazer:

Misturar todos os ingredientes, sovar bem, fazer as rosquinhas. Colocá-las em tabuleiro untado e levar ao forno pré-aquecido.

Meu nome é Orozina, mas aqui na comunidade sou conhecida como Dona Fia. Tenho 73 anos de experiência. Vim de Luziânia onde nasci e cresci numa fazenda chamada Indaiá, que fica perto de Cristalina, beirando o Rio Bartolomeu, que a fazenda faz divisa.

A fazenda era do meu pai e hoje é dos meus irmãos, porque vendemos a nossa parte para eles, quando papai morreu. Quando vendemos, eu já era casada e o meu marido resolveu vir pra cá, em 1961, na época da renúncia do Jânio Quadros. Ele conheceu umas pessoas daqui, lá em Taguatinga, e conversando descobriu esse lugarzinho pra comprar. É um lugar perto e nós já tínhamos quatro filhos e aqui nasceram mais três. Quando cheguei aqui era só mato e tinha um ranchinho de palha que eu morei nele 10 anos. A gente ia de carroça numa estrada ruim, não tinha carro, não tinha ônibus. Morei aqui 30 anos sem luz, só depois é que veio energia. Os meus filhos perderam aula, quando viemos para cá, tanto que eu não queria vir. Vim pra acompanhar meu marido, mas não queria que os meninos deixassem de estudar. O mais velho perdeu três anos, mas arrumei uma pessoa pra ele ficar e estudar lá em Taguatinga. Os filhos, todos moram por perto, o mais velho mora em Rondônia, mas sempre vem visitar a gente. Os outros moram em Taguatinga, no Guará, mas fim de semana eles sempre estão aqui. Aqui mora um rapaz que me ajuda, pois meu marido já faleceu há algum tempo. A terra são 95 hectares, tem muita água, e a água daqui vem natural e farta. Quando vim, achei que era uma loucura, mas hoje acho que ficou melhor do que eu imaginava. O meu sonho era uma casa com telha colonial e aí meus filhos completaram com essa madeira boa.

Eu trabalhava na roça, trabalhava na casa, ajudava a “panhar” quiabo e plantava milho. Arroz a gente plantou pouco, o milho e o feijão sempre plantei. O milho é para as despesas da casa, ele serve para os animais, pra porco, galinha, pato, galinha d’angola e por último, ovelha que o extensionista da Emater-DF me incentivou a criar. Faz tempo que os técnicos da Emater-DF ajudam e todos eles sempre foram ótimos. O agrônomo, o veterinário, a Sônia, nunca deixaram de vir, me dá força. Quando meu filho mudou pra Rondônia, eu fiquei abalada. Ela sempre vinha, a gente conversava e passava aquela saudade. Trabalhei na feira permanente por muitos anos, indo e vindo todo sábado e domingo, agora como estou mais debilitada, já não vou. Decidi ficar só por aqui, criar minhas ovelhas, minhas galinhas. As pessoas vêm comprar aqui e o meu filho que é professor leva e vende na escola.

Agora estou aposentada pelo Funrural. Aqui tenho frutas de muitas espécies, quando chegamos não tinha nada plantado e a gente foi roçando, plantando e hoje tem só aquela bola de mato, o resto está todo formado. Aqui tenho também gado de leite e a gente vende o leite na cidade. A Emater-DF tem nos ajudado de muitas maneiras, no acesso a Bancos, eles têm dado ajuda importante. O meu filho agora fez um empréstimo pra plantar abobrinha com ajuda e orientação da Emater-DF. Fazem encontros que, de vez em quando, eu vou, tem também as festas e agora a gente vai à excursão. Faço também uma festa pra São João com fogueira, quantão, canjica e uma galinhada. Quando eu cheguei aqui, Brasília estava no começo. Eu conheci o Juscelino pessoalmente, falei com ele, cumprimentei-o. Foi uma bondade o que esse homem fez por Brasil, com esse negócio aqui em Brasília. Quando ouvia falar de Brasília, lá em Luziânia, eu não acreditava muito, ninguém botava fé. Mas esse Juscelino pôs pra quebrar mesmo, muitos acreditaram e vieram pra cá, como eu vim.

OROZINA MARQUES DA COSTA Núcleo Rural da Boa Esperança, Ceilândia



“Sou conhecida por Dona Fia, cheguei no DF em 1961. Tenho 72 anos, mas sou muito animada, gosto de dançar, de passear, de dirigir meu fusquinha branco. Cuido da propriedade quase que sozinha; os filhos vem no final de semana, ajudam um pouco mas a responsabilidade é toda minha. Me orgulho de trabalhar na terra, ter criado e formado quatro filhos. Na cozinha, minha comida é simples e gostosa, arroz com pequi feito no fogão de lenha, o pequi é daqui mesmo. Adoro a equipe da Emater-DF, eu os considero como se fosse de minha própria família e tudo que é problema é só ligar e eles tão aqui”.

Orozina Marques da Costa
Produtora Rural
Núcleo Rural da Boa Esperança,
Ceilândia

ARROZ COM PEQUI

Ingredientes:

- 1/4 de xícara (chá) de óleo ou banha de porco
- 1/2 litro de pequi descascado e lavado
- 2 dentes de alho amassado
- 1 cebola grande picada
- 2 xícaras (chá) de arroz
- 4 xícaras (chá) de água quente
- Sal a gosto
- Pimenta-de-cheiro ou malagueta a gosto
- Salsinha, cebolinha picada a gosto*.

Modo de Fazer:

Colocar o pequi no óleo ou gordura fria. Acrescentar o alho e a cebola e deixe refogar em fogo baixo, mexendo sempre com uma colher de pau para não grudar. Colocar um pouco de água se for necessário. Quando o pequi já estiver macio, acrescentar o arroz e deixar fritar um pouco. Juntar a água e o sal. Quando o arroz estiver quase seco, colocar pimenta-de-cheiro ou malagueta a gosto. Servir quente salpicado com salsinha e cebolinha.



Fazem 35 anos que a gente mora aqui, viemos do sul de Minas, da região de Botelhos, lá perto de Poços de Caldas. A gente veio pra cá, por que tínhamos a expectativa de futuramente colocar os meninos melhor, com mais oportunidades. O meu marido só atitava na área rural e por isso viemos. Já morávamos lá numa granja, mexíamos com leite, com frango também, mexia com porcos, então era mesmo na área rural. Meus pais moravam aqui em Planaltina e vínhamos sempre visitá-los. O meu marido sempre quis sair de Minas. Encontrou uma propriedade que estava a venda e meu pai quando viu falou pro meu marido: “Não, mas aquilo não serve pra você, aquilo é cascalho puro!” Mas meu marido queria fazer um galpão e o meu pai concordou que pra isso servia, aqui era Cerrado puro. Nós moramos aqui um ano e meio sem luz, não tinha essa casa, o acesso era de terra e pra fazer a feira tinha que ir ao Gama. Mas era perto, tinha condução. Aqui criei meus filhos todos, estudaram, formaram, fizeram o 2o grau.

Quando viemos já foi direto para cá. A área é de 18 hectares e a nossa produção é avicultura, o frango de corte. Tínhamos a produção integrada com a Só Frango, mas agora estamos com a Sadia. Trabalhamos com sete galpões com 100 mil frangos. A minha família é meu marido, eu e nossos quatro filhos. Tem os que moram aqui e os que moram distantes. Só minha filha mora comigo, um filho mora no Gama, outro mora em Dourado, no Mato Grosso do Sul. A minha filha trabalha no comércio, só eu e meu marido e os funcionários é que trabalhamos na chácara. Tinha um filho que gostava de trabalhar na roça com a gente, ajudar meu marido, mas ele faleceu aos 21 anos. Já criamos gado de leite, mas como a área é pequena, a gente vai procurando o que dá melhor; hoje temos só três vaquinhas. Temos também um pomar e peço sempre a orientação da Emater-DF para os cuidados. Também tenho horta, mas só para consumo. Aqui no Gama é a Emater-DF que dá assistência, são atenciosos, são ótimos, sempre que têm eventos eles me levam. Eles têm especialistas e sempre que a gente precisa eles ajudam, o veterinário, o agrônomo.

A gente também cria carneiro pra vender e teve uma época que eles tiveram uma doença, o pessoal da Emater-DF pesquisou, fizeram análise e controlaram tudo. Mas agora a gente pegou o manejo e não chama tanto a Emater-DF, mas no início a assistência era direta.

A gente veio lá de Minas e sabe fazer algumas comidas mineiras e o biscoitão foi escolhido. Lá em Minas, quando a gente tem festa, nas quermesses, faz leitão assada, frango assado. Eles fazem aquela bandeja bonita com celofane e o biscoitão vai junto. Minha sogra fazia o biscoitão, minha mãe também, aí eu aprendi. Esse biscoitão é muito diferente, é barato feito com polvilho azedo e farinha de milho. Eu aqui cuido da horta, do pomar e meu marido cuida das coisas dele lá. Eu também faço um queijo por dia, com o leite das vaquinhas, vendo esses queijos para os clientes antigos.

Eu adoro plantar, mãe trouxe mudas de banana lá da fazenda do meu avô. A origem da minha família é de Minas, meu avô mudou-se pra Americana em São Paulo e foi de lá que minha mãe trouxe as mudas. Ela e meu avô gostavam de plantar também como eu. Eu acho ótimo morar aqui, quero criar meus netos aqui e morrer aqui. Embora eu tenha passado por muitos contratemplos, muitos problemas, é aqui que pretendo ficar. O marido às vezes quer vender, quer mudar, mas eu não quero. Até dou razão a ele. Mas na idade que temos, nós não podemos recomençar a vida em lugar nenhum, nós temos que fincar raiz é aqui. Estou com 65 anos, ele tem 70, eu vou começar a vida onde?

LÍGIA SÔNIA PEREIRA
Núcleo Rural de Ponte Alta, Gama



“ vim de Minas, há 35 anos, com o objetivo de criar frango, foram bons tempos.

Atualmente cuido de gado, temos também a granja, conto com o apoio do genro e da filha que moram aqui. Quando a saudade da terrinha bate, aí eu faço “Biscoitão mineiro.”

Lígia Sônia P. Silva
Produtora Rural
Núcleo Rural Ponte Alta, Gama



Vender uma propriedade dessas pra ir pra um apartamento? Eu não vou. Agora que ficou bom, que conseguimos por tudo em ordem, nós vamos embora? E uma propriedade dessas, na verdade, para vender não é fácil. Não é fácil pelo investimento, que ela tem. Ela pode não dar o retorno que a gente gostaria que desse, mas o investimento é alto. Então se tem que vender para perder dinheiro, para quê? E eu sou assim: propriedade, imóvel, só se o senhor tiver na dívida, se vende, né? Eu tenho essa maneira de pensar. Eu valorizo muito isso. E aqui como é de fácil acesso e a gente tem uma amizade muito grande, eu cultivo minhas amizades. A minha casa e a minha mesa são cheias, constantemente. E essa convivência com a Emater-DF, eu acho ótima, porque eu acho o trabalho deles muito bonito, acho que é uma coisa do governo que não deve acabar nunca. Eles dão assistência, as meninas trabalham mesmo! É buscando coisa, é arrumando coisa. Quando é assim a gente recebe com o maior prazer, porque elas merecem. Não conheço todos os lugares, mas já fui também aqui à Samambá em um hotel fazenda, a Carmem me levou, foi ótimo. Porque reúne aquele povo mais carente, dá um almoço, fica perto, elas levam tudo e trabalham mesmo. Eu tiro o chapéu. Mas eu acho que o que falta é dar mais ajuda para as pessoas que tem condição de progredir, poderia fazer um modo deles terem mais recurso.

Não sei como iria funcionar, fazia um rastreamento. Porque tem muita gente capacitada, muita gente que pode contribuir. Em muitas reuniões que eu fui, o pessoal reclama muito, esse pessoal humilde que planta, planta e depois não tem como vender, não tem escoamento da produção. Então podia dar mais incentivo para eles, o pessoal que luta, na maior dificuldade. Eu lutei e luto ainda aqui, com dificuldade, mas tenho o meu conforto, minha condição, se eu quiser levar ali um produto eu levo e vendo. Mas eles não têm e, às vezes, tem gente capacitada, humilde, mas capacitada!

BISCOITÃO MINEIRO

Ingredientes:

- 1 kg de polvilho azedo
- ½ copo (americano) de farinha de milho umedecida no leite (tipo papa)
- 1 colher (sopa) de sal.
- 15 colheres grandes (arroz) de banha ou óleo bem quente
- 2 ovos grandes
- Leite suficiente para amolecer
- Forno pré-aquecido a 180o graus
- ½ copo de leite
- Sal a gosto

Modo de Fazer:

Preparar uma papa com farinha de milho umedecida no leite. Dissolver bem o polvilho para retirar todas as pelotas (o polvilho deve ser em pó). Esquentar a banha ou óleo misturando com sal. Escaldar o polvilho dissolvido com a banha quente misturando bem. Colocar a papa de farinha de milho.

Amassar bem colocando os dois ovos, se precisar amoleça com leite. A massa não pode ser dura mais o suficiente para enrolar os biscoitos. Untar as mãos para enrolar os biscoitos de forma tradicional. Assar em forno bem quente.

Sou de Iporá, Estado de Goiás, e cheguei aqui em 1966. Vim com uma família, eu não tinha mãe. Tive uma vida de aventuras, mas agora sou casada e fui agraciada com sete filhos. Entrei aqui no dia 12 de agosto em 1988. O filho que mora comigo é deficiente, os outros já saíram de casa. Aqui na fazenda mora meu marido, minha filha e eu. Os filhos saíram cedo, pois queriam procurar serviços. O mais velho mora em Ribeirão, ele é evangelista, cuida de duas congregações. Essa terra tem quatro hectares e vim para cá quando encontrei um príncipe encantado e aqui estou desde 1982. Mas na região eu estou desde 1967. Trabalhava de empregada nas outras fazendas. Quando nos mudamos eu trabalhava como autônoma. A nossa primeira residência foi um ranchinho de palha. Chegamos aqui em fevereiro, ele já tinha a terra, mas ele cuidava da chácara de um diretor do núcleo de custódia no Taquari. Foi ali que a gente se conheceu. Ele trabalha como autônomo, é feirante na feira da lua e leva produtos aqui da propriedade para vender lá. Algumas vezes para complementar a carga ele compra algumas coisas. O meu marido é quem trabalha na roça, eu trabalho no colégio do Catingueiro como auxiliar de conservação e limpeza, eu uso meu dinheiro para melhorar minha residência. Produzimos caju, mandioca, acerola, quiabo, graviola, essas coisas que só dão em épocas distintas no ano. Essas frutas são como quiabo que só dá em tempo de chuva. Aqui temos também jabuticaba, mas ainda não produz. Crio galinha, e antes tinham porcos também, mas agora não tenho mais.

Antigamente, meu marido plantava fava, era assim que eu fazia o arroz com fava, mas ultimamente ele não está plantando. Quando a gente quer comer compramos na feira modelo. A Emater-DF já nos orientou muito sobre plantação, inclusive no tempo do programa Prove. Ele entrou nesse programa para criação de frango e a Emater-DF nos dava muita assistência. Criamos frango caipira, mas paramos porque a ração é muito cara e ele desistiu! Vejo que a Emater-DF faz cursos, mas não posso ir por conta do meu trabalho. A Emater-DF fez muitas reuniões aqui na comunidade.

Conseguimos melhorias foi com a ajuda do Pe. João que promovia reuniões e pedimos um posto de saúde, depois veio a luz, mas acho que já era projeto do governo. Hoje temos ônibus, água de poço, mas ainda falta muita coisa. Minha expectativa é continuar aqui, não penso em sair, é daqui pro céu! Porque eu amo essa região, aqui foi onde Deus me abençoou, me livrou dos meus problemas. Antes eu não tinha um lar certo, levava uma vida um pouco sofrida. Depois que eu cheguei aqui, eu vi que Deus me queria nesse lugar, que aqui eu recebi as bênçãos. Ele me deu um lar certo, um esposo certo, hoje servimos a Deus, então não temos planos de sair daqui. Eu creio que a comunidade daqui ama esse lugar, como eu também. Mas aqui falta uma linha de telefone, nós precisamos muito, às vezes, a gente usa celular e quer fazer uma ligação, tem que ir lá pra cima da serra. Então uma coisa aqui que a gente deseja muito é uma linha de telefone, no lar da gente.

Arroz com fava

Ingredientes:

- 1 kg de fava
- 6 xícaras (chá) de água
- 1 cabeça de cebola picada
- 3 dentes de alho amassado
- 3 xícaras (chá) de arroz
- 100 g de bacon
- Sal a gosto

Modo de Fazer:

Lavar a fava com água quente colocando-a para cozinhar. Fritar o bacon. Refogar o arroz, e colocar a fava cozida, acrescentar água quente. Temperar a gosto (sal, pimenta, cheiro verde, salsa, pimenta de cheiro).



MILCA GOMES CARDOSO DA SILVA
Núcleo Rural Catingueiro, Sobradinho



PEDRO JARDIM
Comunidade Euler Paranhos, Paraná



Neste depoimento, o senhor Pedro Jardim, assumiu o papel de entrevistado em substituição a sua esposa Joana D'arc: Temos três áreas aqui, num total de sete hectares, sendo que quatro eu tenho o cultivo. Tenho a área residencial, a área de lazer e pomar, o resto, dois hectares, tem exclusivamente cultivo de café. É uma área irrigada, lá só tem a entrada do carro apenas para levar adubo e retirar o produto que é plantado com cultivo orgânico. Na que eu resido, Joana D'arc, tem pomar, porque foi a nossa origem aqui. Sou filho de agricultores e até os 16 anos lidei com roça, no Espírito Santo, na cidade Ailho Viváqua, antiga Marapé, antiga São Felipe, foi mudando de nome, de acordo com a política. Meu pai tinha uma propriedade, onde ele criou a família, uma turma de 12 filhos. Como a propriedade era pequena, cada um teve que sair, é claro! Eu fui o primeiro a sair, apesar de ser o quarto filho a nascer. Puxei o carro, fui pra o Rio de Janeiro, prestei um exame no exército, ingressando e permanecendo lá por 37 anos. Depois, passei uns 13 anos na presidência como funcionário e quando fui para a reserva resolvi voltar às origens. Eu já estava aqui antes de me aposentar definitivamente. Porque eu adquiri essa área em 1978. Aliás, eu fui o primeiro a trabalhar aqui, tanto que o Moacir que veio um pouquinho depois de mim, quando ele passava e me via trabalhando, ele dizia: - "Vou te dar uma medalha!" Eu, no exército, por uns 12 anos fui monitor de educação física, depois outras funções e toda vida cuidei da parte física, mas isso aqui é que dá a vida ao corpo e ao espírito. O senhor vê, a gente reside cercado de verde, vive junto do verde, cuida do verde, isso aí é muito bom. Isso aí é muito importante na vida da gente. E o senhor imagina, eu, aposentado na janela de um apartamento em Brasília. E a família gosta do sítio, embora não morem aqui porque trabalham, mas no fim de semana tão sempre aqui.

O café vem da origem de meu pai, que era produtor de café lá. Eu não tenho criação, eu não quis misturar as coisas, porque fica difícil. Comecei o plantio em 1999, tem cinco anos. Nós iniciamos um processo de certificação internacional, o IBD, mas surgiram uns problemas com o pessoal que estava tratando do assunto, deram pra trás e acabou ficando sem efeito. A prática do café é toda orgânica, e inclusive agora com os vizinhos estamos de novo, na fase de certificação. A minha primeira colheita de café, de dois a três anos, deu uma super colheita, praticamente, e era prática convencional. Eu colhi, em média, 90 sacas em dois hectares. Foi considerada muito boa, mas eu descuidei do meu café no ano seguinte, não dando os nutrientes necessários. As circunstâncias... descuidar de uma lavoura de café um ano, vai passar dois anos pra recuperar. Tem que tratar, continuamente.

Este ano estou fazendo modificações, com as perdas entrei no processo do orgânico, mas o meu café foi plantado muito adensado, o que requer muitos cuidados. Ele foi plantado com espaçamento de 1.50 m, uma linha da outra, de pé para pé com 1 metro. Até aí tava bom, mas o problema é 1.50 m porque fechou e esse fechamento não deixa dar café na saída. Não tem ventilação, não tem penetração da luz e também tem uma tendência muito grande ao bicho mineiro. Não suja, mas em compensação, perde produtividade. Até pra andar lá, colher tudo, dificultou, porque juntou mesmo. Nessa fase, ficou vindo técnico de Minas, o próprio pessoal da Emater-DF e da Embrapa.

A Emater-DF entrou na história, o Dr. Paulo é assíduo aqui. Eu sou cliente dele, ele está aqui sempre e qualquer coisa eu vou lá e falo com ele. Para escolha da tecnologia, eu fui mais em função do Moacir, ele toda vida lidou com esse negócio e falava e falava. Minha filha andou a disposição do Ibama, andou pelo país aí fora, pelo Brasil todo, e ela gosta disso aí. Então nós optamos. E agora esse ano que passou, eu e Paulo e ouvindo

do outros resolvemos eliminar uma linha em parte. Para falar a verdade, eu nem fui lá, para ver tirarem a linha. Mandei cortar e nem fui, porque se eu cortar um pé de café, eu largo tudo... Eu acho que vou ter produção, agora depois que fiz essa poda. Eu acho que o manejo do meu café não foi bom, hoje entendo que ele não foi bom, as podas deviam ser feitas desde o início, então tem que ter uma lavoura cuidada, com poda e tratamento desde o início.

Eu hoje chego a essa conclusão, agricultura é assim, é igual criar criança, tem que cuidar desde o primeiro dia. Eu acredito que agora, a partir desse ano, a minha colheita vai melhorar, porque agora eu tenho espaço, o café recebe calor, sol na cabeça e água na raiz.

A EM ATER sempre acompanhando, o sindicato rural mandava vir o técnico dessas cooperativas de Minas, veio aqui gente importante, muitos técnicos de nome na praça, bem avançados. Manejo de praça é meio preventivo, eu tenho uma receita que é até do Moacir. Então a gente prepara: envolve pimenta do reino, sabão neutro, resto de peixe, álcool. Aí prepara e fica uma calda gostosa que dá vontade até de beber. E isso aí a gente aplica na lavoura. Hoje tenho todos três hectares orgânicos, já uns quatro ou cinco anos, os novos já nasceram orgânicos desde a origem, inclusive ele é plantado com bananeiras, abacateiros pra sombrear. Isso eu peguei de uma revista.

Por enquanto, o café não paga as despesas da lavoura, mas eu acredito a partir desse ano, com essa nova implantação que eu fiz. Está uma beleza! Hoje eu estou comercializando pessoalmente, tenho uma filha que trabalha na Caixa Econômica e já umas três agências, a dela e mais umas duas, adquirem o meu café que já sai daqui torrado. Saf até na xícara! Eles servem meu café para os servidores das agências e os servidores adquirem, porque é um café especial, diferenciado. Estamos adquirindo vários compradores, que compram três quilos por quinzena. Porque pro mercado, a gente não tem capacidade, porque o mercado quer estoque. O pessoal que ajuda aqui no sítio foi treinado com a organização do sindicato e a Emater-DF. A cabeça é a Emater-DF, é por meio deles que brotam aqui essas organizações. Nós temos o sindicato rural e aqui é a Emater-DF do Paraná que nos atende. O Dr. Paulo, o Jean, a Marta, esse pessoal todo aí. E de tempos em tempos é organizado um dia, uma reciclagem. Já veio muita gente aqui pra dar curso de terra, pra provar o café, pra preparação de adubo, pra preparar o bocado, tudo isso já foi instruído através da Emater-DF.

Vamos dizer assim, se não fosse a Emater, como eu estaria hoje tratando desse meu café? Eu conheço o café lá do Espírito Santo que a terra é natural, você planta ele dá. Mas tem aquele negócio, às vezes, a pessoa não sabe que tratando dá mais. É o caso aqui, se eu não tivesse o apoio do Paulo. Todo período de adubação, ele está aqui fazendo a receita. Ele dá a receita e eu faço o adubo. O Dr. Moacir Pereira Lima, o Dr. Joel e outros companheiros. Tem também o Coronel Marcel, ele ainda não é orgânico, mas cultiva o dele orientado também pela Emater-DF.

A famosa receita do mouse de café de Dona Joana D'arc é boa como é famosa e realmente é bem gostosa; tudo que tem café é bom! O que eu tenho interesse, é que aqui, principalmente na minha região, mas algum companheiro se disponha a plantar café, a gente anda aí incentivando e tal. Eu inclusive tive a idéia de adquirir esse maquinário por que seria difícil produzir um café orgânico e negociar ele em grão, ou coco como se chama. Então, por isso que eu pensei em adquirir essas máquinas, e facilitar também os companheiros aqui. Nós temos uma associação, a Associação dos Produtores de Café Orgânico (APROCOR), já fundada há uns quatro anos ou mais. Mas ela não

andou não, não sei se foi administração ou outras coisas, mas desanimou. Mas a associação ela ainda existe, falta empurrar. Agora eu vou preparar um cafezinho pra gente.

Mousse de café

Ingredientes:

- 1 lata de leite condensado
- 1 lata de creme de leite
- 1 envelope de gelatina sem sabor
- 3 ovos
- 1 xícara (café) de café solúvel

Modo de fazer:

Bata as claras em neve (reserve). Em outro recipiente coloque os ingredientes restantes bata bem na batedeira no nível médio por aproximadamente 5 minutos. Após o término acrescentar as claras em neve e misturar delicadamente. Colocar em taças e decorar com grãos de café.



"Cheguei a Brasília em Janeiro de 1960. Nascida na Bahia e criada em Goiás, na roça, aprendi a plantar o milho, o feijão e o arroz. Trabalhei em casa de família, junto com o marido. Lutei muito. Hoje, aposentados, voltamos à vida rural. Também trabalho com artesanato, costuras de bolsas, depois de um curso que fiz na Emater, gosto muito dos encontros, é difícil ir, mas vale a pena!"

Helena Lemos Matos

Produtora Rural - Comunidade Chapadinha - Brazlândia

Cuscuz baiano

Ingredientes:

- 1 kg de flocos de milho (milharina)
- 1½ xícara (chá) de queijo ralado
- 1½ xícara (chá) de mussarela picado em cubinhos
- ½ colher (sopa) de sal
- 200 g de bacon picado em cubinhos e frito
- 200 g de lingüiça calabresa cortada e frita
- 1 cebola picada e refogada
- cheiro verde à gosto

Modo de fazer:

Coloque os flocos de milho em uma tigela e adicione água aos poucos até formar uma massa úmida. Acrescente o sal e deixe a massa descansar por alguns minutos. Misture na massa de flocos de milho umedecida, o queijo ralado, o queijo mussarela, o bacon, a lingüiça calabresa, a cebola e o cheiro verde. Em seguida, coloque a massa na forma de cuscuz (cuscuzeira) e leve ao fogo por 10 a 15 minutos. Desinforme o cuscuz e sirva quente.



HELENA LEMOS MATOS
COMUNIDADE CHAPADINHA
BRAZLÂNDIA



SABORES DA COZINHA BRASILEIRA NA CAPITAL DO PAÍS

A cozinha brasileira é tão vasta e variada quanto os habitantes que para cá convergiram. Na verdade, cada região tem seu jeito de cozinhar, os seus temperos, seus cheiros e sabores particulares. Assim é Brasília, tem um pedacinho de cada região, não só do Brasil, mas também do mundo.

Embora mesclada com tantas culturas diferentes, podemos dizer que a culinária brasileira tem uma forte influência da cozinha mineira e também da terra das esmeraldas, Goiás, acentuado pelo sabor das comidas do Norte, Nordeste e pelo churrasco gaúcho.

Não podemos deixar de mencionar, a influência da cozinha internacional de muitos países, representados pela cozinha japonesa, Espanhola e Italiana cujas delícias dão um toque exótico e saboroso à mesa rural nesta Brasília de todos nós.

SABORES DO NORTE

Bolinhos de Pirarucu

Ingredientes para 30 unidades:

- 1 kg de pirarucu seco, dessalgado (deixar de molho para tirar o sal por 12 horas)
- 1 kg de batata cozida
- 2 cebolas grandes picadinha
- 2 colheres (sopa) de pimenta-de-cheiro
- 1 ramo de coentro
- 1 ovo
- 1 xícara (chá) de farinha de trigo para empanar
- Óleo para fritar

Modo de fazer: tempo de preparo 30 minutos

Retirar o excesso de água do pirarucu, já sem sal, com a ajuda de um pano seco e limpo. Desfiar todo o peixe. Amassar a batata cozida, juntar o pirarucu desfiado e os ingredientes restantes e 1 colher de sopa de farinha de trigo. Amassar misturando tudo muito bem. Enrolar os bolinhos e empanar com a farinha de trigo, fritar em óleo bem quente. Servir a seguir.

Doce de Buriti

Ingredientes: para 20 porções

- 10 xícaras (chá) de polpa de buriti
- 10 xícaras (chá) de açúcar
- 1 xícara (chá) de água
- 4 cravos-da-índia

Modo de fazer e tempo de preparo de 30 minutos.

Misturar a polpa de buriti com o açúcar, depois acrescentar a água e o cravo-da-índia. Levar ao fogo brando, mexendo sem parar com 1 colher de pau. Quando o doce estiver em ponto de massa, retirar do fogo. Esperar esfriar e servir

SABORES DO NORDESTE

Receita de Acarajé

Ingredientes para 20 unidades:

- ½ kg de feijão fradinho
- 2 cebolas picadas
- Sal a gosto
- Azeite-de-dendê
- Molho de pimenta malagueta
 - 1 xícara (chá) de camarão seco
 - 2 a 3 pimentas malagueta
 - 1 cebola grande
 - 1 xícara (café) de azeite-de-dendê
 - Sal a gosto



Modo de fazer: tempo de preparo 40 minutos

De véspera, escolher o feijão, lavar e colocar de molho em uma tigela com água. No dia seguinte, eliminar as cascas do feijão, esfregando os grãos com as mãos; caso não soltem com facilidade, escorrer a água, colocar os grãos entre dois guardanapos e friccionar com as mãos. Depois ir batendo o feijão aos poucos em um liquidificador, juntando um pouco de água e a cebola. Quando terminar, temperar com sal a gosto e misturar tudo muito bem. Aquecer bastante o azeite-de-dendê numa frigideira funda. Fritar a massa em colheradas até que os bolinhos fiquem cozidos por dentro e dourados por fora. Escorrer sobre papel absorvente e mantê-los aquecidos.

Modo de preparar o molho:

Eliminar a casca dos camarões. Reservar metade do camarão e colocar o restante no liquidificador Acrescentar a pimenta malagueta, a cebola, o azeite-de-dendê e sal a gosto, bater até obter o molho. Despejar num pirex e adicionar o restante dos camarões. Usar o molho para recheiar o acarajé ou acompanhar pratos a base de peixe. Para servir corte o bolinho ao meio e recheie-o com o molho de pimenta.

Sugestão: Se desejar recheie o acarajé também com vatapá.



Munguzá

Ingredientes para 8 porções:

- 1 pacote (250 g) de milho branco para canjica
- 1 ½ vidro (300 mL) de leite de coco
- 1 pacote (100 g) de coco ralado
- 1 xícara (chá) de açúcar
- 2 colheres (chá) de sal

Modo de fazer: tempo de preparo 2 horas

De véspera, deixar o milho de molho em água fria. No dia seguinte, escorrer e colocar numa panela com 2 litros de água e os demais ingredientes. Levar ao fogo para cozinhar até que o milho fique macio e o caldo espesso. Servir o munguzá morno ou gelado.

Observação: na Bahia o munguzá é servido no café da manhã.

Baião-de-dois

Ingredientes para 6 porções:

- ½ kg de feijão
- 3 colheres (sopa) de óleo
- 2 cebolas picadas
- 4 dentes de alho amassados
- 3 tomates picados sem pele e sem semente
- Cheiro verde picado
- Sal e pimenta a gosto
- ½ kg de arroz, lavado e escorrido

Modo de fazer: tempo de preparo 1 hora

Cozinhar o feijão, deixando os grãos inteiros, escorrer e reservar o caldo. Numa panela, aquecer o óleo e fritar a cebola e o alho. Juntar o tomate e o cheiro verde e refogar. Temperar com sal e pimenta do reino a gosto. Acrescentar o arroz e o caldo de feijão reservado, juntando água, se for preciso, para completar o cozimento do arroz. Misturar o arroz com o feijão e servir.



SABORES DO CENTRO-OESTE

Vaca atolada

Ingredientes para 6 porções:

- 1 ½ kg de costelas de boi
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- 3 dentes de alho amassados
- 3 colheres (sopa) de óleo
- 1 cebola grande picada
- 2 tomates picados sem pele e sem sementes
- ½ kg de mandioca
- ½ maço de cheiro verde picados

Modo de fazer: tempo de preparo 1 hora.

Temperar as costelas com sal, pimenta-do-reino e alho. Aquecer o óleo numa panela grande e fritar a cebola. Acrescentar as costelas e fritar bem. Juntar o tomate e refogar. Adicionar 2 xícaras de chá de água, tampar e cozinhar por 20 minutos. Enquanto isso, descascar a mandioca, cortar em pedaços e lavar bem. Colocar em uma panela com as costelas e cozinhar por mais 25 a 30 minutos ou até quando estiverem bem cozidos. Misturar o cheiro verde e servir quente.



Caburé

Ingredientes para 8 porções.

- ½ kg de mandioca crua ralada
- 1 xícara (chá) de queijo minas meia cura ralado
- 2 ovos
- 1 colher (sopa) de açúcar
- 1 colher (sopa) de manteiga
- 1 colher (sopa) de polvilho doce
- 1 pitada de sal
- Manteiga para untar

Modo de Fazer: tempo de preparo de 1 hora.

Colocar todos os ingredientes em uma tigela e misture bem. Despejar este creme em uma assadeira untada. Levar ao forno moderado para assar por aproximadamente 20 minutos, até dourar. Servir frio.

Bombocado de mandioca

Ingredientes:

- 1 kg de mandioca ralada
- 6 ovos
- 1 lata de leite condensado
- 1 pacote de coco ralado
- 2 vidros de leite de coco
- 2 xícaras (chá) de açúcar
- 1 xícara (chá) de farinha de trigo
- 5 colheres (sopa) de margarina
- 1 colher (sopa) de fermento químico em pó.

Modo de Fazer:

Colocar numa tigela a mandioca ralada, o coco ralado, o açúcar, a farinha de trigo e o fermento químico em pó. Bater no liquidificador o leite condensado, os ovos, e o leite de coco, e juntar à mistura da a tigela e misturar bem. Levar para assar em tabuleiro untado e enfarinhado, em forno médio, por vinte minutos.



SABORES DO SUDESTE

Pão de queijo

Ingredientes para 30 unidades:

- 3 xícaras (chá) de polvilho azedo
- 5 colheres (sopa) de manteiga derretida
- 1 colher (sopa) de leite morno
- 3 a 4 ovos
- 3 xícaras (chá) de queijo minas meia cura ralado
- Sal a gosto
- Manteiga para untar o tabuleiro

Modo de fazer: tempo de preparo 40 minutos.

Colocar o polvilho numa tigela. Abrir um buraco no meio e juntar aí a manteiga derretida e o leite. Misturar bem. Acrescentar os ovos, o queijo e uma pitada de sal. Tornar a misturar e trabalhar com as mãos até obter uma massa homogênea que dê para enrolar bolinhas. Pré-aquecer o forno. Enrolar as bolinhas e colocar em tabuleiro untado. Levar ao forno já quente e assar até que o pão-de-queijo esteja ligeiramente dourado. Servir quente com café ou chá.

Broa de Massa de Queijo

Ingredientes:

- 2 dúzias de ovos
- 2 kg de massa de queijo
- 700 g de fubá creme de canjica
- 2 copos (americano) de açúcar
- 1 pitada de sal

Modo de fazer:

Coloque numa vasilha os ovos, o açúcar e o sal. Bata com as mãos. Acrescente em seguida a massa de queijo esmiuçada (despedaçada) usando as pontas dos dedos. Coloque o creme de canjica e misture tudo com as mãos, mas sem amassar, fazendo movimento leves de baixo para cima. Molhe as mãos com água para enrolar. Asse em forno pré-aquecido a 200°C.

*Receita gentilmente cedida pelas senhoras Roseli da Silva e Vicentina Tereza da Cunha – Carmo do Paranaíba/MG.

Doce de Leite

Ingrediente para 4 porções

- 1 litro de leite
- 2 xícaras (chá) de açúcar
- 1 pitada de sal
- Cravo-da-índia (opcional)

Modo de fazer: tempo de preparo 30 minutos.

Ferver o leite em fogo baixo junto com o açúcar e o cravo-da-índia, mexendo sempre até obter uma mistura cremosa. Retirar do fogo e bater bem com 1 colher de pau. Servir com queijo minas frescal como sobremesa.



Feijoada carioca

Ingredientes para 5 porções

- ½ kg de feijão preto
- 2 orelhas de porco
- 100 g de costela de porco
- 2 pés de porco
- 1 flocinho de porco
- 1 paio cortado em rodelas
- 100 g de toucinho defumado picado
- 1 cebola grande picada
- 2 dentes de alho amassado
- 1 folha de louro
- Sal a gosto

Ingredientes para o molho:

- 2 tomates picados
- 1 cebola picada
- 1 pimenta malagueta picada
- Sal a gosto
- 1 xícara (chá) de vinagre
- 2 colheres (sopa) de azeite de oliva

Modo de fazer: tempo de preparo 3 horas.

De véspera, deixar o feijão de molho em água fria. Picar todos os pertences para feijoada e colocá-los de molho, trocando a água para retirar todo o sal. No dia seguinte, colocar o feijão e as carnes para cozinhar em panelas separadas, menos o paio. Quando o feijão e as carnes estiverem cozidos, mas não demais, juntar tudo numa panela grande. Acrescentar o paio e o cozinhar mais um pouco. Numa frigideira, preparar o tempero, fritar o toucinho em sua própria gordura. Quando dourar, retirar os torresmos reservar e fritar a cebola, o alho e o louro. Despejar esse tempero na panela da feijoada e deixar ferver um pouco para o caldo engrossar e absorver bem o tempero. Provar o sal e se for necessário, acrescentar um pouco. Para o molho, misturar todos os ingredientes. Acrescentar uma concha de caldo de feijão e misturar bem. Servir a feijoada bem quente com arroz branco, couve picada, rodelas de laranja e farinha de mandioca torrada com torresmo.



Mariolas

Ingredientes para 10 porções

- 12 bananas marmelo bem maduras
- 1 xícara (chá) de açúcar
- 1 xícara (café) de caldo de limão
- Açúcar refinado para salpicar nas mariolas
- Manteiga para untar o tabuleiro

Modo de fazer: tempo de preparo 1 hora.

Descascar as bananas, colocar no caldo de limão para não escurecer, em seguida amassá-las ou batê-las no liquidificador. Colocar a massa num tacho de cobre e colocar o açúcar, levar ao fogo e deixar cozinhar até que o fundo do tacho apareça. Colocar num tabuleiro untado com manteiga, esparramar bem, deixar esfriar e cortar em quadradinhos, salpicando com açúcar refinado.



Bombons caseiros

Ingredientes para 12 porções

- 400 ml de leite
- 400 g de chocolate em pó
- 2 latas de leite condensado

Modo de fazer: tempo de preparo 30 minutos.

Misturar todos os ingredientes e amassar bem com as mãos até obter uma massa homogênea. Faz os bombons (bolinhas) e colocar para secar. Se preferir pode rechear com ameixa ou amêndoas.

Roupa velha

Ingredientes para 4 porções

- Sobras de carne cozida ou assada (cerca de ½ kg)
- 2 colheres (sopa) de banha de porco
- 1 cebola cortada em rodelas
- 1 dente de alho picado
- 2 tomates picados e sem pele
- ½ xícara de chá de cheiro verde picado
- 1 pimenta dedo de moça
- 1 repolho pequeno

Modo de fazer: tempo de preparo 30 minutos.

Desfiar a carne e cortar em pedaços de 3 a 4 cm. Derreter a banha, e colocar a carne para fritar. Acrescentar a cebola, o alho, o tomate, o cheiro verde e a pimenta inteira. Regar com ½ xícara de chá de água. Tampar a panela e cozinhar em fogo brando por 10 minutos. Cortar o repolho em tirinhas e adicionar à panela. Manter o fogo baixo até que o repolho fique macio. Retirar a pimenta e servir acompanhado de arroz branco.

Espera Marido

Ingredientes para 4 porções

- ½ kg de açúcar
- 2 copos (americanos) de água
- 10 gemas
- 1 vidro de leite de coco
- Canela em pó à gosto

Modo de fazer: tempo de preparo 40 minutos.

Diluir o açúcar em 2 copos de água e levar ao fogo até obter uma calda espessa. Retirar do fogo e deixar esfriar. Acrescentar as gemas e o leite de coco, e mexer com uma colher de pau. Levar de volta ao fogo e apurar mexendo sempre, até desprender do fundo da panela. Servir em tigelas pequenas polvilhadas com canela em pó. Com clara de ovos e ameixas pretas.



Peixe à Escabeche

Ingredientes para 10 porções

- 2 kg de peixe namorado ou pintado em postas
- 2 limões
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- 2 xícaras (chá) de farinha de pão
- Óleo suficiente para fritar

Ingredientes para o molho:

- ½ xícara (chá) de azeite de oliva
- 4 cebolas grandes, cortadas em rodelas
- 5 dentes de alho
- Sal a gosto
- 1 xícara (chá) de molho de tomates
- 1 xícara (chá) de cheiro verde picado, coentro
- Pimenta malagueta

Modo de fazer: tempo de preparo 45 minutos

Limpar bem o peixe com água e limão. Picar em postas médias. Temperar com suco de limão, sal e pimenta-do-reino e deixar marinar no tempero por 30 minutos. Passar os pedaços na farinha de pão. Aquecer bastante o óleo em uma panela e fritar as postas de peixe. Colocá-las sobre papel absorvente, para retirar o excesso de óleo. Para preparar o molho, aquecer o azeite, refogar a cebola e acrescentar todos os ingredientes. Deixar ferver por 5 minutos. Numa panela de barro, colocar as postas de peixe fritas e, por cima, acrescentar o molho. Servir com arroz branco.



SABORES DO SUL

Arroz de Carreiro

Ingredientes para 6 porções

- ½ kg de charque
- 2 colheres (sopa) de óleo
- 1 cebola picada
- ½ kg de arroz, lavado e escorrido
- Sal a gosto

Modo de fazer: Tempo de preparo de 1 hora.

De véspera, lavar bem o charque e levá-lo ao fogo numa panela com água. Deixar ferver por alguns minutos, em seguida trocar a água. Repetir esta operação 3 vezes, para retirar o excesso de sal. Por último, deixar de molho na água fria até o dia seguinte. No outro dia, escorrer bem o charque e cortá-lo em pequenos pedaços. Levar ao fogo uma panela com óleo e refogar a cebola. Em seguida, acrescentar o charque, o arroz e 4 xícaras de água fervente. Provar, se necessário, adicionar o sal. Cozinhar em fogo baixo com a panela tampada até que o arroz esteja macio e úmido. Servir com churrasco gaúcho a feijão mexido.

Cuca de banana

Ingredientes para 6 porções

- 4 ovos
 - 2 xícaras (chá) de açúcar
 - 3 colheres (sopa) de manteiga
 - 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
 - 1 xícara (chá) de amido de milho
 - 1 colher (sopa) de fermento químico em pó
 - ¼ xícara (chá) de leite
 - 1 cálice de conhaque
 - 1 pitada de sal
 - 4 a 5 bananas nanica
 - Manteiga para untar
- Cobertura:
- 6 colheres (sopa) de açúcar.
 - 8 colheres (sopa) de farinha de trigo
 - 3 colheres (sopa) de manteiga
 - Canela em pó a gosto.

Modo de fazer: tempo de preparo de 50 minutos.

Pré-aquecer o forno em temperatura média de 180°C. Bater bem as gemas com açúcar. Juntar a manteiga e bater novamente. Ir adicionando a farinha de trigo, o amido de milho e o fermento, batendo sempre e regando a massa com o leite e com o conhaque. À parte, bater as claras em neve com o sal. Em seguida, juntar as claras batidas à massa, mexendo delicadamente, sem bater. Despejar a massa numa assadeira untada. Descascar as bananas e cortá-las ao meio, no sentido do comprimento e arrumá-las sobre a massa.

Para a cobertura, misturar bem todos os ingredientes e espalhar sobre a banana. Assar no forno por cerca de 30 minutos ou até que a cuca esteja seca.

Sugestão: no lugar de banana você pode usar maçã, abacaxi, pêra, pêssego etc.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRICULTURA: fonte de renda e emprego. Correio Braziliense, Brasília, DF, 27 nov. 2003. Informe Publicitário, p.10.
- ANSANI, Marcos Vinícius. Evolução da Emater-DF (1978-1992): processo de adaptação de uma empresa de extensão rural. 1996. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, 1996.
- AVANÇOS e novidades do plano safra da agricultura familiar para o ano agrícola 2007/2008. Plano Safra 2007/2008 da agricultura familiar.
- BEZERRA, Maria do Carmo Lima; VEIGA, José Eli da. (Org.). Agricultura sustentável. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2000.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. Política nacional de assistência técnica e extensão rural. Brasília: MDS, 2007.
- CARVALHO, João Luiz Homem de Carvalho. (Org.). Agricultura cidadã: a agricultura no Distrito Federal (1995-1998): novas formas de intervenção do Estado para um novo modelo de desenvolvimento rural. Brasília: Secretaria de Agricultura do Distrito Federal, 1998. 87p.
- CORALINA, Cora. Meu livro de cordel. 2.ed. São Paulo: Global, 1988.
- CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. 11.ed. São Paulo: Global, 1985.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Agricultura e Produção. Estudo da viabilidade econômica do projeto combinado agroubano de Brasília: exploração de sequeiro. Brasília, 1986.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Agricultura do Distrito Federal. Programa de verticalização da produção agrícola do Distrito Federal. Brasília: Emater, 1995.
- Emater-DF começa a atuar na região do Entorno. Jornal do Produtor, Brasília, DF, Ano 13, n. 123, p. 6-7, jan./fev. 1993.
- Emater-DF: história, realidade e perspectivas. Brasília: [s.n.], 2007.
- Emater-MG: Minas faz história. Belo Horizonte: [s.n.], 2006.
- Emater. Relatório de atividades: 1986. Brasília: Emater, 1987.
- FASSIO, Levy Heleno; CASTRO, Lúcio Lívio Frôes de. Um documento histórico sobre o meio rural capixaba. Vitória: Incaper, 2006. 120p.
- FONSECA, Maria Teresa Lousa da. A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital. Brasília: Loyola, 1985.
- GUEDES, Maria Eliza Corrêa. Transferência de tecnologia agropecuária: o difícil dilema da formação extensionista. 1996. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- MARQUES, Nivaldo Estrela; NORONHA, Hermando. Agricultura familiar: entender e transformar. Florianópolis: EPAGRI, 1998. 39p.
- OLINGER, Glauco. 50 anos de extensão rural: breve histórico do serviço de extensão rural no Estado de Santa Catarina: 1956 a 2006. Florianópolis: EPAGRI, 2006.
- RAMOS, Pedro (Org.). Dimensões do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2007.
- SÉMINARIO NACIONAL – A EXTENSÃO RURAL RUMO AO TERCEIRO MILÊNIO, 1994. Brasília. Resumos... [S.l.: s.n.], [1994?].
- SHIBATA chega ao mercado. Jornal do Produtor, Brasília, DF, v.15, n.123, p.12, jan./fev. 1993.
- TAVARES, Joaquim Alfredo da Silva. Brasília agrícola: sua história. Brasília: [s.n.], 1995.
- THEODORO, Suzi Huff. (Org.). Conflitos e uso sustentável dos recursos naturais. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 343p.

AGRADECIMENTO AOS COLABORADORES

Registramos, a seguir, os sinceros agradecimentos aos técnicos, extensionistas e demais servidores da Empresa que contribuíram de forma despretensiosa, mas de maneira singular, para elaboração deste livro. Não fossem tais contribuições, este livro comemorativo dos 30 anos da Emater-DF não teria sido possível.

Colaboradores

Álvaro Eleutério da Silva
Anísio Silva Souza Filho
Arnoldo Castiglioni Aguiar
Antônio Dantas Costa Junior
Blaiton Carvalho da Silva
Carlos Antonio Banci
Carmem Pinage Lopes
Cláudia Márcia Freitas
Edineuza de Queiroz Pereira
Égley Lúcia Breda
Eusângela Antonia Costa
Francisco A. Cândia de Matos
Francisco de Assis Claudino de Souza
Francisco José da Costa
Geraldo Magela Contijo
Isabel Cristina da C. Lima
Jean Mark Fonseca
João Alves Nogueira
João Bernardino de Souza
João Colemar Guimarães
João Pires da Silva Filho
José Lopes Germano
José Nilton Campelo Lacerda
Luciana Xavier Ramos
Luciano Mendes da Silva
Luís Augusto Rocha
Luiz Carlos da Silva
Manuel Luciano Bezerra Filho
Marcelo Pereira
Marconi Moreira Borges
Marcos de Lara Maia
Maria de Fátima Pereira
Maria do Carmo dos Santos Barbosa
Maria José Lopes Ferreira Matos
Mário Felipe de Melo
Meire Maria Pinto
Quédina Martins Rocha
Reinaldo Pena Lopes

Renato de Lima Dias
Roberto Guimarães Carneiro
Rodrigo Marques Batista
Sandra Cristina de Sousa
Sebastião Donizete Benvenuto
Sebastião Márcio Lopes de Andrade
Silvana das Graças Reinert Dias
Sônia Alves Lemos
Sumar Magalhães Ganem
Vera Lúcia da Silva Colen
Vera Oni Ferreira Matos



Comissão de Elaboração do Livro História dos 30 Anos da Emater-DF
Portaria Presi nº 366/2007, de 22 de agosto de 2007
Shiguo Matsuura
Sérgio Dias Orsi
Selma Aparecida Tavares
Maria Eliza Corrêa Guedes
Aurelita Gomes de Moraes

Publicação comemorativa dos 30 anos da
Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal,
composta em fonte ZapflHumst BT,
impressa em papel couchê 120 g/m2 para o miolo e
cartonado 230 g/m2 para a capa.
Brasília, 7 de abril de 2008.